

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO SOCIAL
CAMPUS DO PANTANAL**

KETYLEN KARYNE SANTOS DA SILVA

**MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL (MUHPAN) E ANÁLISE DA INTERAÇÃO
ENTRE O VISITANTE, MEDIADOR E OBJETO DA EXPOSIÇÃO**

**Corumbá - MS
2018**

KETYLEN KARYNE SANTOS DA SILVA

**MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL (MUHPAN) E ANÁLISE DA INTERAÇÃO
ENTRE O VISITANTE, MEDIADOR E OBJETO DA EXPOSIÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, do *Campus* do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção ao título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josiane Peres Gonçalves.

**Corumbá - MS
2018**

KETYLEN KARYNE SANTOS DA SILVA

**MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL (MUHPAN) E ANÁLISE DA INTERAÇÃO
ENTRE O VISITANTE, MEDIADOR E OBJETO DA EXPOSIÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, do *Campus* do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof.^o Dr.^o Jorge Eremites de Oliveira
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Prof.^a Dr.^a Edelir Garcia Salomão
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS

Prof.^a Dr.^a Beatriz Rosalia Gomes Xavier Flandoli
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS

**Corumbá - MS
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus avós Honório Machado da Conceição e Tereza Auxiliadora dos Santos Mendes que sempre me incentivaram a estudar e a acreditar que o estudo é o único meio de alcançar a realização plena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e perseverança na busca por meus objetivos de vida.

Agradeço a minha orientadora Josiane Peres Gonçalves que sempre agiu de forma humana e dedicada, contribuindo grandemente na realização e conclusão desta pesquisa.

Agradeço aos professores Edelir Garcia, Elaine Cancian e Jorge Eremites por sempre contribuir na minha caminhada acadêmica.

Agradeço as minhas amigas Jeane Cristina e Fernanda Loureiro pelas enormes contribuições dadas.

Agradeço a minha família em especial a minha mãe, avó e irmão Edson que sempre me incentivaram a estudar e a acreditar que o estudo pode elevar o indivíduo.

Enfim, agradeço ao meu amado filho Miguel Cruz por compreender os meus momentos de ausência.

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade investigar as interações que ocorrem entre o visitante, mediador e objetos de exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada. O referencial teórico foi norteado por estudos sobre: a história dos museus na sociedade; o Museu de História do Pantanal (Muhpan); a educação em espaços não escolares; a teoria Sócio-Histórica de Vygotsky para fundamentar a questão da mediação e do processo de aprendizagem. A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, foi realizada inicialmente com 50 alunos do ensino médio de uma escola pública de Corumbá MS que preencheram um questionário sobre o Muhpan. Entre esses, 25 visitaram o referido museu, os quais foram divididos aleatoriamente em dois grupos, sendo que 12 fizeram visita livre e 13 fizeram a visita orientada, com o auxílio de um mediador. Ambos os grupos preencheram ao mesmo questionário logo após a visita ao museu. No decorrer da visita, também foram realizadas filmagens a fim de registrar todas as ações dos alunos. Após 6 meses da visita, foi feito novo contato com a escola, para então gravar entrevistas com dois alunos que realizaram a visita livre e dois alunos que realizaram a visita orientada. Ao comparar os resultados, evidencia-se que na visita orientada todos os alunos tiveram algum tipo de avanço, mesmo de forma modesta, enquanto que na visita livre ocorreram casos de alunos que não demonstraram avanços, ou como se nunca tivessem visitado o Muphan. Contudo, quem fez a visita orientada não teve um avanço muito superior, se comparado com quem fez a visita livre, porque o processo de aprendizagem depende das interações sociais de cada indivíduo que o leva a ter interesse ou não em adquirir novos conhecimentos. Conclui-se que, diante do propósito do Muhpan de contar a história do homem do Pantanal para que a comunidade local conheça e se sinta pertencente a essa história, é necessário que a população tenha contatos frequentes com o museu e que as escolas incentivem seus alunos a fazerem pesquisas, bem como realizarem visitas livres e orientadas no Museu de História do Pantanal.

Palavras-chave: Museus; visitas; mediação; processo educativo; conhecimento.

ABSTRACT

This research aims to investigate the interactions that occur between the visitor, mediator and exhibition objects in the museum, comparing what knowledge is assimilated during the free visit and guided visit. The theoretical reference was guided by studies on: the history of museums in society; the Pantanal History Museum (Muphan); education in non-school spaces; Vygotsky's Socio-Historical theory to substantiate the issue of mediation and the learning process. The qualitative field research was carried out initially with 50 high school students from a public school in Corumbá MS who filled out a questionnaire about Muphan. Among those students, 25 visited the museum, which were randomly divided into two groups, 12 of which made free visits and 13 made the guided visit with the help of a mediator. Both groups completed the same questionnaire shortly after the museum visit. During the visitation, filming was also carried out in order to record all the students' actions. After 6 months of the visit, new contact was made with the school, to record interviews with two students who made the free visit and two students who conducted the guided visit. When comparing the results, it is evident that in the guided visit all students had some kind of progress, even modestly, while in the free visit there were cases of students who did not show advances, or as if they had never visited Muphan. However, those who made the guided visit did not have a much greater advance compared to those who made the visit free, because the learning process depends on the social interactions of each individual that leads this to have interest in the acquisition of new knowledge. It is concluded that, in view of Muphan's purpose of telling the Pantanal man's history so that the local community knows and feels part of this history, it is necessary that the population has frequent contacts with the museum and that schools encourage their students to conduct research, as well as to conduct free and guided visits at the Pantanal History Museum.

Keywords: Museums; visits; mediation; educational process; knowledge.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

A.C. – Antes de Cristo

AP – Antes do Presente

CPAN – Campus do Pantanal

IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional

LAPAN – Laboratório de Arqueologia do Pantanal

MT – Mato Grosso

MS – Mato Grosso do Sul

MUHPAN – Museu de História do Pantanal

NOB – Noroeste do Brasil

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação (do CPAN/UFMS)

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Casa Wanderley & Baís.....	24
FIGURA 2 – Mapa de Localização e Compartimentalização do Pantanal	25
FIGURA 3 – Térreo do Museu de História do Pantanal	26
FIGURA 4 – Primeiro Pavimento do Museu de História do Pantanal.....	27
FIGURA 5 – Sítios Arqueológicos com Pinturas Rupestres no Estado de MT e MS.....	28
FIGURA 6 – Representação de Gravuras Rupestres.....	29
FIGURA 7 – Vestígio Cerâmico Tradição Pantanal	30
FIGURA 8 – Vestígio Cerâmico Tradição Descalvado	31
FIGURA 9 – Conquista Espanhola na Região do Pantanal.....	33
FIGURA 10 – Conquista Portuguesa na Região do Pantanal	34
FIGURA 11 – Segundo Pavimento do Museu de História do Pantanal.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Quantitativo de Visitação Anual do Museu de História do Pantanal.....	38
GRÁFICO 2 – Conhecimento dos alunos sobre o Pantanal.....	66
GRÁFICO 3 – Conhecimento dos alunos sobre a Arqueologia do Pantanal.....	66
GRÁFICO 4 – Conhecimento dos alunos sobre os Indígenas do Pantanal.....	67
GRÁFICO 5 – Conhecimento dos alunos sobre o Trem do Pantanal.....	68
GRÁFICO 6 – Conhecimento dos alunos sobre a Guerra do Paraguai.....	68
GRÁFICO 7 – Conhecimento dos alunos sobre o Porto de Corumbá.....	69
GRÁFICO 8 – Conhecimentos dos alunos sobre as Fazendas do Pantanal.....	69

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Perfil dos alunos que fizeram visita livre.	71
TABELA 2 – Perfil dos alunos que fizeram a visita orientada.	77

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. APRESENTAÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1 OS MUSEUS.....	18
2.1.1 Definindo Museus	18
2.1.2 Breve Histórico do Surgimento dos Museus	20
2.2 O SURGIMENTO DO MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL.....	22
2.2.1 Organização do Muphan e Histórico da Região do Pantanal	26
2.2.1.1 Térreo do Muphan	26
2.2.1.2 Primeiro Pavimento do Muphan.....	27
2.2.1.3 Segundo Pavimento do Muphan.....	35
2.2.2 Circuito expositivo do Muphan e direitos humanos.....	37
2.2.3 O Muphan e Práticas educativas.....	40
2.2.4 O Muphan e Função Social dos Museus: Comunicação, Educação e Cultura.....	42
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE MUSEUS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	45
2.4 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY E MEDIAÇÃO	48
2.5 LEVANTAMENTO EM BASE DE DADOS.....	55
3 METODOLOGIA.....	58
3.1 Objetivos.....	58
3.1.1 Objetivo Geral	58
3.1.2 Objetivos Específicos	58
3.2 Problematização.....	59
3.3 Pesquisa de Natureza Qualitativa	59
3.4 Instrumentos	60
3.5 Sujeitos ou Participantes da Pesquisa.....	60
3.7 Procedimentos	61
3.7 Análise dos Dados	63

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	64
4.1 Análise geral dos questionários preenchidos antes da visita ao Muphan	64
4.2 Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita livre	70
4.3 Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita orientada.....	77
4.4 Visita Livre X Visita Orientada: possíveis comparações entre os grupos de alunos	83
4.5 Análise sobre as entrevistas realizadas seis meses após a visita ao Muphan	85
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE I - Questionário Sobre Conhecimentos Obtidos Antes da Visita ao Museu	99
APÊNDICE II - Solicitação Para Realização da Pesquisa	101
APÊNDICE III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	103

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que de um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo: Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Antônio Cícero.

1. INTRODUÇÃO

Ao realizar cinco anos de trabalho dentro da Ação Educativa do Museu de História do Pantanal na cidade de Corumbá/MS, entre os anos de 2010 a 2015, sempre percebi a importância deste setor dentro do museu, por contribuir com a aquisição de conhecimentos relevantes por parte dos visitantes. Desde o início, a Ação Educativa sempre deu vida ao museu, sendo considerado o coração pulsante da instituição. A partir de sua inauguração em 2008, o Museu de História do Pantanal (MUHPAN) surpreendeu a comunidade corumbaense e ladarense, deixando de lado a ideia de museu como depósito de objeto e apresentou um museu vivo, com diversas atividades que estimulou o público a visitá-lo e a se sentir confortável.

Durante todo o período em que trabalhei como mediadora do Muhpan, foram inúmeros os grupos escolares ao qual tive oportunidade de orientar e sempre me questionava: a prática educativa proposta pelo museu tem contribuído para a construção de um conhecimento? O mediador do Muhpan tem conseguido desenvolver a interação entre os alunos/visitantes e o objeto de exposição? Será que existem diferenças significativas entre a visita livre e a visita orientada, sendo a primeira com e a segunda sem a presença do mediador?

A partir de tantas inquietações presentes em mim, ao abrir a seleção para o Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus do Pantanal (PPGE/CPAN), submeti uma proposta de pré-projeto de pesquisa intitulado “Prática Educativa no Museu de História do Pantanal/Muhpan: Uma Análise da Interação entre o Visitante, Mediador e Objeto da Exposição”. A intenção era analisar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição durante a visita ao Museu de História do Pantanal, com intuito de saber se a prática educativa desenvolvida no Muhpan vinha propiciando a construção de conhecimento sobre a História Regional Pantaneira, via educação em espaços não escolares como o museu.

Porém, após ingressar ao Mestrado em Educação como aluna regular, e a partir de alguns momentos de orientações, eu, juntamente com a minha orientadora, entendemos que era melhor substituir o termo “prática educativa”, visto que ela já não fazia mais parte da rotina do Museu de História do Pantanal. Devido à crise econômica que assola o Brasil, os mediadores foram dispensados e a prática educativa passou a se resumir somente na visita livre, sem ter a presença do mediador. Com isso, passamos a considerar também os conhecimentos que são obtidos pelos visitantes durante a realização de visitas livres.

Nesse contexto, a intenção da presente proposta de pesquisa é investigar as interações

que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados pelos alunos durante a visita livre e visita orientada. Para atender a esse propósito, foi realizado o levantamento bibliográfico, bem como a pesquisa de campo, cuja abordagem teórica baseia-se em estudos sobre os museus como espaço de educação não formal e na Teoria Histórico-Social de Vygotsky, para fundamentar os pressupostos de mediação e construção de conhecimentos.

A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, caracteriza-se pela realização de coleta de dados com alunos do 2º ano do ensino médio de uma escola pública de Corumbá MS. Primeiramente os 50 alunos preencheram um questionário e foram convidados para comparecer ao Muhpan em data previamente combinada, para dar continuidade à realização da pesquisa. Porém, no dia da visita ao museu, estava chovendo e somente a metade dos alunos compareceu. Dessa forma, a turma foi dividida aleatoriamente em: Grupo A, com 12 alunos, que fizeram a visita livre e Grupo B, com 13 alunos que fizeram a visita orientada. Ao término da visita, ambos os grupos responderam individualmente ao mesmo questionário, com questões abertas, sobre o que aprenderam durante o contato com o circuito expositivo do Muhpan. Após terem se passado seis meses da visita ao Muhpan, foram selecionados 4 alunos, sendo dois de cada grupo, para então gravar entrevistas individuais, a fim de analisar o que se lembravam sobre os conteúdos aprendidos durante a visita ao Museu de História do Pantanal.

Os dados da pesquisa foram organizados, sistematizados e analisados, por meio de categorias de análises, segundo a perspectiva de análise de conteúdo, sendo fundamentadas em autores que abordam sobre museus, bem como na teoria Socio-Histórica de Vygotsky.

Quanto ao trabalho escrito, encontra-se organizado em cinco partes: Após a “**Introdução**”, apresenta-se o “**Referencial Teórico**” com a intenção de lançar reflexões entorno dos conceitos de museus e suas transformações nas funções sociais, bem como o histórico, organização e ações educativas do Museu de História do Pantanal. Também são feitas análises sobre o conceito de educação não formal e Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, com ênfase para a mediação, sempre estabelecendo relações entre esses conceitos com a temática relativa aos museus.

Após a apresentação do referencial teórico, apresenta-se a “**Metodologia**”, com destaque para os objetivos, problematização, natureza da pesquisa qualitativa, o perfil dos participantes do estudo, os instrumentos e procedimentos utilizados para a realização da coleta de dados.

Em seguida, após a Metodologia, são apresentados os **Resultados e Discussões**, a partir da organização de cinco categorias: Análise geral dos questionários preenchidos antes

da visita ao Muhpan; Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita livre; Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita orientada; Visita Livre X Visita Orientada: possíveis comparações entre os grupos de alunos; Análise sobre as entrevistas realizadas seis meses após a visita ao Muhpan.

Por fim, são apresentadas as “**Considerações Finais**”, sobre a pesquisa, bem como as referências bibliográficas e os três apêndices: I - Questionário Sobre Conhecimentos Obtidos Antes da Visita ao Museu; II - Solicitação Para Realização da Pesquisa; e III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Espero que os dados obtidos mediante a realização da pesquisa possam contribuir para melhorar a organização interna das placas explicativas do Muhpan, bem como aprimorar o discurso dos educadores, pois mesmo diante de dois tipos de visita diferenciada, orientada e livre, os alunos dos diferentes grupos apresentaram dificuldades em temas semelhantes. Além do mais, os resultados da pesquisa poderão contribuir para que a população local obtenha maiores conhecimentos sobre sua história e se sintam estimulados a visitar com maior frequência este espaço cultural. Também espero a pesquisa seja mais suporte de formação para professores sobre a história regional, por tratar-se de um conteúdo importante, mas que muitas vezes não é considerado no processo formativo. Assim, espero contribuir para que o Muhpan se torne um conteúdo importante no processo de formação inicial e continuada dos professores de História e áreas afins de Corumbá, Ladário e região.

2. . APRESENTAÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem teórica do presente trabalho encontra-se organizada em cinco instâncias, a saber: a) No primeiro momento, o leitor será contextualizado sobre a definição e histórico dos museus; b) em seguida, são apresentadas informações inerentes ao Museu de História do Pantanal, sendo comentado tanto sobre a organização do circuito expositivo em cada um dos três pavimentos, quanto sobre as ações educativas e a função social dos museus; c) dando continuidade, apresentam-se discussões relativas à educação não formal e relação com os museus; d) também são feitas análises sobre a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, com ênfase para os processos de mediação e relação da teoria com os museus; e) finalmente, são descritas informações obtidas junto ao levantamento em base de dados, sobre as palavras-chave museu, educação não formal, mediação e Vygotsky.

2.1 OS MUSEUS

2.1.1 Definindo Museus

A palavra museu vem do grego museion, remonta ao templo das musas, filhas de Mnemósine (a memória), que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-los para a coletividade (JULIÃO, 2006).

No decorrer do tempo os museus foram adquirindo novas estruturas e sua definição foi se consolidando. De acordo com Barbosa (1994), o Comitê Regional para a América Latina e Caribe - ICOM, em 1956, apresentou a definição de museu como um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras e, conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários.

Para Barbosa (1994), a versão aprovada pela 20ª Assembléia Geral de Barcelona, Espanha, em 6 de julho de 2001, estabelece que Museu é uma Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. Além das instituições designadas como “Museus”, são considerados incluídos nesta definição os seguintes espaços:

- a) Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos;

- b) Os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquirem, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno;
- c) As instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais, como os jardins zoológicos, botânicos, aquários e vivários;
- d) Os centros de ciência e planetários;
- e) As galerias de exposição não comerciais;
- f) Os institutos de conservação e galerias de exposição, que dependam de bibliotecas e centros Arquivística;
- g) Os parques naturais;
- h) As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus;
- i) Os ministérios ou as administrações sem fins lucrativos, que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo, relacionadas aos museus e à museologia;
- j) Os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais;
- k) Qualquer outra instituição que reúna algumas ou todas as características do museu, ou que ofereça aos museus e aos profissionais de museus os meios para realizar pesquisas nos campos da Museologia, da Educação ou da Formação.

No Brasil, em 14 de janeiro de 2009, foi aprovada a Lei nº 11.904 que instituiu o Estatuto de Museus e orienta, entre outras coisas, sobre a preservação, conservação, restauração, segurança, pesquisa, ação educativa, difusão cultural, etc. Em seu Art. 1º, a referida lei apresenta a definição de museu.

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Com o decorrer dos anos, os museus foram diversificando a sua definição e sistematizando a sua organização enquanto instituição de atendimento ao público. No primeiro momento da história, os museus se apresentavam como locais reservados a estudos e restritos a determinadas camadas sociais. Na idade Média surge o ato de colecionismo e a ideia de museu como um espaço reservado a uma exposição. Neste período ainda tinha a preocupação de atender a todo o público ou de organização dos acervos.

Após a Revolução Francesa se inicia a institucionalização dos museus, onde o Estado assume o papel de organização desta instituição. Nessa época os museus se consolidam com a função de propagar o civismo e o nacionalismo para o Estado recém-criado. E a partir deste período, foram se ampliando os olhares voltados para o museu. Tanto que na realidade brasileira foi elaborada em 2009 uma legislação específica voltada a orientação de como devem ser organizados e mantidos os espaços museológicos.

2.1.2 Breve Histórico do Surgimento dos Museus

De acordo com Julião (2006), a palavra museu é de origem grega Mouseion e se referia aos templos onde se reuniam coleções reservadas aos estudos científicos, literários e artísticos. A partir do século XV, com o movimento do renascimento e expansão marítima, o ato de colecionar estimulou a criação de museus particulares, pois era “moda” ser proprietário de objetos encontrados na América e na Ásia. Já no século XVII e XVIII os objetos passaram a ser organizados a partir de critérios de categorias, deixando de ser espaço de curiosidade e passando a ser espaço de pesquisa.

A concepção atual de museu surgiu a partir da Revolução Francesa, com o intuito de propagar o civismo e a história nacional, um exemplo disso é o museu do Louvre, inaugurado em 1793. No final da Segunda Guerra Mundial, teve um movimento de renovação dos museus, buscando práticas mais dinâmicas e voltando o museu para educação e lazer. Com o passar do tempo, essa nova concepção de museu foram se consolidando e se renovando conforme os diferentes contextos históricos e sociais (JULIÃO, 2006).

Cabe ressaltar que a primeira função histórica dos museus estava vinculada ao ato de colecionar os objetos e esses espaços eram particulares e restritos a determinada camada social. Nesse contexto, os museus, assim como a educação, foram meios de manipulação da sociedade e uma forma de exaltar a história dos grandes heróis. Porém, principalmente a partir da década de 1960, os museus passam a receber profundas críticas, devido seus métodos antidemocráticos, em conjunto com os movimentos sociais que ocorriam mundialmente. Com isso, os museus reformulam suas estruturas e passaram a ser entendidos como instituições democráticas, aberta para todos os públicos.

No ano de 1972, ocorreu em Santiago no Chile uma Mesa Redonda para discutir sobre os museus na América Latina, seu papel na formação de todas as pessoas e sua relação com a sociedade, sendo então entendido que museu se trata de:

[...] uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo, elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (ICOM, 1995, p. 21).

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) é uma organização internacional tanto das instituições, quanto de seus profissionais, que lança propostas universais sobre a organização das estruturas e ações oferecidas pelos museus. Cada país membro possui um comitê próprio, como o Comitê Brasileiro do ICOM, os quais devem seguir concomitantemente as orientações do Conselho Internacional, cujo objetivo é promover a cooperação, assistência mútua e o intercâmbio de informações entre seus membros. O ICOM foi um importante órgão de mudança no pensamento e estrutura do que se tinha sobre museu, contribuindo para delimitar uma nova organização nas estruturas dessas instituições, deixando de lado aquela ideia de museu estático, depositário de objetos e seletivo.

Os museus evoluíram nitidamente de uma atitude meramente depositária e conservadora, em que as obras em si eram o mais importante, para outra que se poderia descrever como orientada para o público. Neste caso, seu objetivo é, tanto quanto manter uma obra, criar as condições para que essa obra entre no circuito imaginário da cultura mediante sua exposição adequada ao público (MARTINS, 1999, p. 269).

Na atualidade, os museus desenvolvem mais funções que simplesmente expor objetos. A ação educativa se tornou o coração dos museus, os quais buscam desenvolver atividades diversificadas a fim de atrair os mais variados públicos. Essas relações sociais que antes eram deixados de lado passaram a dar sentido ao espaço museal, pois são elas responsáveis por dialogar com o público, possibilitando aos diversos segmentos da sociedade várias perspectivas de interpretação do discurso expositivo presente no espaço dos museus.

O museu, enquanto espaço de diálogo, poderá exercer sua função social e desenvolverá suas atividades não apenas para o público, mas com o público, atentando, fundamentalmente, para a sua efetiva consciência crítica da realidade por colocá-lo em contato com a sua própria cultura e com os elementos da linguagem visual (SILVA, 2006, p. 1).

Mesmo com toda a mudança nas funções dos museus, estas instituições carregam consigo opiniões e pontos de vista de determinado narrador. Ao propor-se contar uma história de um determinado período ou época, o que se tem é a história contada a partir da perspectiva do narrador. Dessa forma, torna-se importante analisar o contexto histórico transmitido dentro destes espaços educativos.

Os museus são instituições com grande responsabilidade social, já podem ser formadores de opinião. Todo museu tem caráter pedagógico, transmitindo ideias, há um processo comunicativo. Não existe assim discurso neutro (RAMOS, 2004, p. 27).

Como foi possível observar, no decorrer da história dos museus essas instituições se configuravam como seletivas, particulares, reservadas e no período da formação dos Estados Nacionais, os museus tinham a pretensão de manipular a sociedade, exaltando a ideia de nacionalismo. Mesmo com a mudança na função social dos museus, ainda se percebe que muitas vezes elas são capazes de também manipular o indivíduo, transmitindo uma ideia como se fosse verdade absoluta. Porém, é necessário entender que o conhecimento científico está em constante transformação e, no caso dos museus, o que está exposto representa a visão do narrador, podendo ser verdadeira ou atender aos interesses de determinados seguimentos da sociedade.

2.2 O SURGIMENTO DO MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL

O Museu de História do Pantanal está localizado na cidade de Corumbá, capital do Pantanal, no Estado do Mato Grosso do Sul. A cidade sede deste Museu, Corumbá, é a segunda cidade mais antiga do Estado. Fundada em 21 de setembro de 1778 foi palco de diversos acontecimentos históricos brasileiros. O Pantanal banha cerca de 60% do seu território e essa união de Pantanal e de 237 anos de existência torna Corumbá uma cidade repleta de história que são devidamente salvuardados dentro do Museu de História do Pantanal.

A iniciativa da criação deste Museu, na cidade de Corumbá, foi um interesse conjunto entre a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo da cidade de Corumbá e o Ministério da Cultura. “A iniciativa é mérito de Corumbá que obteve contra partida do Ministério da Cultura” (NOGUEIRA, 2014, p. 3).

Dessa forma, no ano de 2002, a Fundação Barbosa Rodrigues, por atuar desde 1982 com projetos sociais, foi convidada a apresentar o Projeto Museu do Homem do Pantanal, ao Ministério da Cultura, em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente de Corumbá. De acordo com Nogueira (2014, p. 6), a Fundação “[...] abraçou a causa e desde então começou a participar da construção do conceito deste Museu, até então pensado pelo ponto de vista da arqueologia”.

Com a Fundação Barbosa Rodrigues assumindo o compromisso da gestão do Museu, deu-se início aos trâmites para a sua implantação, sendo então contratado, pelo Ministério da

Cultura, o arqueólogo Prof. Dr. Carlos Etcheverne, que se responsabilizou pela elaboração do projeto conceitual do Museu.

Segundo o projeto conceitual de Etchevarne (2004), primeiramente o centro expositivo foi denominado de Museu do Homem do Pantanal. Estaria destinada a ele a função de apresentar os resultados dos estudos regionais, sendo possível transformar o conhecimento científico e, sobretudo, dar importância e voz à sabedoria popular. Todo esse conhecimento deveria ser de acesso universal.

O público alvo principal seria a população do município de Corumbá e área circunvizinha. O museu deveria contar a história do homem do pantanal, de tal forma que a comunidade local se sentisse pertencente a essa história, sendo as pessoas colocadas como atores e agentes da transformação histórica ocorrida na região. Paralelamente o museu deveria se tornar um centro de referência de atividades pedagógicas e preservacionistas, ou seja, deveria utilizar o contexto histórico passado, para fazer com que a comunidade refletisse sobre suas ações e se projetasse para o futuro, consciente da forma correta de se relacionar com o meio. Além dessas funções que o museu deveria conter, estava também prevista a utilização deste espaço para fins turísticos, tendo o museu a função de apresentar a região, com todas as suas características naturais e culturais, aos visitantes de outras cidades e países. O turista que passasse pela região deveria utilizar o Muhpan como uma forma de compreender a construção do território do Pantanal (ETCHEVARNE, 2004).

A intenção inicial era construir um centro expositivo que abordasse a arqueologia da região pantaneira, mas no ano de 2003 essa temática se ampliou, passando assim a incluir outras áreas do conhecimento que foram retratadas no circuito expositivo do Muhpan.

[...] em função do reconhecimento que a região apresenta especificidades notáveis no processo de ocupação humana, que mereciam ser narrados em todas as suas vertentes episódicas. Ficam assim incluídos outros campos do conhecimento além da arqueologia: etnologia, etnohistória, história e antropologia social (ETCHEVARNE, 2004, p. 3).

Diante dessa nova perspectiva, foi proposta a mudança do nome de Museu do Homem do Pantanal, para Museu de História do Pantanal, visto que o museu não só contaria a história do homem pantaneiro, mas abarcaria outras áreas do conhecimento, incluindo os primeiros ocupantes da região até a população que reside na região no Século XXI.

Após quatro anos do início da criação do projeto para a implantação do Muhpan, a reforma e adequação do espaço histórico, além da elaboração do circuito expositivo, no dia 12 de agosto de 2008, o Museu de História do Pantanal enfim foi inaugurado.

É importante destacar que o prédio em que o Muhpan encontra-se instalado, é o Wanderley, Baís & Cia, construído em 1876 e considerado um dos principais pontos turísticos de Corumbá, conforme Figura 1.

Figura 1: Casa Wanderley & Baís



Fonte: Ayala e Simon (1914).

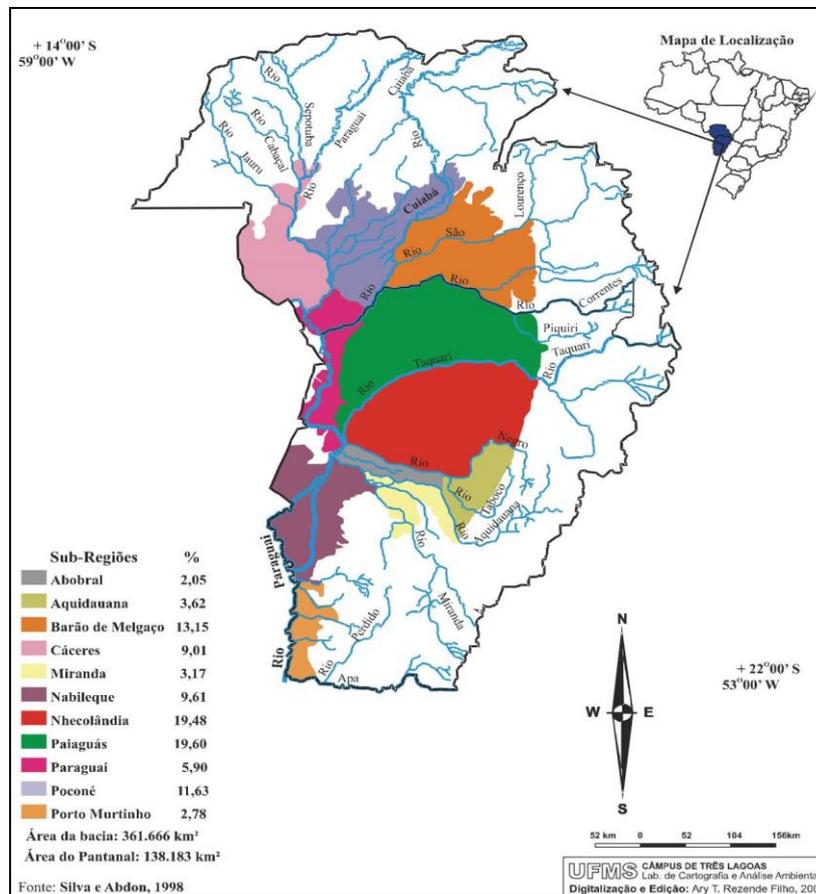
Inicialmente o prédio era uma casa comercial de propriedade de Firmo José de Mattos e com razão social de Firmo de Mattos & Cia. E em seguida se tornou Firmo, Barros & Cia., pois seu genro Antônio Pedro Alves de Barros se tornou sócio. Após esses períodos de mudanças de razão social, “[...]. Em primeiro de julho de 1906, um novo contrato é realizado e com ele se forma a sociedade da empresa Wanderley, Baís & Cia. [...], quando o sócio Antônio Pedro A. Barros se retira da sociedade e entra Francisco Bernardo Baís. [...]” (TARGAS, 2012, p. 61). Num primeiro momento o prédio foi destinado ao comércio local, mas em seguida se tornou em uma casa de importação e exportação.

No início do século XX, a Casa Wanderley, Baís & Cia representou o maior estabelecimento comercial do antigo Estado do Mato Grosso, possuindo filiais em Aquidauana e Campo Grande. Durante muito tempo, o térreo do edifício abrigou a sede da 14ª agência bancária do Banco do Brasil, havia cerca de 16 agências bancárias na cidade, onde grande parte era internacional. Conforme Targas (2012), em 1938 a Comissão Mista Ferroviária instalou sua sede no primeiro andar do prédio. Após o ano de 1960 a Casa

Wanderley & Baís ficou abandonada. Em 1992 foi tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

Com a utilização de equipamentos tecnológicos de áudio e vídeo, o Muhpan tenta contar a História da ocupação Humana na Região do Pantanal, seu enfoque está restrito a contar a história no território pantaneiro. O Pantanal está localizado no centro da América do Sul, com 250 mil km² de extensão, ao Sul do Mato Grosso, ao nordeste do Mato Grosso do Sul, no território Brasileiro, além de passar por terras Paraguias ao norte e terras Bolivianas ao leste (FIGURA 2).

Figura 2: Mapa da localização e compartimentação do Pantanal.



Fonte: Silva e Abdon (1998).

Essa história no Pantanal é narrada desde os primeiros ocupantes até a atualidade, para isso o Muhpan subdivide o tema geral “Ocupação Humana no Pantanal” em vinte e quatro subtemas (salas), tais como: Dez Pantanaís, Arqueologia, Etnologia, Encontro das Civilizações, Conquista espanhola, Missões Jesuítas, Conquista portuguesa, Monções, Payaguás, Guaicurus, Tratados, Cidades e Fortes, Pintura Corporal, Expedição Científica, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Primeiras Fazendas, Guerra do Paraguai, Os Pioneiros,

Telegráfos, Comissão Rondon, Porto de Corumbá, Ladrilho Hidráulico, Pecuária e Olhares ao Pantanal.

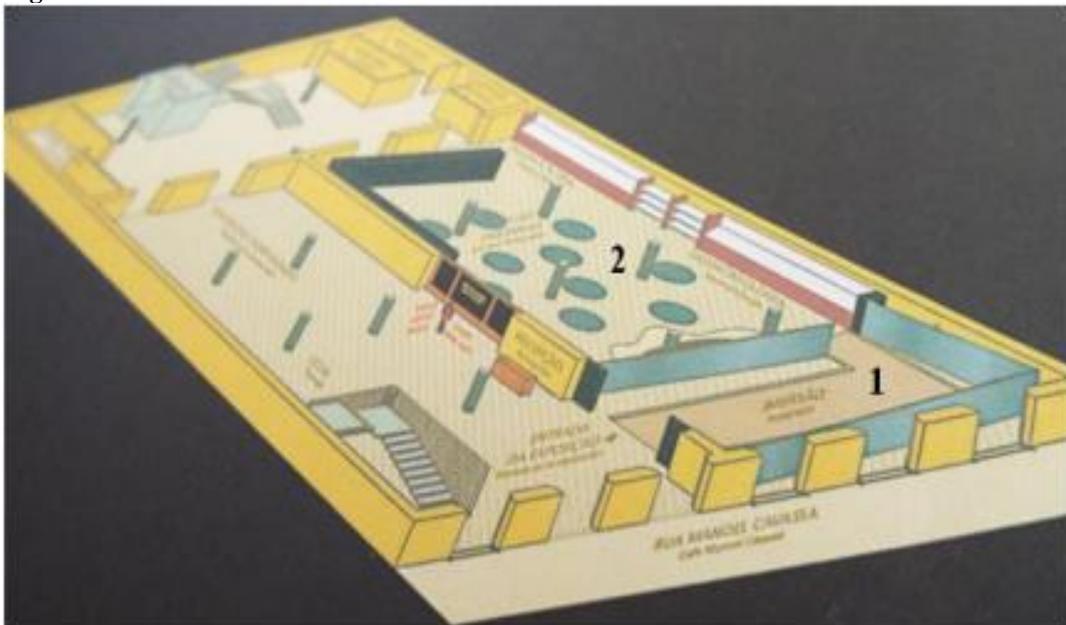
2.2.1 Organização do Muhpan e Histórico da Região do Pantanal

O roteiro histórico do Museu de História do Pantanal, criado pelo historiador Carlos Etchervarne (2004) narra a história da ocupação humana na região do Pantanal desde sua origem, há 8.200 anos a. C. até a atualidade, cujas informações encontram-se organizadas em um térreo e mais dois pavimentos, os quais serão analisados na sequência.

2.2.1.1 Térreo do Muhpan

Ao atravessar as portas do Muhpan, antes de passar pelo hall de entrada, no lado direito, localiza-se a primeira sala expositiva: (1) Imersão; em seguida: (2) Dez Pantanaís, conforme Figura 3.

Figura 3: Térreo do Museu de História do Pantanal



Fonte: Corrêa e Corrêa (2013).

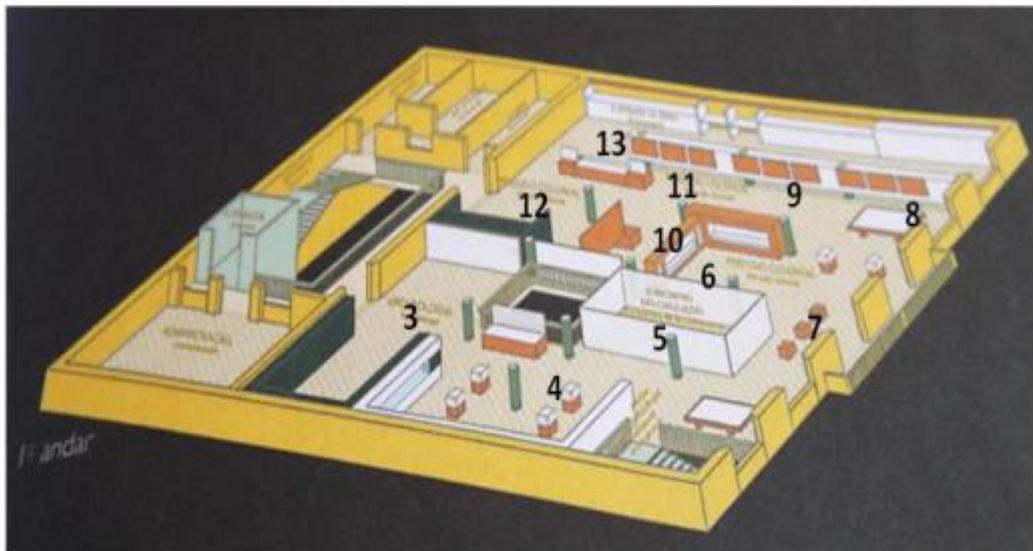
Dessa forma, no primeiro pavimento a exposição é iniciada com uma inserção do visitante a história do Pantanal, sendo possível entender o contexto geográfico do Pantanal,

incluindo o sistema hídrico, sistema topográfico, o sistema climático, ambiental, relevos e a fauna e flora pantaneira.

2.2.1.2 Primeiro Pavimento do Muhpan

No primeiro pavimento, encontram-se as exposições: (3) Arqueologia; (4) Etnologia; (5) Encontro entre Civilizações; (6) Conquista Espanhola; (7) Missões; (8) Conquista Portuguesa; (9) Monções; (10) Tratados; (11) Cidades e Fortes; (12) Pintura Corporal Bororo; (13) Trem do Pantanal, conforme Figura 4.

Figura 4: Primeiro pavimento do Museu de História do Pantanal



Fonte: Corrêa e Corrêa (2013).

Sala expositiva Arqueologia Pantaneira

Ao adentrar a sala denominada Arqueologia, o visitante pode observar uma simulação de uma escavação arqueológica ao lado direito. Como o Muhpan, busca contar a história da ocupação humana na região do Pantanal, inicialmente no térreo retratou sobre o meio físico onde ocorreu a história desta ocupação.

Já no primeiro pavimento, a história se inicia com a representação de um sítio arqueológico, pois os primeiros ocupantes da região do Pantanal foram encontradas graças as pesquisas arqueológicas. Conforme Eremites (2003), o Pantanal foi efetivamente ocupado aproximadamente a partir de três mil anos atrás, onde houve uma presença acentuada de aterros neste território. Peixoto (2003) também considera que essa multiplicação dos aterros,

aliado a presença da cerâmica com datação entre 2,800 anos a.C., dá suporte para a datação apresentada por Eremites (2003).

Ao lado esquerdo da sala Arqueologia, está presente uma representação da arte rupestre dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O Muhanpan realizou um panorama das principais artes rupestre da região do Pantanal, MT e MS. Cabe salientar que, segundo Milder (2006, p. 74), a arte rupestre pode ser entendida e classificada de “[...] duas formas: gravuras ou pinturas. As figuras pintadas também são chamadas de pictografias e as gravuras de petroglifos. As gravuras podem ser realizadas em baixo-relevo ou alto relevo, a partir de técnicas como o picoteamento da rocha, raspagem ou alisamento”. Exemplo de arte rupestre, pode ser observado na Figura 5.

Figura 5: Sítios arqueológicos com pinturas rupestres no Estado de MT e MS.



Fonte: Nivaldo Vitorino, 2007.

Na sequência apresentada pelo Muhanpan, existe a presença de uma réplica de um Petroglifos, que pode ser tocada pelo visitante e que permite os mesmo idealizar os possíveis significados de tais representações. A réplica do petroglifos foi criada pelo artista plástico Santiago Plata, que se inspirou nos desenhos dos novos antepassados (FIGURA 6).

Figura 6: Representação de gravuras rupestres



Fonte: Nivaldo Vitorino, 2007.

Com relação às pinturas ou gravuras criados pelos povos pantaneiros, ou até mesmo criados em qualquer parte do mundo, não há uma precisão exata sobre seus significados. O que permite que o visitante, dentro do espaço do Museu de História do Pantanal, possa viajar tentando decifrar o que inspirou nossos antepassados a realizar tais representações artísticas.

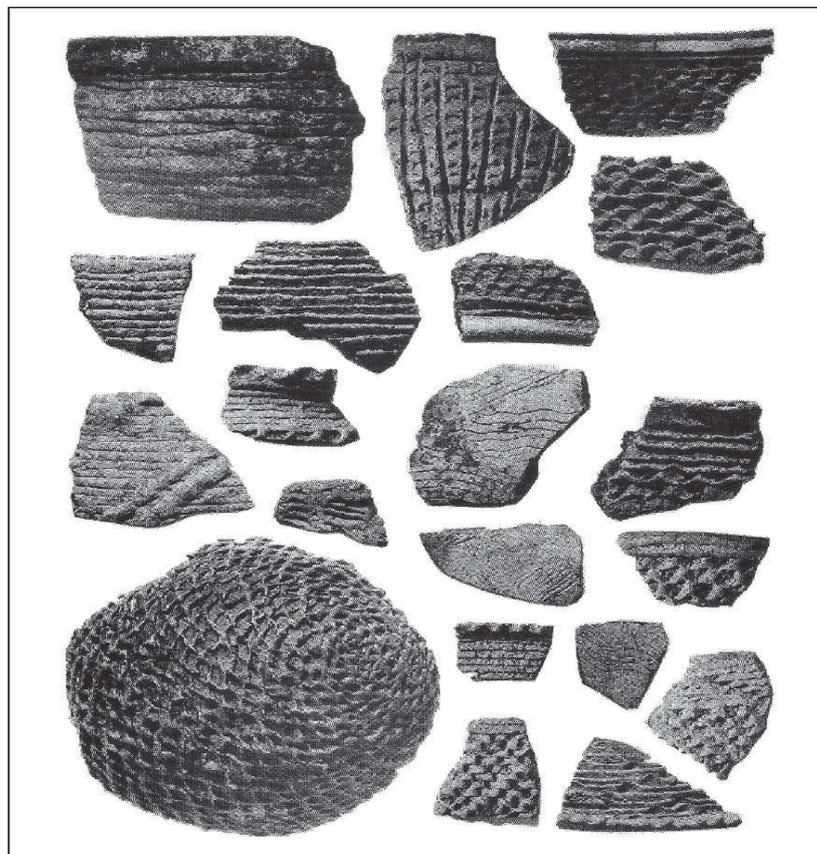
Ao lado do móvel onde estão os petroglifos, originários da cidade de Corumbá-MS, a sala divide-se entre 3 painéis, sendo eles: Caçadores-coletores, Tradição Pantanal e Tradição Descalvado.

No painel dos caçadores-coletores, evidenciam-se vestígios de materiais líticos, tais como: adorno sublabial, lâminas de machado, raspadores, percutores, lascas, blocos ligeiramente modificados. Neste período os povos caçadores-coletores eram nômades e com isso viviam migrando dentro da região do Pantanal. Segundo Correa e Correa (2015), os primeiros vestígios sobre seres humanos que ocuparam a planície de inundação datam de aproximadamente 6.500 anos Antes do Presente (AP).

Nos painéis seguintes sobre a Tradição Pantanal e Tradição Descalvado, é possível notar essas duas tradições que são identificados pela prática da cerâmica. A produção da cerâmica foi um importante meio de identificar os grupos e assim formar as tradições. Importante ressaltar que dentro do espaço expositivo do Muhpan, são evidenciados somente a Tradição Pantanal e a Tradição Descalvado, o que não significa que somente essas tradições fizeram e fazem parte da história arqueológica do Pantanal.

O painel que representa a Tradição Pantanal (3.000/2.000 AP) é ilustrado por vestígios cerâmicos encontrados em escavações arqueológicas pelo Laboratório de Arqueologia do Pantanal-LAPan, dentro os artefatos estão: bordas e bases com diferentes decorações. A Tradição Pantanal (3.000/2.000 AP) é a mais antiga na região. Ela está caracterizada por vasilhames pequenos, esféricos ou semi-esféricos, com decoração preponderantemente corrugada. Vestígios dessa tradição foram encontrados em aterros, capões de mato, cordilheiras em estratigrafia e também sítios superficiais a céu aberto (EREMITES, 2003).

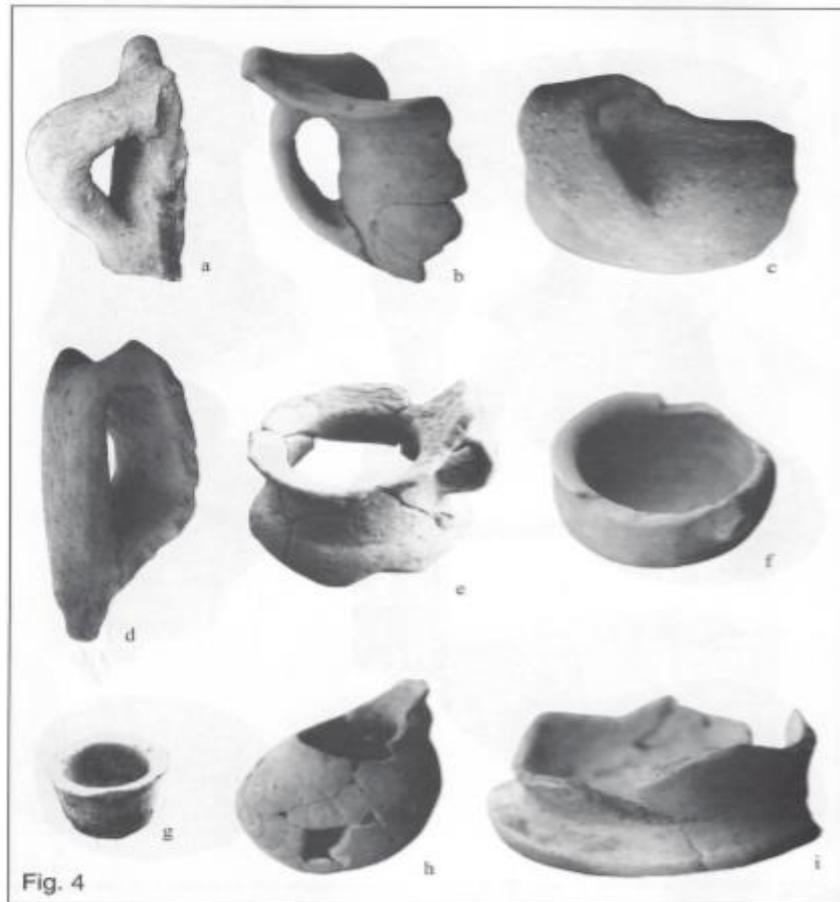
Figura 7: Vestígio Cerâmico, Tradição Pantanal



Fonte: Schmitz et al. (1998).

O painel que representa a Tradição Descalvado (aproximadamente entre 1.200 e 800 anos AP), também apresenta vestígios cerâmicos para ilustrar a sua habilidade aos visitantes do Muhan. A cerâmica produzida apresenta uma variação maior de formas cerâmicas e habilidades: vasilhames abertos, com alças e de dimensões variadas.

Figura 8: Vestígio Cerâmico, Tradição Descalvado



Fonte: Martins e Kashimoto (2000).

Sala expositiva Etnologia

Após a sala da Arqueologia, seguindo a sequência cronológica apresentada pelo Muhpan, está presente a sala de Etnologia. Nesta sala existe ao lado direito uma vestimenta indígena masculina da cultura Bororo. Do lado esquerdo há um painel com os nomes das etnias indígenas presente na região do Pantanal, com destaque há algumas etnias que já foram extintas após o contato com os europeus. E a frente uma urna funerária utilizada por algumas culturas indígenas para o enterro dos seus mortos.

A vestimenta indígena da etnia Bororo exposta no Muhpan era utilizada pelos homens e sua composição se dava por meio de materiais presente na natureza. Nesta sala também possui uma urna funerária que é apresentada como da Tradição Descalvado e como sendo um ritual importante e diferenciado em cada etnia. Em seguida existe um painel com nomes dos seguintes grupos indígenas: Bororo, Payaguás, Kinikinawa, Guató, Orejones, Xarayes, Caiapó, Kadiwéu e Guarani.

Segundo o relatório de Etchervarne (2004), criador do roteiro do Muhpan, este painel

expõe as representações mais significativas dos grupos indígenas durante o período do contato. Essas informações, segundo ele, foram baseadas na pesquisa realizada por Eremites (1999-2000), no qual acrescenta que os grupos indígenas, no momento da conquista ibérica, possivelmente eram classificados levando em consideração a designação étnica, a área de ocupação e a filiação linguística. Muito provavelmente os mais conhecidos enquadrar-se-iam da seguinte maneira:

- 1) Chané e Guaná, Terena, Orejone e Xaray – Família linguística Arawak
- 2) Mbayá-Guaykuru, Payaguás e Agaz – Família linguística Guaikuru
- 3) Itatim e Guarambareense – Família linguística Tupi-Guarani
- 4) Kaingang – Família linguística Jê
- 5) Yshyr - Família linguística Zamuco
- 6) Guató – Tronco linguístico Macro-Jê

Sala expositiva Conquista Espanhola

Nesta sala estão presentes painéis com textos e imagens das viagens realizadas pelos espanhóis na região do Pantanal, bem como uma réplica do Elmo, capacete espanhol. Também possui uma cruz em madeira que representa as Missões Jesuítas e o papel da igreja católica na região, além de uma réplica da Rapieira, uma espada espanhola do século XVI.

Segundo Costa (1999), o principal motivo para que os espanhóis adentrassem o território pantaneiro estava relacionado a política mercantilista de Portugal e Espanha, na busca por metais preciosos. Com a descoberta das minas de prata em Potosí, utilizavam a Bacia do Prata, depois o rio Paraguai e outras vias fluviais para chegar até o seu destino de interesse, a região de Potosí e Sucre. Para manter o domínio da região, a Coroa Espanhola mandava expedições para combater os indígenas e a posse da terra, com isso fundaram vários núcleos populacionais, no qual o Muhpan dá destaque à cidade Santiago de Xerez. Além dessas estratégias, foram inseridos grupos religiosos da Companhia de Jesus, para propagar a fé católica, a fim de proteção do território, que criavam Missões Jesuítas, no qual o Muhpan dá destaque à Missão Jesuíta do Itatim, com a presença de uma réplica que retrata a forma de organização deste grupo.

Figura 9: Conquista Espanhola na região do Pantanal¹



Fonte: Costa (1999).

Sala expositiva Conquista Portuguesa

Na sala denominada Conquista Portuguesa, é apresentada em forma de painéis com textos, a atuação dos bandeirantes Raposo Tavares e Manoel de Campos. Os bandeirantes adentravam a essa região atraídos pela descoberta das minas de prata em Potosí, como também para capturar indígenas que pudessem trabalhar nos engenhos de açúcar.

Segundo Costa (1999), com a descoberta do ouro em Cuiabá, era necessário abastecer as minas cuiabanas e estreitar o contato entre Mato Grosso e São Paulo, com isso, utilizaram-se das monções, que utilizavam-se de canoas e batelões para realizar esse trajeto entre as duas capitânicas. Essas expedições fluviais conduziam todo tipo de mercadoria, carga e pessoas em canoas e batelões.

Sala expositiva Fortes e Cidades

Na sala denominada Fortes e Cidades, é dado destaque ao papel dos bandeirantes portugueses e as suas iniciativas para proteger e demarcar a fronteira da capitania de Mato Grosso, com a fundação de algumas vilas. O Muhan dá destaque ao Forte Coimbra, onde apresenta uma réplica desta fortificação, produzida pelos artistas Gena e Ruben Dario. Como

¹ O Adelantado Cabeza de Vaca sobe o rio Itapocu. Parte da comitiva o faz em barcos leves. Vê-se ao fundo o Morro do Jaraguá (Ofic. é o Morro da Boa Vista). Desenho a bico-de-pena de José Alberto Barbosa [Jaraguá do Sul, 1989].

também foram fundados o Presídio de Nova Coimbra (1775), Vila Maria do Paraguai (1778) e a povoação de Albuquerque, depois denominada de Corumbá (1778).

Figura 10: Conquista Portuguesa na região do Pantanal²



Fonte: Costa (1999)

Sala expositiva Trem do Pantanal

A sala denominada Trem do Pantanal retrata a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), que ligava Bauru (SP) até a Bolívia, passando por Corumbá. Dentre os anos de 1914 a 1995, várias pessoas, de diversos lugares percorreram por essa região. Além das mercadorias que eram transportadas pelo trem, o que contribuiu para o desenvolvimento da região.

A sala é composta por objetos originais da época, que foram cedidos e doados ao museu pelos próprios ferroviários e o IPHAN. Com isso a sala busca reviver as lembranças das viagens realizadas no Trem do Pantanal. Dentre os objetos expostos estão: lanterna, soleira, máquina de escrever, máquina de calcular, mata borrão, relógio, banco de trem e entre outros objetos.

Para Corrêa e Corrêa (2013), o Trem propiciou um contínuo fluxo de imigrantes que viram na fronteira oeste do Brasil a possibilidade de obterem lucros com o comércio, e perceberam na ferrovia um meio para escoar parte da produção. Por mais de oitenta anos o Trem do Pantanal serviu para o transporte de pessoas e mercadorias. Em 1995, porém, houve o processo de privatização da ferrovia. Desde então foram extintos os vagões para o transporte de passageiros da Malha Oeste e passaram a ser utilizados apenas os de cargas. Atualmente, parte do trajeto está sendo utilizado com objetivos turísticos. O Trem do Pantanal sai de

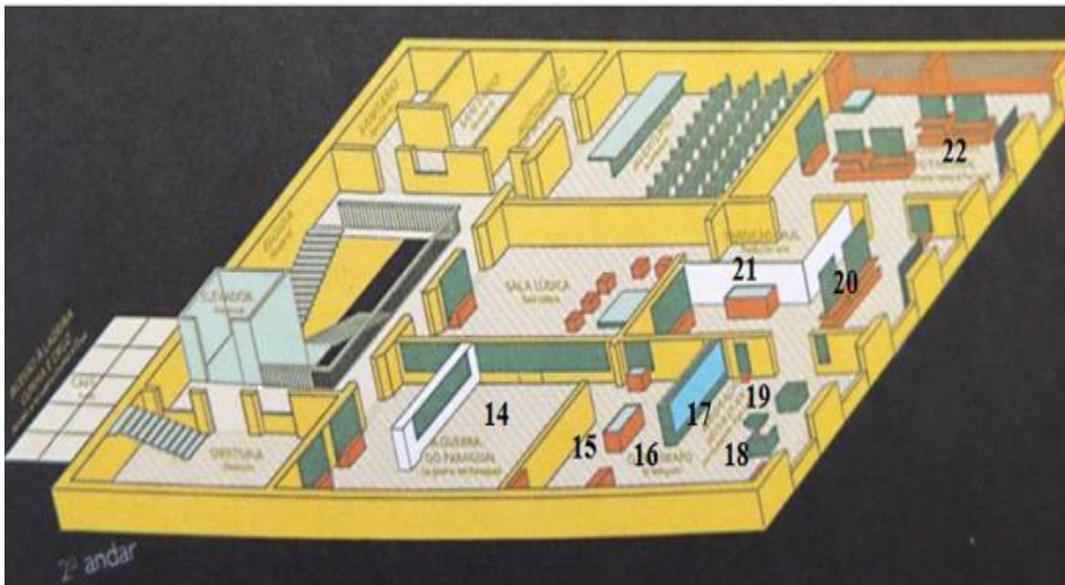
² A Partida da Monção – Almeida Júnior (1897) (Acervo do Museu Paulista da USP).

Campo Grande com destino à cidade de Miranda, numa viagem de aproximadamente 8 horas, passando por pontos históricos e de forma que os passageiros apreciem a paisagem da região.

2.2.1.3 Segundo Pavimento do Muhpan

No segundo pavimento estão situadas as exposições: (14) Primeiras Fazendas; (15) Guerra contra o Paraguai; (16) Pioneiros; (17) Comissão Rondon; (18) Porto de Corumbá; (19) Imigração; (20) Fazendas e Pecuária; (21) Ladrilhos Hidráulicos; e (22) Olhares sobre o Pantanal, conforme Figura 11.

Figura 11: Segundo pavimento do Museu de História do Pantanal



Fonte: Corrêa e Corrêa (2013).

Sala expositiva Guerra do Paraguai

Em continuidade, a história narrada pelo Muhpan no segundo pavimento percebe-se a presença da história da Guerra do Paraguai, no território pantaneiro. Nesta sala estão expostas três espadas utilizadas pelo exército brasileiro, como também bombas de canhão. Na parte central da sala há a presença de uma réplica, produzido pela artista plástica Alejandra Conte, que retrata a Retirada da Laguna.

A Guerra do Paraguai (1864-1870) envolveu quatro países da América do Sul: Paraguai contra a Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai. O cenário principal das operações militares foi o Pantanal, ocupando também a região chaquenha.

Segundo Corrêa e Corrêa (2015), Albuquerque, depois denominada de Corumbá, ficou como porto limite para a circulação de navios de maior calado e estrangeiro e a região vivia certo crescimento em virtude da navegação a vapor. Com o início da Guerra contra o Paraguai, os habitantes fugiram ou foram vitimados pelo conflito. Coimbra, Corumbá e propriedades rurais da região foram tomadas pelos paraguaios, situação que permaneceu até a retomada de Corumbá pelas forças imperiais do Brasil, em 1867. O conflito interrompeu a navegação a vapor que ligava a província de Mato Grosso ao Oceano Atlântico, e conseqüentemente com nações estrangeiras. O crescimento verificado em Corumbá foi aniquilado, e retornaria apenas com o fim da Guerra.

Sala expositiva Telégrafo

Nesta sala expositiva, podemos observar a intenção do governo federal em realizar uma integração nacional, a fim de diminuir o isolamento dos territórios brasileiros e para isso propôs a instalação dos telégrafos. Segundo Corrêa e Corrêa (2015), na visão do Governo Federal, o telégrafo seria capaz de vigiar, integrar os Estados e ligá-los uns aos outros como uma espécie de estrada metálica entre o litoral e o interior. A Comissão Rondon, se encarregou da construção desta linha telégrafa, que buscava ligar Mato Grosso, Cuiabá e Corumbá.

Sala expositiva Porto de Corumbá

Esta sala retrata o desenvolvimento do Porto de Corumbá após 1870. Para isso, utiliza-se de objetos da época para ilustrar aos seus visitantes a importância do período. Dentre os objetos estão: telefone, máquina fotográfica, ferro de passar roupa, vitrola, fotografias, balança, dinheiro da época e entre outros.

Segundo Corrêa e Corrêa (2015), depois de 1870, Corumbá voltou a crescer e tornou-se o entreposto comercial de Mato Grosso. A região passou a concentrar considerável número de migrantes e imigrantes que desembarcavam dos navios a vapor. Parte das importações e exportações provinciais passava pela região. Nas áreas rurais, antigos proprietários procuravam retomar suas terras e outras fazendas foram instaladas. A criação de gado voltou a crescer nos terrenos pantaneiros e propriedade com plantação e engenhos também foram instalados, fatores esses que contribuiriam para o crescimento da região.

Nesta sala também é evidenciado o Casario do Porto, pois é a representação do período áureo que foi vivido naquele período. Com destaque a Casa Vasquez & Filhos, como também ao prédio que abriga o Museu de História do Pantanal, o Wanderley, Bais & Cia.

Sala expositiva Ladrilho Hidráulico

Também no terceiro pavimento do Muhpan aparece a retratação do ladrilho hidráulico, compreendido por uma placa de concreto de alta resistência ao desgaste, utilizado para acabamento de paredes e pisos internos e externos, contendo uma superfície com textura lisa ou em relevo, retangular ou de outra forma geométrica definida. Seu nome deve-se ao fato de receber água para hidratação no processo de confecção. Feitos com argamassa de cimento comum ou branco devem ser planos, desempenados, esquadriados, sem fendas, uniformes nas dimensões e com arestas vivas. A face de uso deve apresentar cores firmes, com acabamento liso ou texturizado. As tintas utilizadas são à base de óxido de ferro e os ladrilhos têm uma durabilidade estimada em mais de 100 anos, comparável ou superior ao mármore e ao granito.

2.2.2 Circuito Expositivo do Muhpan e Direitos Humanos

Diante do que foi exposto anteriormente sobre a implantação Muhpan, evidencia-se que Etchervarne (2004) tentou contar 8,200 anos de história e para isso fez alguns recortes, acabando por deixar algumas lacunas no que se refere à história do Pantanal. Ao analisar o circuito expositivo, percebe-se que o autor tenta contar uma história geral da ocupação humana e não das especificidades culturais. Nesse cenário, são dados destaques a grupos sociais já consolidados, relacionados ao poderio financeiro, deixando omissa a história de pessoas que fizeram parte da região, mas que pertenciam aos grupos oprimidos. Assim, nem toda a população da região que visita o Muhpan se vê representada, porque alguns grupos sociais foram ressaltados em detrimento de outros.

Cabe salientar que intenção ao implantar o Muhpan era contribuir com a formação da população local, desde a sua inauguração em 2008 até o ano de 2014³, houve um número expressivo de pessoas que foram ao museu, visto que aproximadamente 68.657 visitantes registraram presença no Muhpan, conforme Gráfico 1, com destaque para o quantitativo de visita predominante em cada ano.

³ Até 2014 os dados fornecidos pela MUHPAN estavam mais organizados, por isso foram considerados até esse período.

Gráfico 1- Quantitativo de visitação anual do Museu de História do Pantanal.

Fonte: Autora, 2018.

Entre os 68.657 visitantes, a maioria é de origem local, tanto da cidade de Corumbá, quanto de Ladário, uma vez que a prioridade do Muhpan é atender ao público local, conforme prevê o projeto conceitual do historiador Carlos Etchervarne (2004).

Quando um indivíduo compõe a história do Pantanal e não é representado, pode-se dizer que essa pessoa tem os seus direitos humanos feridos, ou seja, o direito de ser representado. Como pode ser observado no artigo 27, no inciso 1 e 2, da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948.

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.
2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor (ONU, 1948).

Com base neste artigo 27, o indivíduo tem o direito de acesso à cultura. Direito esse de ser representado, de ter acesso livre ao museu, de ter uma linguagem acessível, onde ele sinta capaz de compreender a sua própria história relacionada com a regional. Porém, após analisar o roteiro histórico do Muhpan e as ações educativas desenvolvidas por esta instituição, torna-se perceptível que o museu é acessível, aberto a todos sem distinção, com uma linguagem diversificada, no entanto, o historiador que projetou o museu, tentou contar uma história grandiosa, em um longo período de tempo, e acabou deixando lacunas na história.

No contexto da história narrada pelo Muhpan, é possível perceber que existem grupos sociais que não são representados e que ao visitar o museu não reconhecem a própria história, como é o caso, por exemplo, dos negros e de algumas culturas indígenas. Assim, cabe afirmar

que a falta de representação destes grupos sociais faz com que os seus direitos humanos sejam feridos.

Considerando as especificidades do Brasil, que é o segundo país do mundo com o maior contingente populacional afro-descendente (45% da população brasileira, perdendo apenas para a Nigéria), tendo sido, contudo, o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão, faz-se emergencial a adoção de medidas eficazes para romper com o legado de exclusão etnicoracial, que compromete não só a plena vigência dos direitos humanos, mas também a própria democracia no país – sob pena de termos democracia sem cidadania (PIOVESAN, 2005, p. 53).

Apesar de a história do Brasil contar com um longo período de escravatura, os grupos afrodescendentes que contribuíram para a construção do país, normalmente não são representados, como acontece com o circuito expositivo do Muhpan, o qual muito pouco relata sobre os negros e alguns grupos indígenas que fizeram parte do contexto histórico da região do Pantanal.

Se por um lado se observa essa lacuna no Muhpan, de não representar como deveria alguns grupos sociais, por outro lado há uma evidente preocupação da instituição em aproximar o público do seu acervo, ao propor desenvolver projetos, oficinas, aulas, entre outras atividades e criar este setor “Ação Educativa” para somente tratar deste assunto, estando disponíveis para todos os grupos sociais.

O Muhpan se propõe a contar 8,200 anos de história da ocupação humana no Pantanal dentro do território Mato-Grossense e Sul-Mato-Grossense, e ao ousar contar tamanha história entende-se que ele irá representar todos os grupos sociais que compuseram a história do pantanal, porém isso não ocorre. Os grupos sociais com menos representação ou nenhuma são os marginalizados da história como exemplo os negros ou os menos desfavorecidos. Evidencia-se que dentro dos recortes históricos distribuídos nos vinte e quatro subtemas/salas, ainda de pano de fundo está a história da elite ou dos considerados grandes heróis.

É diante desse cenário que se torna possível afirmar que os grupos sociais não são representados dentro do circuito expositivo do Muhpan, tendo assim os seus direitos humanos feridos. O Muhpan respeita o direito de acesso ao museu, a cultura e ao conhecimento, pois trabalha de forma e com linguagem democrática. Porém, no seu roteiro histórico fere os direitos dos indivíduos de se sentir parte integrante da história do pantanal. Por mais que houve alterações nas funções sociais dos museus, ainda percebemos dentro do circuito expositivo do Muhpan uma presença sutil da história da elite sobrepondo às demais.

2.2.3 O Muhpan e Práticas Educativas

Ao refletir sobre a prática educativa realizada pelo Muhpan, é importante destacar que entre o público local que visita o museu, há o predomínio de visitas agendadas, visto que a prioridade é atender os grupos escolares. Dessa forma, a função educativa é entendida como relevante, pois dentre todas as motivações o de adquirir conhecimento é o principal, especialmente quando um aluno visita o museu.

Além do mais, as práticas educativas desenvolvidas atendem a uma das exigências previstas pela Lei nº 11.904/09, que no Art. 29 estabelece: “Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação” (BRASIL, 2009).

Nesse contexto, a Ação Educativa se caracteriza como o coração pulsante do Muhpan, sendo capaz de dar vida a exposição permanente do Museu e dialogando com seu visitante. A ação educativa concretizada em forma do projeto denominado “Memórias do Pantanal Rupestre” merece destaque diante das várias ações desenvolvidas pela instituição, pois trabalhou com os Sítios Arqueológicos de Arte Rupestre, que se assemelha com o objeto de pesquisa. O projeto foi considerado como inovador e possuía um cunho científico, o que deu mais valor ao seu desenvolvimento. Houve um elo entre o conhecimento científico e a prática lúdica, os participantes que pouco ou quase nada havia ouvido sobre arte rupestre ou petroglifo, tiveram contato com a contextualização da história arqueológica da região, como também puderam ir até os sítios arqueológicos com as inscrições rupestres.

Quanto às visitas realizadas no Muhpan, desde o início da sua implantação, havia a possibilidade de o visitante analisar livremente o circuito expositivo ou então contar com o auxílio de um mediador. Embora nos últimos dois anos o Muhpan não tenha mantido com a mesma frequência o trabalho desenvolvido pelo mediador, é importante analisar como se caracterizavam as visitas orientadas.

Esse tipo de visita sempre foi acompanhada por um mediador do Programa de Ação Educativa, e realizada para diferentes grupos de visitantes, incluindo grupos escolares, sociais, familiares e de turistas. O mediador, com auxílio tecnológico, cenográfico e áudio visual, contava ao visitante a história de aproximadamente 8,200 anos da ocupação Humana na região do Pantanal, relacionando passado e presente como uma forma de melhor entendimento. As visitas orientadas também buscavam a aproximação do público com a sua história, contada no museu pelos acervos e intermediada pelo mediador. As visitas eram

únicas e adequadas a todos os públicos, desde criança até acadêmicos, sendo utilizada uma linguagem diferenciada.

Nesse contexto, a ação educativa deve ser pensada como parte de um processo, visto que a educação é a base para que uma sociedade se conheça, e reconheça seus direitos e sua identidade. “O museu tem papel importantíssimo nesse contexto, através de uma política de educação bem estruturada pode aproximar a comunidade não só da instituição, mas de um universo de possibilidades que surgem por meio do conhecimento”. (SILVA, 2011, p. 28).

A ação educativa que existia no circuito expositivo do Muhpan se concretizava especialmente por meio das seguintes atividades: visitas animadas, museaulas, Sessão Corumbella, oficinas lúdicas e jogos educativos.

As visitas animadas é uma iniciativa do Museu de História do Pantanal que através de atores locais, dão vida a personagens da História do Pantanal, que interagem com os visitantes, os surpreendendo pelo circuito expositivo do museu.

As museaulas caracterizam-se pelas aulas sobre temáticas específicas narrados no Muhpan. Busca abordar diferenciados temas de forma lúdica e interativa ao público em geral. A ideia é quebrar o paradigma de que “só se aprende em sala de aula” e experimentar formas mais dinâmicas de transmissão do conhecimento em espaços não formais de educação.

A Sessão Corumbella diz respeito a exposições gratuitas de filmes, documentárias e curtas, exibidas sempre em sábados alternados às 16 horas para o público em geral. De terça a quinta era voltada para grupos escolares ou instituições pré-agendados. Os filmes, documentários e curtas são da Programadora Brasil e o conteúdo de exibição busca valorizar as produções Nacionais que dão destaque as várias culturas Brasileiras presentes nas diversas regiões do Brasil. Os professores podem trabalhar esses filmes destacando as diferenças culturais e semelhanças presente na realidade brasileira. Os alunos aprenderão a respeitar a cultura do outro e a conhecer a sua própria cultura.

As oficinas lúdicas são atividades que desenvolve a criatividade e o conhecimento, através de jogos, vídeos, música, dança e teatro. O intuito é educar, ensinar, se divertindo e interagindo com os outros. A oficina de frotagem, oficina pinlux, oficina libras, oficina de teatro, oficina de circo, oficina pintura corporal e cerâmica indígena, oficina brincando de escavar a história são algumas das oficinas já executados pelo Muhpan.

Os jogos educativos transformam a história retratada pelo museu em jogos. As atividades desenvolvidas no Muhpan realizam perguntas sobre a história do Pantanal e oferece premiações aos vencedores. Além de outros jogos como: jogo do caça tesouro, jogo

da batata quente, jogo da memória, jogo da dança da cadeira, jogo do quebra-cabeça, jogo adivinhando objetos, jogo descoberta cronológica, jogo caça-palavras e jogo de percurso.

De acordo com Silva (2011), cada instituição museológica deve criar suas próprias ações educativas a partir da realidade na qual encontra-se inserida. Não existe um modelo único que funcionará para todos os museus, ao contrário, trata-se de um trabalho dinâmico e original que deve ter fundamento teórico e ser desenvolvido por profissionais capacitados.

2.2.4 O Muhpan e Função Social dos Museus: Comunicação, Educação e Cultura

A ação educativa dentro do espaço museal se caracteriza como o diferencial dos museus contemporâneos, pois uma nova relação com o público é reestabelecida, uma vez que possibilita o oferecimento de educação, conhecimento e entretenimento a públicos diferenciados. Assim, a função social dos museus não se restringe somente o educativo com a finalidade de aquisição de conhecimento, mas também como uma construção identitária, uma percepção crítica da realidade cultural, além de oportunidade de lazer (JULIÃO, 2006).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Figurelli (2013) destaca que a função social de um museu seria o dar suporte para que indivíduo possa intervir para transformação do seu meio. Nesse contexto, o museu representa um instrumento de intervenção social, pois é capaz de oferecer subsídios para que os indivíduos possam entender o contexto em que estão inseridos. Assim, a expografia dos museus possui um caráter educativo, devendo despertar curiosidades e oferecer autonomia para que os visitantes possam ter suas próprias reflexões.

No caso do Museu de História do Pantanal, sua exposição ao contar a história do Pantanal, se torna referência de pesquisa sobre a história regional. Os textos explicativos, os conteúdos de fácil entendimento e o auxílio de educadores, permite com que o visitante tenha autonomia e individualmente ou coletivamente possa entender a história da ocupação humana do Pantanal.

Nesse contexto, o Muhpan desde a sua implantação vem desempenhando muito mais que ações de exposição de conteúdos, visto que até 2015, foram realizados projetos de pesquisa relativos à Educação Patrimonial e cultural, voltados para as temáticas apresentadas pelo museu. Os projetos de pesquisa resultam em museaulas, jogos educativos, exposições, palestras, oficinas, datas comemorativas entre outras atividades. Além de ações como biblioteca, inventário, higienização e conservação de acervos.

Se no princípio via-se apenas o setor educativo como espaço destinado às ações educativas, hoje, cresce o entendimento de que os princípios educacionais podem permear as diferentes funções museológicas. Fazendo-se presente seja na preservação, na documentação, na pesquisa, na exposição, na comunicação, na interpretação, e em todos os espaços de atuação de um museu, estimulando assim a coesão entre as diferentes atividades museológicas (FIGURELLI, 2013, p. 56).

O saber popular é importante na ação educacional de um museu, pois as experiências e conhecimentos são capazes de representar uma história individual e coletiva, principalmente àqueles que não possuem dados em bibliografias. Este saber é passo de geração em geração, de forma espontânea permanece vivo. O Muhpan apresenta vários dos saberes populares da cultura local, realizando um elo entre senso comum e conhecimento acadêmico.

O Muhpan é um museu histórico, por isso a memória das pessoas que o visita é mantida vivo, pela história contada pelo museu. Alguns visitantes ao conhecerem o espaço museal se identificam tanto com a história, que começa a contar outros fatos diferenciados, estimulando o pertencimento por sua história. A memória “[...] permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, como o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie, com o dos outros indivíduos” (POMIAN, 2000, p. 508).

Os acervos dos museus são importantes referências para se entender as histórias contadas nesses espaços educativos. O acervo por si só já carregam consigo muitos significados e histórias. A partir dos acervos, é possível entender as necessidades humanas, nos mais diversos períodos, conhecendo suas estratégias de sobrevivências, resultando em importantes meios de aprendizagem. Como exemplo, no primeiro pavimento do Museu de História do Pantanal, existe a primeira sala denominada “Arqueologia”, nesta sala, existem vestígios arqueológicos deixados por nossos antepassados, só a partir da cerâmica. Assim, podemos compreender o tipo de alimentação, de habilidade do produtor, as características artísticas dispensadas por eles, o tipo de matéria-prima presente no seu entorno, além de identificar um grupo indígena só com base na cerâmica. De acordo com Julião (2006, p. 28), “Os acervos dos museus, tomados em conjunto, detêm um patrimônio cultural que, pela multiplicidade de fruções e leituras que permite, constitui extraordinária ferramenta para a compreensão e documentação do ambiente e da cultura dos povos”.

A Educação Patrimonial é um conceito muito utilizado nos museus históricos, a fim de aproximar o indivíduo da sua história. Em seu processo educativo utiliza a memória presente nos museus, espaços culturais, monumentos, arquivos, bibliotecas, sítios arqueológicos com propósito de desenvolver no indivíduo e nos grupos sociais a sensibilidade e a consciência

para a importância da preservação dos bens culturais.

A educação patrimonial é uma ferramenta eficaz que o Muhpan usa para atingir seus propósitos, permitir uma leitura do universo e estimular a reflexão sobre uma determinada sociedade. Possibilita também ao indivíduo a compreensão do seu papel no mundo e na sua região. Compreensão e pertencimento são as palavras-chave desse processo de conhecimento que promove, em última instância, a autoestima da pessoa, a noção de cidadania e a valorização da cultura e da história como um bem coletivo e universal (CORRÊA, 2013, p. 9).

Quando falamos de Educação não podemos separá-la da cultura e patrimônio, pois o indivíduo só consegue entender o presente se conhecer também o seu passado. A partir da realidade de cada indivíduo, de sua relação com o meio, devemos trabalhar a educação para a conscientização da preservação do patrimônio cultural.

A Educação Patrimonial busca desenvolver práticas educativas que aproxima o indivíduo do patrimônio. Promover ações de cunho educativo capaz de sensibilizar, conscientizar para dessa forma o indivíduo adquire o sentimento de pertença e por fim valorizar o patrimônio que faz parte da sua história e da história do seu povo. Dessa forma, a comunidade irá reconhecer e participação e colaborar para que os patrimônios sejam protegidos e preservados.

Educar a partir do patrimônio é uma opção que pode aproximar o indivíduo da sua história. Os valores que são atribuídos às praças, jardins, edifícios, a viola de cocho, ao Pantanal, ao Banho de São João, ao carnaval que refletem aspectos da cultura do passado corumbaense ou do presente que precisam ser salvaguardados para que outras gerações tenham acesso. Práticas educativas da população que representa determinado tempo, que identifica ou diferencia determinado grupo. No caso podemos compreender que os bens culturais são tudo que forma a identidade de um povo, cidade, Estado, região ou País. Todos os povos produzem cultura e essa cultura é percebida pelos diferentes modos de serem, formas específicas de agir e de expressar suas ideias, alegrias e tristezas.

O Muhpan por si só se configura como um guardião de patrimônios. Tanto os reconhecidos pelo IPHAN como outros. A memória, identidade e patrimônio são conceitos bastante presentes no imaginário e nas atividades desenvolvidas pelo Muhpan. A memória contada na história de ocupação humana do Pantanal, a identidade que se constrói ou reafirma ao visitar o museu, o patrimônio que é o elo que une todos esses conceitos.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE MUSEUS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

O Museu de História do Pantanal assim como outras instituições culturais realizam aprendizados não formais, pois instrui os indivíduos para o conhecimento da sua história, construindo ou reconstruindo a identidade do visitante, perante a História Regional. Quanto à educação não formal, Pinto (2012) enfatiza que se trata de uma forma de educação institucionalizada, mas que não acontece na escola e sim em outros espaços alternativos, como os museus.

A educação formal pode ser considerada como aquela ocorrida nas escolas e instituições de ensino em todos os níveis. A educação não intencional, ou seja, aquela que precede um aprendizado institucionalizado ou certificado, que não seja por meio de ensino especificamente, é chamada de educação informal. Já a educação não-formal é também institucionalizada – como a formal – porém é aquela que não acontece na escola, mas em espaços alternativos de ensino e que nesse caso não pode ser certificada (PINTO, 2012, p. 94-95).

De acordo com Gohn (2008), a educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadão; a capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento das potencialidades; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazer uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor etc. O autor também destaca que a educação não formal ou não escolar, corresponde a um tipo de formação que é:

[...] voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal ou escolar. Poderá ajudar na complementação desta, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizadas no território de entorno da escola. A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas práticas (GOHN, 2008, p. 134).

Importante destacar que, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB), a educação tem por finalidade contribuir com o pleno desenvolvimento do ser humano, preparando-o para o exercício da cidadania e vida em sociedade (BRASIL, 1996). Dessa forma, a educação não formal também contribui para esse processo de formação, uma vez que, conforme Santos (2016, p. 19), “A educação não formal presente na comunidade e na sociedade civil organizada permite ampliar os espaços de aprendizagem significativa no desenvolvimento e na formação integral dos sujeitos”.

Ao considerar a educação não formal como condição importante para o processo de

aprendizagem, dois fatores devem ser valorizados: o tempo e o espaço. Tratam-se de aspectos relevantes e flexíveis que possibilitam ao sujeito aprender de acordo com suas próprias especificidades.

Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços (GADOTTI, 2005, p. 2).

Ao relacionar os tempo e espaço com a educação não formal existente nos museus, é importante considerar que as visitas normalmente são feitas uma única vez, principalmente quando se trata de turista. Mesmo as pessoas da própria localidade não costumam voltar com tanta frequência para visitar o mesmo circuito expositivo do museu. Assim, o que foi aprendido no primeiro contato deve ter muito significado para que a pessoa se aproprie dos conhecimentos obtidos nos espaços museológicos.

Também Van-Präet e Poucet (1989) salienta que os museus enquanto espaços de educação não formal são atrativos devido ao tempo, espaço e objeto. Assim, o tempo é determinado pela exposição ou pelo educador, o lugar seria um espaço aberto, onde o visitante é voluntário e geralmente cativado pela exposição e o objeto seria fonte de riqueza e interatividade. O elo dos três fatores possibilita que o visitante se sinta atraído e estimulado a aprender.

Nesse sentido, Studart (2003) reconhece que em ambientes de educação não formal é levado em consideração os interesses do público visitante, ressaltando as interações sociais e a liberdade para realizar escolhas nesse espaço.

Ao refletir sobre a educação formal que ocorre nas escolas e a educação não formal ocorrida nos museus, Marandino (2005) destaca a questão temporal, visto que na escola o aluno tem uma presença rotineira, enquanto que no museu a visita é passageira, mas que ambos os espaços contribuem para a construção de conhecimento.

[...] tanto a escola como o museu, concorrem para a conservação e para transmissão do substrato cultural de um povo ou de uma civilização. No entanto, as duas instituições se distinguem uma da outra. Na escola, o objeto tem o papel de instruir e educar e o cliente cativo e estável, estruturado em função da idade ou da formação. Possui um programa que lhe é imposto e pode fazer diferentes interpretações, sendo, contudo, fiel a ele. É concebida para atividades em grupos (classe), com tempo de 1 ano e tais atividades são fundadas no livro e na palavra. No caso dos museus, o objeto encerra funções de recolher, conservar, estudar e expor. O cliente, por outro lado, é livre e passageiro, atendendo a todos os grupos de idade, sem distinção de formação, sendo suas atividades concebidas para os indivíduos ou para pequenos grupos. Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção e do objeto. O tempo utilizado pelo público é em geral de 1h ou 2h (MARANDINO, 2005, p. 3).

Ao oferecer acesso a novas linguagens, tecnologias, conhecimentos e valores, estimulando a curiosidade dos visitantes, os museus favorecem no processo de aquisição de conhecimento e cada vez mais tem sido valorizado pelos professores que percebem esse espaço como local para ampliar o conhecimento, ter contato com objetos da exposição de determinada época e ter uma pessoa especializada para repassar esse conhecimento utilizando uma linguagem diferente da sala de aula.

Conforme Anderson, Kisiel e Storksdieck (2006), o “sucesso” de uma visita escolar a um espaço de educação não formal é, em grande parte, dependente das expectativas, do conhecimento prévio e, sobretudo, das atitudes dos professores em relação a tal espaço, antes e depois da visita. No entanto, considera-se importante que o professor conheça o espaço em que levará os seus alunos, pois assim, conseguirá vincular o discente ao conteúdo expresso no museu, e com isso obter um melhor aproveitamento da visita. Pois as exposições e recursos educativos não devem ser confundidos com recurso didático utilizado dentro do âmbito escolar. Nesse sentido, Cazelli, Marandino e Stuart (2003, p. 101) ressaltam que:

[...] museus não são escolas e mediadores não são professores. Conhecer como professores utilizam o espaço do museu e como os profissionais da área educativa desenvolvem suas atividades de mediação, identificando os saberes que estão presentes nesses processos, se constituem em um campo de investigação necessária.

Assim como os professores devem estar preparados para levar os seus alunos a uma visita ao museu, também é importante que as instituições museológicas tenham mediadores preparados para auxiliar na compreensão dos processos educativos das histórias narradas pelos museus. Como defende Marandino (2005), os educadores de museus não podem estar restritos as “salas de educação”. É cada vez menos sustentável a ideia de que o educador participe somente no momento de “traduzir” as informações já dadas e prontas elaboradas pelos especialistas. O trabalho interdisciplinar, com todos os seus desafios epistemológicos, políticos e econômicos, se faz imprescindível no processo de comunicação e de educação que ocorre nos museus de ciências.

Dessa forma, observa-se que as atividades educativas em museus são diversas. Uma atividade bastante utilizada é a visita orientada, por ser atrativa e motivadora, ampliando o relacionamento visitante, mediador e objeto da exposição. Neste tipo de visita, o mediador conta toda a história exposta no circuito expositivo do museu e tem a oportunidade de conhecer os visitantes, seus interesses e curiosidades, a bagagem que ele traz consigo e assim poder adaptar a visita de acordo com a realidade de cada visitante.

Os mediadores acompanham os visitantes por todo circuito expositivo dos museus,

estimulando a reconstrução de um conhecimento já existente e a construção de novos saberes. Segundo Alabarse (2001), essa interação com outros indivíduos permite que se aprenda com maior facilidade. Porém, essa atitude de ter alguém para orientar o percurso, não tira a autonomia dos visitantes de explorar a exposição de forma autônoma. Ela salienta que a função de mediador deve ser desempenhada por pessoas especializadas, que irão atuar como mediadores/monitores. Massarini (2007) destaca a importância deste mediador, pois é ele capaz de traduzir as diferentes linguagens apresentadas nos discursos dos museus e isso aproxima o visitante da exposição.

O ato de mediar significa então possibilitar a emergência de novos saberes e a ampliação de significados elaborados por conta própria pelos visitantes na interação com os objetos expostos ou mediador. Assim, os museus são espaços de negociação de saberes resultantes de interações entre os sujeitos e os instrumentos de comunicação (MORAES et al., 2007).

2.4 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY E MEDIAÇÃO

A teoria Histórico-Cultural de Vygotsky tem-se consolidando no cenário científico como referência em pesquisas que discutem o processo de constituição do sujeito em diferentes contextos e condições sociais. Nessa perspectiva, as relações entre os sujeitos e os meios foi amplamente estudada, a partir da ideia de que os fenômenos psicológicos são construídos simultaneamente enquanto os indivíduos interagem socialmente. Segundo Ratner (1995, p. 6), “Um importante princípio básico da psicologia sócio-histórica é que os seres humanos se transformam ativamente à medida que transformam seu mundo social e natural”.

Também Fittipaldi (2006, p. 51) destaca que a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky está baseada na relação do homem com seu meio sociocultural, como este homem constrói a sua cultura. Pois “[...] o conhecimento vai do social para o individual, porque é por meio das relações sociais que o indivíduo pode se constituir enquanto membro autônomo da espécie humana”.

Segundo a teoria vygotskyana, a relação que o indivíduo cria com o mundo ocorre mediante o uso de instrumentos técnicos e da linguagem. Dependendo da cultura em que o indivíduo pertença, a linguagem será diferenciada. Assim, Vygotsky (1998, p. 24) salienta que “[...] o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”. Dessa forma, acredita-se que o indivíduo formula seus conhecimentos mediante a interação estabelecida com o contexto cultural e com

outras pessoas, havendo uma troca constante de aspectos individuais e coletivos.

[...] a interação social implica na participação ativa dos sujeitos num processo de intercâmbio, ao qual aportam diferentes níveis de experiências e conhecimentos. É claro que nem toda interação social implica numa aprendizagem, existindo categorias de interações das puramente sociais até as didáticas. É através dessas interações de caráter didático, que os sujeitos “aprendem”, ou seja, se apropriam do conhecimento, não como um objeto, que pode ser avaliado e observado independente do sujeito observador, mas conhecimento como uma forma de ser, isto é, conhecimento como ação adequada num contexto determinado (PASSERINO; SANTAROSA, 2009, p. 1).

É possível perceber que o processo de aprendizagem ocorre por meio da interação social, mas depende da pré-disposição do sujeito, entendido como um ser ativo que participa de todo o processo. É a própria pessoa que se apropria de novos conhecimentos, dependendo da qualidade das relações sociais estabelecidas, sendo que as de caráter didático são entendidas como as mais adequadas para promover a construção de novos saberes.

No caso dos museus, por exemplo, não se pode dizer que o simples fato de uma pessoa ter contato com o contexto museológico já é suficiente para resultar em aprendizagem, visto que depende do seu interesse em querer saber mais sobre as temáticas expostas. Além do mais, se o circuito expositivo deve apresentar uma linguagem didática, que facilite a compreensão por parte do visitante, ou ainda se existir a presença de uma pessoa para desempenhar a função de mediadora, com certeza haverá maior possibilidade de resultar em construção de novos conhecimentos.

Dessa forma, o mediador, ao realizar um atendimento ao grupo visitante, deve elaborar previamente o seu discurso e dentro deste discurso, que foi construído socialmente, ele seleciona o que mais lhe interessa, interpreta, levanta hipóteses, faz interferências, sintetiza, analisa e então transmite ao visitante. Evidencia-se assim que é importante que o mediador tenha formação na área, para não transmitir informações equivocadas, sendo que o discurso do mediador é resultado tanto de sua formação, quanto das interações sociais estabelecidas no espaço museal.

Além do mais, o mediador, precisa utilizar uma linguagem adequada para que o conhecimento transmitido seja apropriado pelo visitante. Para Vygotsky (1998, p. 7), “[...] a transmissão racional e intencional da experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio entre o trabalho”. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Pinto (2009) reflete sobre a importância da linguagem no processo de mediação existente nos museus, por entender que sem a linguagem não existe aprendizagem.

[...] a linguagem é a principal mediadora do sujeito com o meio e que cumpre fundamental função no processo de educação, pois sem linguagem não há aprendizagem. É por meio da linguagem que o indivíduo produz cultura; é mediante linguagem que o homem organiza o mundo simbolicamente, criando os museus, por exemplo (PINTO, 2009, 182).

Neste sentido, a mediação refere-se à intervenção realizada na relação objeto-sujeito, possibilitando assim que o indivíduo adquira conhecimentos a partir da relação construída com social e que será apropriada pelo individual. Ou seja, o mediador dentro do espaço museal, mediante o uso da linguagem e de outros instrumentos, contribui para a construção de conhecimento a partir da relação existente entre objeto, mediador e visitante.

Percebe-se assim que para Vygotsky, a mediação é uma propriedade da cognição humana, que se refere à assimilação de atividades e comportamentos sociais, históricos e culturais e, por sua vez, inclui o uso de ferramentas e de signos dentro de um contexto social. A mediação, no caso específico dos espaços expositivos, entre público e objeto de arte, é realizada não apenas pelas ferramentas, mas também pela relação com outros indivíduos que constituem um contexto repleto de outras significações e influenciando o processo de construção do próprio pensamento e da tomada de consciência.

Cabe salientar que para entender as ideias de Vygotsky, é importante inteirar-se de quatro pensamentos ou conceitos elaborados pelo autor, os quais contribuem com o processo de aprendizagem, ou seja: interação, mediação, internalização e zona desenvolvimento proximal (ZDP).

Ao abordar sobre a interação social, Vygotsky (1998) destaca que para melhorar o nível de aprendizagem, mais do que o indivíduo agir sobre o meio, ele precisa interagir, visto que é a partir das relações interpessoais e das trocas estabelecidas com o meio é que o sujeito irá compreender e assimilar os valores presentes na cultura na qual encontra-se inserido. Assim, o que parece individual na pessoa é na verdade resultado da construção da sua relação com outro. As características e atitudes individuais estão profundamente marcadas pelas trocas com o coletivo. É justamente no âmbito da cultura, dos valores e sentidos predominantes em determinados grupos sociais, é que o sujeito constrói e internaliza o conhecimento (VYGOTSKY, 1998).

A interação entre os indivíduos só é possível graças a utilização da linguagem. A linguagem é a grande ferramenta social de contato, é ela que possibilita a troca com o outro, permite a cada indivíduo, constituído dessa interação com o outro, completar-se, para conquistar o seu potencial. Nesse sentido, percebe-se que os museus são espaços que promovem essa interação entre o visitante e o objeto em exposição. Quando o indivíduo

realiza a visita individualmente dentro do espaço de um museu, depende do seu nível de conhecimento anterior para compreender, com maior ou menor intensidade, o que está sendo transmitido, por meio das diferentes formas de linguagens, no circuito expositivo.

O Museu de História do Pantanal, por exemplo, aborda diferentes especificidades dentro da história da ocupação humana na região pantaneira. Dificilmente existe algum visitante conhecedor de todas essas áreas do conhecimento. Com isso, quando a pessoa realiza a visita individualmente, ela deve adquirir algum tipo de conhecimento e quando acontece a interação, seja com o objeto, placa de identificação, o mediador ou outro visitante, ela possivelmente conseguirá ir além e com isso conquistar o seu potencial.

Quando o indivíduo realiza uma visita orientada com a presença de um mediador, possivelmente ele será capaz de aprender mais. Tudo vai depender também do conhecimento anterior que cada um possui sobre a temática exposta no museu.

No que se refere à linguagem, Vygotsky (1988) considera que se trata da ferramenta que torna o animal homem verdadeiramente humano. A linguagem realiza a interação do indivíduo com a cultura. O autor entende que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas por meio da linguagem e por mais que uma criança tenha biologicamente o potencial de se desenvolver, se ela não interagir, não se desenvolverá como deveria. Como exemplo, existe a história do menino lobo, encontrado na Rússia, que foi criado com lobos e desenvolveu muito pouco do seu lado humano. Através da linguagem, se realiza a mediação entre o objeto e a compreensão do objeto (UNESP, 2010).

Assim, a linguagem, como Vygotsky apresenta, é a principal ferramenta de interação entre os indivíduos e contribui com o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos seres humanos. E não se trata apenas da linguagem falada, visto que existem outras formas de linguagem construídas culturalmente e que também contribuem com o processo de comunicação e conseqüentemente da aquisição de novos conhecimentos.

Dentro do espaço do Museu de História do Pantanal, a linguagem se faz importante e se apresenta de duas formas. Uma se caracterizando pela linguagem da exposição quando se utiliza de imagens, placas de informações, vídeos, luzes cenográficas e acervos para contar a história da ocupação humana na região do Pantanal. Como também se utiliza da linguagem do mediador que realiza o elo entre o visitante e o objeto para assim estimular o aprendizado. Por mais que o visitante tenha o potencial para aprender, se não for estimulado pelas diversas formas de linguagem, poderá não ter interesse em aprender e assim não atingirá o seu potencial.

Dentro do conceito de linguagem utilizado por Vygotsky (1998) e tendo ciência que a

linguagem pode ter duplo significado, ainda assim são dados destaques ao papel do mediador, que orienta os indivíduos a abstrair o conceito do objeto e o tornar universal, possibilitando o indivíduo ir mais além. Pois a partir da interação com o mediador, seja dentro de um espaço escolar ou não-escolar, o indivíduo é capaz de aprender mais.

Quando se trata do conhecimento aprendido em um Museu de história, conforme ao qual estamos pesquisando, muitas vezes o mediador se torna o indivíduo que faz a ligação cronológica dos diferentes momentos históricos do Pantanal, os quais podem ser desconhecidos por seus visitantes. Como o museu possui um grande espaço de visitação, o indivíduo que não tem a presença do mediador, pode ter mais dificuldades em adquirir conhecimento do que se tivesse a colaboração de uma pessoa mais experiente, pois ao visitar sozinho e se deparar com 8,200 anos de história, dividido em 3 pavimentos, a pessoa poderá se apegar a determinado fato que mais lhe interessa e desconsiderar o contexto geral. E ao visitar com o mediador, este já prepara um discurso para atender o público específico, de forma a contribuir com a construção de novos conhecimentos.

Outro conceito proposto por Vygotsky (1998) refere-se ao processo de internalização ou interiorização que se configura pelo momento em que a aprendizagem se completa, em que algo externo é apropriado pelo sujeito. Para o referido autor, “[...] todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e depois, no interior da criança (intrapicológico)” (p. 75). Também Fino (2001, p. 276) salienta que a internalização,

Consiste esse fenômeno numa série de transformações: uma operação que inicialmente representa uma actividade externa, é reconstruída e começa a ocorrer internamente; um processo interpessoal transforma-se em num processo intrapessoal, sendo a transformação do processo em intrapessoal o resultado de uma longa série de eventos e desenvolvimento.

Ao visitar um museu o indivíduo coleta informações, que com o decorrer do tempo, pode se tornar conhecimento. Essa internalização varia de indivíduo para indivíduo, conforme a aceitação e pertencimento da informação adquirida. Com isso, ao visitar o museu, cada pessoa pode adquirir um conhecimento diferenciado, que estará relacionado ao seu interesse e a bagagem cultural já existente. Cada indivíduo possui suas particularidades e com isso em momentos diferentes poderá internalizar somente um determinado assunto ou até mesmo não entender nada, caso não tenha interesse e não preste atenção no que está sendo exposto. Assim, a apropriação do conhecimento por parte do visitante, depende do estímulo e linguagem utilizada pelo mediador, da bagagem cultural de cada visitante e da sua disposição para

aprender os conteúdos presentes no circuito expositivo do museu.

Finalmente, um dos conceitos mais importantes de Vygotsky, refere-se à Zona de desenvolvimento proximal ou potencial, conhecida como ZDP. De acordo com Gonçalves e Ferreira (2014, p. 124), ao analisar esse conceito, é importante considerar previamente que:

[...] existem dois níveis de desenvolvimento: a) o primeiro é denominado de nível de desenvolvimento real e diz respeito àquelas funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados; b) o segundo nível refere-se ao desenvolvimento potencial, que determina as funções mentais que as crianças apresentam em situações de ações coletivas, sob a orientação de adultos ou de crianças mais experientes.

Ou seja, existe o nível de desenvolvimento real, em que a pessoa consegue compreender determinada situação e existe outro nível em que o sujeito tem condições de compreender, desde que receba algum tipo de ajuda. Nesse sentido, Gonçalves e Ferreira (2014) fundamentam-se na teoria vygotskyana para explicar que a zona de desenvolvimento proximal é entendida como a distância existente entre o nível de desenvolvimento real, que é determinado por problemas que a pessoa soluciona de maneira independente, sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, que é determinado pela solução de problemas em atividades compartilhadas. Portanto, a ZDP refere-se a um espaço em branco relativo ao que a pessoa consegue realizar sozinha e o que tem potencialidade de vir a ser, desde que esta pessoa seja acompanhada, porque ela se torna capaz de aprender com os outros.

Cabe destacar que proximal vem de próximo, perto, íntimo, onde entra o professor, um adulto ou um colega mais experiente da roda da criança, que por estar próximo, detecta o seu potencial e a estimula a se superar e a se apropriar do que em tese ela é naturalmente capaz. Assim, o professor é um mediador entre a criança e o mundo, um parceiro de estrada mais experiente, um descobridor da ZDP do aluno, que o ajuda a interagir com os outros e consigo mesmo. A intenção é atingir o que no ser humano o que lhe é de direito, não o melhor além do outro, mas apenas o melhor de si mesmo, isto é o seu potencial (UNESP, 2010).

O discurso Marxista, que fundamenta a teoria Sócio-Histórica de Vygotsky, postulava que tudo é histórico, fruto de um processo e são as mudanças na sociedade e na vida material que modifica a natureza humana em sua consciência e comportamento. Influenciado por esses pressupostos, Vygotsky construiu a sua teoria sobre as funções psicológica superiores e como a linguagem e pensamento estão fortemente conectados. Para Vygotsky (1998), é importante avaliar a pessoa no que ela está aprendendo e não pelo que já aprendeu, sua teoria procura avaliar os processos mentais, envolvidos na compreensão do mundo. O modelo de aprendizado descrito por suas ideias representou um grande salto para a pedagogia,

especialmente quando descreve a zona de desenvolvimento proximal, por se tratar de uma das condições de aprendizagem mais importantes.

Ao estabelecer relações entre a ZDP e o espaço dos museus, é possível inferir que os museus recebem visitas de diferentes grupos, desde crianças de creche, como professores universitários e visitantes das mais diferentes culturas. Assim, o mediador precisa atender a esse público diversificado e para que a visita seja produtiva, o mediador deve se planejar de acordo com o perfil dos visitantes, entender o interesse, nível de formação, se a visita é para fins escolar ou turístico, etc. Ou seja, o mediador tem a função de identificar o nível de desenvolvimento do aluno, a fim de estimulá-lo em seu processo de consolidação do seu aprendizado. Com base nesse conceito, o mediador dentro do espaço museal, ao realizar uma visita orientada, deve conhecer o ZDP do aluno/visitante, para que possa contribuir no desenvolvimento proximal do aprendiz. Pois, se o mediador no espaço expositivo do museu transmitir um conhecimento de nível muito abaixo que os visitantes conhecem, não será adquirido conhecimento. Como também, se o mediador transmitir informações de níveis elevados, não fará com que os visitantes aprendam. Com isso, ao conhecer a ZDP, seria capaz de o mediador elaborar um discurso mais apropriado que atenderia grande parte do grupo.

Diante do exposto, percebe-se que se o mediador utilizar uma linguagem acima do nível de entendimento dos visitantes, eles terão dificuldades para assimilar o que está sendo transmitido e se o mediador utilizar uma linguagem abaixo do nível de entendimento, a visita não irá auxiliar na construção de novos conhecimentos e ainda poderá se tornar monótona. Com isso, o mediador deve ser o conhecedor da ZDP do visitante, não significando, porém que, em um grupo de visita, ele deverá conhecer a todos individualmente, mas sim ter noções básicas sobre o nível de formação da grande maioria. Levando em conta o conceito de ZDP, o nível de conhecimento do grupo, torna-se possível o mediador contribuir com o processo de construção de conhecimento, por utilizar linguagem adequada, de acordo com a necessidade e perfil de quem visita o Muphan.

Além do mais, ao realizar uma visita dentro do espaço educativo do Museu de História do Pantanal, o aluno tem a possibilidade de interagir seja com o mediador, com o acervo ou com os próprios colegas. Essa interação é capaz de facilitar o aprendizado pelo fato de o museu apresentar um tema cultural que muitos desconhecem, a interação gera o aprendizado, o que desenvolve a ZDP do aluno/visitante. Assim, aquele que antes ele só conseguia ter conhecimento com a ajuda de um mediador, das placas explicativas, ou dos acervos, após esse processo de interação, torna-se também capaz de fazer sozinho e, desta forma, está ocorrendo um processo de internalização, de acordo com a teoria Socio-Cultural de Vygotsky.

2.5 LEVANTAMENTO EM BASE DE DADOS

Ao fazer o levantamento em bases de dados, os resultados, de maneira geral, se apresentaram escassos. Utilizando os descritores “Museu, educação não formal, mediação e Vygotsky” nos sites de busca da Capes, Anped e Scielo, no primeiro momento não foram encontrados nada. Com isso, foram sendo utilizados dois descritores por vez, para ver a possibilidade de encontrar resultados. Porém somente no banco de dados da Scielo, utilizando os descritores “Museu e mediação” foram encontrados 4 itens, com os seguintes temas:

- 1 - Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas; Ler e copiar, ouvir e registrar: um dicionário jesuítico como instrumento de aprendizado da língua geral na Amazônia setecentista;
- 2 - O processo de apropriação da bioexposição “a célula ao alcance da mão” em um centro de ciências: desafios da mediação;
- 3 - Armas, beleza, computadores: a cultura material em algumas observações introdutórias;
- 4 - Circulação e mediação da obra de arte na belle époque paulistana.

Dentre os temas acima citados, de forma geral abordam sobre o mediador não somente humano, mas também de uma obra que pode fazer o papel de mediação. No item 1, o artigo busca analisar a formação dos mediadores, partindo do pressuposto que há pouco investimento nesta formação. No item 2, apresenta o uso de um dicionário para o aprendizado da linguagem e ao se tratar de linguagem trabalha com o conceito de mediação, onde o mediador aprenderá a linguagem indígena e o transferirá. No item 3, apresenta a importância dos espaços não formais de educação, na divulgação, mas especificamente sobre o corpo humano, retratado pelo Museu de Ciências Morfológicas da UFMG, e os investimentos necessários na formação dos mediadores. No item 4, apresenta a contextualização histórica da cultura material do homem no período da belle époque paulista, através das obras de arte, pressupondo a mediação como aquele repleto de significados e símbolos. Que só foi possível graças a circulação destas obras.

E utilizando o descritor “Museu e Educação não-formal” foram encontrados 15 itens, com os seguintes temas:

- 1) Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas;
- 2) Aerodinâmica de bolas;
- 3) As pesquisas sobre aprendizagem em museus: uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural;

- 4) Visitas guiadas ao Museu Nacional: interações e impressões de estudantes da Educação Básica;
- 5) Pensar la institución museística en términos de institución educativa y cultural, el caso del Museo de Antioquia;
- 6) Patrimônio, memória y educación: una visión museológica;
- 7) O processo de apropriação da bioexposição "a célula ao alcance da mão" em um centro de ciências: desafios da mediação;
- 8) Possibilidades de ensino de botânica em um espaço não-formal de educação na percepção de professoras de ciências;
- 9) Ensino de astronomia em um espaço não formal: observação do Sol e de manchas solares;
- 10) Educação em solos: princípios, teoria e métodos;
- 11) O Museu de Ciência: espaço da história da ciência;
- 12) Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil;
- 13) Concepções, paradigmas e valores para o desenvolvimento sustentável;
- 14) Uma visão comparada do ensino em ciência, tecnologia e sociedade na escola e em um museu de ciência;
- 15) Narrativa, mito, ciência e tecnologia: o ensino de ciências na escola e no museu.

No item 1, apresenta o aumento do uso do mediador em museus e a falta de capacitação para esses profissionais. No item 2, apresenta que com a utilização dos museus, as aulas, principalmente de física, passaram a ser menos entediadas e mais produtivas. No item 3, é realizada uma discussão da aprendizagem dentro dos museus, a partir da perspectiva teórica sócio-histórica. No item 4, o artigo buscou analisar as visitas guiadas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. No item 5, o artigo busca analisar as percepções e imaginário das ações educativas e culturais do Museu de Antioquia na Colômbia. No item 6 busca relacionar patrimônio, memória e educação com as ações realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. No item 7 o artigo apresenta o museu como sendo algo necessário e capaz de transmitir um conhecimento mais atrativo, com isso busca analisar o Museu de Ciências Morfológicas da UFMG ao trabalhar com o tema célula ao alcance da mão. No item 8 trabalha com as percepções dos professores sobre a utilização dos museus de ciência. No item 9 realizou uma análise do ensino de astronomia dentro de um museu. No item 10 o artigo realizou um estudo sobre os solos, apresentando uma concepção de sustentabilidade necessária na vida humana. No item 11 busca analisar a abordagem que o

museu realiza sobre os temas científicos, sendo capaz de facilitar o entendimento do público sobre a ciência. No item 12 o artigo analisa três exposições interativas, planejadas para o público infantil e famílias. No item 13 analise os parâmetros utilizados pelo museu para tratar sobre o tema desenvolvimento sustentável. No item 14 busca analisar as narrativas de crianças e professores desenvolvidos dentro de sala de aula e no museu. No item 15 trabalha com a ideia de alfabetização científica, integrando ensino formal, não-formal e divulgação científica.

As pesquisas acima encontradas em artigos, teses e dissertações não se assemelham diretamente a pesquisa que se busca realizar sobre as investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição no Museu de História do Pantanal, comparando quais conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada, evidenciando se o museu têm contribuído para a construção do conhecimento sobre a História Regional Pantaneira, via educação em espaços não escolares. Não foi possível encontrar um trabalho que agrupasse museu, educação não-formal, mediação e Vygotsky. E que se assemelhasse a proposta acima. Porém foram encontradas pesquisas de grande importância, que acrescentara informações na realização da pesquisa proposta.

3. METODOLOGIA

Após fazer a revisão da bibliografia relacionada ao tema pesquisado, faz-se necessário esclarecer sobre o encaminhamento metodológico relativo à investigação, abrangendo os seguintes tópicos: objetivos que se dividem em geral e específicos; problematização; local ou campo de estudo; participantes da pesquisa; instrumentos; procedimentos; análise dos dados. Cada um desses itens é apresentado na sequência para, posteriormente, apresentar os resultados da pesquisa e realizar a discussão ou análise interpretativa dos dados coletados.

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 Objetivo Geral:

- Investigar e analisar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada.

3.1.2 Objetivos Específicos:

- Investigar o processo de interação que ocorre entre o mediador, visitante e objetos da exposição, durante a visita de alunos do 2º ano do ensino médio no Museu de História do Pantanal.

- Identificar e comparar quais os conhecimentos são assimilados pelos alunos que fizeram a visita livre e pelos alunos que fizeram a visita orientada.

- Relacionar a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky com a mediação existente nos museus, como forma de apropriação de novos conhecimentos por parte dos visitantes.

- Comparar os conhecimentos que os alunos possuíam anteriormente à visita ao Muhpan com os conhecimentos manifestados após o processo de visita.

3.2 Problematização

Após cinco anos de trabalho realizados dentro da Ação Educativa do Museu de História do Pantanal, surgiram inquietações a respeito da aquisição de conhecimento por parte dos visitantes, durante as visitas livres ou visitas que eram orientadas por um mediador. Ficava pensando se o que estava exposto no museu era realmente compreendido e quais conhecimentos eram apropriados pelos visitantes, estando ou não na presença do mediador.

Segundo Freire (1987), essas inquietações se caracterizam por problematizações que devem ser investigadas e, dessa forma, a problematização pode ser entendida como o veículo condutor da realização da pesquisa.

Para Bachelard (1996), a problematização movimenta a construção do conhecimento científico, o qual deve ser construído graças às perguntas que surgem a partir da identificação de um problema, que será respondido com o desenvolvimento da pesquisa. Assim, a problematização que norteia a presente proposta de pesquisa, consiste em buscar possíveis respostas para as seguintes indagações:

- Como ocorre o processo de interação entre o mediador, visitante e objetos da exposição no Museu de História do Pantanal durante o período de visitação, especialmente por parte dos alunos da Educação Básica?
- Os estudantes adquirem conhecimentos ao visitar o Museu de História do Pantanal?
- Em algumas situações existe a presença do mediador e em outras ocorre a visitação livre, será que há diferença significativa na aquisição de conhecimento por parte dos alunos, considerando essas duas formas de visitação?
- Quais os conhecimentos sobre a História Regional Pantaneira são mais assimilados pelos alunos do ensino médio durante a visita livre e visita orientada?

3.3 Pesquisa de Natureza Qualitativa

Ao propor-se realizar uma pesquisa de cunho científico, o pesquisador tem a preocupação em traçar a metodologia que será utilizada para a conclusão do trabalho. A metodologia descreve como o estudo será realizado, para isso inclui os métodos de pesquisa, tipos de pesquisa, modalidades da pesquisa, técnicas ou recursos para coleta de dados, recursos tecnológicos e procedimentos complementares (LUDWING, 2014).

Na área da educação, existem dois tipos fundamentais de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa. Para a realização da presente proposta investigativa, foi utilizada a pesquisa de

natureza qualitativa que, conforme Lincoln e Denzin (2006, p. 17), pode ser definida como:

[...] uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A pesquisa qualitativa se faz necessário para o levantamento de dados sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos, entendendo as motivações do grupo por determinado objeto, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos dentro do espaço museológico.

3.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização da coleta de dados consistiram em:

- a) Questionário (APÊNDICE I) que foi respondido individualmente por cada aluno na escola antes da visita ao museu, a fim de perceber o nível de conhecimento de cada participante sobre os temas abordados pelo Muphan;
- b) Observação e filmagem dos alunos durante as visitas livre e orientada;
- c) Preenchimento do mesmo questionário (APÊNDICE I), por cada uma dos alunos, logo após terminar a visita ao Muphan, o qual foi respondido no próprio museu;
- d) Entrevista individualizada, norteada pelas mesmas temáticas do questionário, com dois alunos que fizeram a visita livre e dois alunos que fizeram visita orientada, com a intenção de comparar os conhecimentos que permaneceram, mesmo após terem se passado seis meses após a visita ao Muphan.

Assim, recursos tecnológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa de campo foram: máquina fotográfica, filmadora, gravador de voz, questionário com questões abertas e fechadas.

3.5 Sujeitos ou Participantes da Pesquisa

Para a realização da coleta de dados, foi feita a opção por desenvolver a pesquisa com os alunos de ensino médio, por se entender que eles já tinham maiores condições de

externalizar os próprios conhecimentos. Assim, os critérios adotados para a escolha do grupo de alunos foram: discentes de escola pública e que a maioria não tivesse ainda visitado⁴ o Museu de História do Pantanal; alunos que estivessem estudando algum conteúdo que se relacionasse com o tema tratado pelo referido museu. Com isso, verificamos o Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul Ensino Médio e percebemos que o 2º ano estava estudando temas como:

- Brasil Monárquico: primeiro reinado (1822-1831); período regencial (1831-1840); segundo reinado (1840-1889).

- O movimento Republicano e a Proclamação da República (MATO GROSSO DO SUL, 2006).

Quanto à escolha da escola, foi priorizada não a que era mais próxima do Muphan, mas a que tinha ponto de ônibus, de forma a facilitar o acesso dos alunos até o museu. Dessa forma, a coleta de dados ocorreu em três etapas, com os seguintes participantes:

1ª Etapa: Totalizaram 50 alunos de duas turmas de 2º ano do ensino médio de uma escola pública de Corumbá MS, com idade que variava entre 16 e 19 anos de idade, sendo 26 do gênero feminino e 24 do gênero masculino. Todos foram convidados e concordaram em participar da próxima etapa da pesquisa, caracterizada pela visita ao Muphan.

2ª Etapa: Tendo em vista que choveu no dia combinado para visitar o museu, e que os alunos de deslocaram de ônibus, somente 26 estudantes compareceram nesse dia, a ponto de se pensar em não fazer esta etapa da pesquisa naquela ocasião. Porém, como já era mês de novembro, final de ano letivo, entendemos que era melhor considerar esse grupo de alunos para visitar ao circuito expositivo do museu. Entre esse grupo de estudantes, um não havia preenchido o primeiro questionário na escola, porque havia faltado no dia da pesquisa, então, embora tenha feito a visita livre, ele não foi considerado para a análise dos dados do presente estudo. Nesse caso, a segunda etapa da pesquisa contou com a participação de 25 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

3.6 Procedimentos

Para a realização da coleta de dados, que ocorreu no mês de novembro de 2017, inicialmente a pesquisadora foi até a escola para tratar dos trâmites burocráticos da pesquisa com a gestão escolar. Em outro dia previamente agendado, foi feito o contato inicial com as

⁴ A intenção seria que nenhum aluno tivesse visitado anteriormente o museu, mas como é difícil saber se em uma turma de alunos nenhum nunca realmente visitou, foi mantida a ideia de maioria.

turmas de segundo ano do ensino médio, para então combinar com os alunos o dia da visita ao museu (17 de novembro às 08h), já deixando claro que eles participariam de uma pesquisa, a qual resultaria em produção de novos conhecimentos relevantes para a sociedade. Em seguida, um total de 50 alunos respondeu ao questionário (APÊNDICE I), na própria sala de aula.

No dia da visita, devido ao clima chuvoso, somente a metade dos alunos que responderam ao questionário na escola compareceram ao Muphan. Após aguardar um tempo e perceber que não chegariam mais nenhum aluno, foi feito um sorteio aleatório, com números pares e ímpares, sendo então formado o Grupo A, com 12 participantes e grupo B com 13 participantes.

O Grupo A realizou a visita de forma livre, sem a companhia de um mediador. O pesquisador não entrevistou em momento algum, somente observou as ações que foram realizadas pelo grupo, tais como: objeto que mais se identificaram, as conversas que surgiram entre os estudantes, entre outros. Além disto, a visita foi filmada por um colaborador. Após o término da visita, que durou 40 minutos, esses mesmos alunos responderam ao mesmo questionário que já haviam respondido na primeira etapa da pesquisa.

Cabe salientar que no momento em que o Grupo A realizou a visita livre, o Grupo B ficou no auditório do museu assistindo ao filme *Lixo extraordinário*⁵. Em seguida, o Grupo B fez a visita ao museu, enquanto que o Grupo A assistiu o mesmo vídeo.

De forma diferente do Grupo A, o Grupo B fez a visita orientada com auxílio de uma mediadora, a qual foi escolhida porque havia realizado estágio remunerado nos anos de 2015 e 2016 no Muphan, desempenhando essa mesma função, e ela tinha disponibilidade para o dia agendado para a pesquisa. A mediadora contou a História da ocupação humana na região do Pantanal, utilizando os acervos para despertar o interesse nos alunos. Após a visita, que durou 1 hora e 15 minutos, e que também foi filmada, os alunos responderam ao mesmo questionário que haviam respondido na escola.

Ao finalizar as atividades de pesquisa no Muphan, os alunos retornaram à escola e meses depois, já no mês de maio de 2018, foram escolhidos 2 alunos do grupo A (Visita livre) e 2 alunos do grupo B (Visita orientada) para serem entrevistados individualmente. O critério para a escolha desses alunos foi de selecionar, em cada grupo, um que teve avanço na comparação entre os dois questionários respondidos, antes e depois da visita ao museu. A finalidade desta entrevista foi de comparar o que os quatro alunos escreveram no questionário no dia da visita e que continuavam lembrando seis meses após terem passado pela experiência

⁵ Documentário apresenta a trajetória do lixo recolhido no maior aterro sanitário da América Latina até ser transformado em arte pelo artista plástico Vik Muniz.

de fazer a visita livre ou visita orientada no Museu de História do Pantanal.

3.7 Análise dos Dados

Após a coleta dos dados por meio dos questionários, filmagens e entrevistas, passou-se para o momento da organização dos dados, para então desenvolver a análise mediante a técnica denominada de análise de conteúdo de Bardin (2004). Trata-se de um conjunto de técnicas sistemáticas e organizadas utilizadas para analisar as informações emitidas pelos entrevistados. Com isso, os dados foram organizados em categorias que mais possuem semelhanças. Destacando que foram coletadas informações de alunos com perfil no geral idênticos, porém com pensamentos, nível de aprendizado e bagagem cultural diferenciado, com isso, a análise de conteúdo vai muito além do discurso, por priorizar as interpretações por trás dele.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos por meio da coleta de dados foram organizados em cinco categorias, tais como: Análise geral dos questionários preenchidos antes da visita ao Muphan; Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita livre; Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita orientada; Visita Livre X Visita Orientada: possíveis comparações entre os grupos de alunos; Análise sobre as entrevistas realizadas seis meses após a visita ao Muphan.

Cabe salientar que, paralelamente a apresentação dos resultados, são realizadas as análises dos dados, as quais são fundamentadas em autores que abordam sobre temáticas relativas aos museus e teoria Histórico-Cultura de Vygotsky, conforme apresentados na sequência.

4.1 Análise geral dos questionários preenchidos antes da visita ao Muphan

Durante o processo de coletas de dados, inicialmente os alunos preencheram o questionário antes da visita ao Museu de História do Pantanal. Este questionário teve a finalidade de medir o nível de conhecimento prévio dos participantes da pesquisa e foi respondido por um total de 50 alunos, na própria escola em que estudavam.

Ao analisar os resultados dessa primeira etapa da pesquisa de campo, foi possível notar que 29 alunos (58%) afirmaram que nunca visitaram o Muphan, enquanto que 21 alunos (42%) já tinham visitado em anos anteriores. Em relação à visita a museus e centros culturais, 47 alunos (94%) não possuíam o hábito de frequentar esses locais e somente 3 alunos (6%) tinham esse costume. Dentre as justificativas para não realizar esse tipo de visita, alguns alunos argumentaram: “Não tenho tempo para essas visitas, mas é legal conhecer mais sobre as culturas de Corumbá”; “Eu não sentia interesse nas histórias”; “Não tenho costume”; “Não tenho muito tempo e nem meio locomotivo”; “Não vou porque eu não gosto”; “Não tenho muito tempo livre”; entre outros depoimentos.

É possível notar que a maioria dos alunos não percebe a importância em dispensar um tempo para realizar esse tipo de visita, em meio ao mundo capitalista ao qual estão inseridos, justificam que estão sem tempo, não gostam ou não têm costume. De forma semelhante, um estudo realizado por Costa e Brigola (2014) com estudantes universitários, sobre o hábito cultural de visitar os museus, apontou:

Uma constatação relevante e até certo modo lamentável é que dos estudantes que fizeram sua primeira visita a um museu destacaram a não frequência a este tipo de instituição, majoritariamente, por desconhecimento dos museus da própria cidade em que vivem. Unem-se a este motivo, também, a falta de interesse, a falta de tempo e a dificuldade de acesso aos espaços museais, esta última enquanto distância entre a residência dos estudantes e localização dos museus (COSTA; BRIGOLA, 2014, p. 135).

No caso da pesquisa realizada com os alunos do ensino médio no Muphan, os poucos estudantes que tinham o hábito de realizar visita aos museus e centros culturais, argumentaram: “Sim, eu vou! A maioria das vezes com a Escola”; “Sim, eu vou porque me interessa pela cultura”; “Vou com muita frequência com a turma da escola”. Tais respostas sinalizam que os alunos que realizavam visitas culturais era devido a iniciativa da escola e não da família, evidenciando que a educação escolar tem um papel relevante no sentido de garantir aos alunos a oportunidade de ter acesso aos espaços culturais, a fim de que possam formar o hábito e então irem por iniciativa própria. Nesse sentido, Costa e Brigola (2014, p. 124) enfatizam que “[...] o hábito cultural de visitar museus precisa e deve ser fomentado na formação dos estudantes” e a escola pode muito contribuir com esse processo formativo.

É importante destacar que, conforme mencionado na abordagem teórica, o Muphan conta a história da ocupação humana na região do Pantanal e, para isso, divide a história em salas e temas. Sabendo de tal organização, o questionário (APÊNDICE I) foi elaborado com base nesta divisão já realizada pelo referido museu.

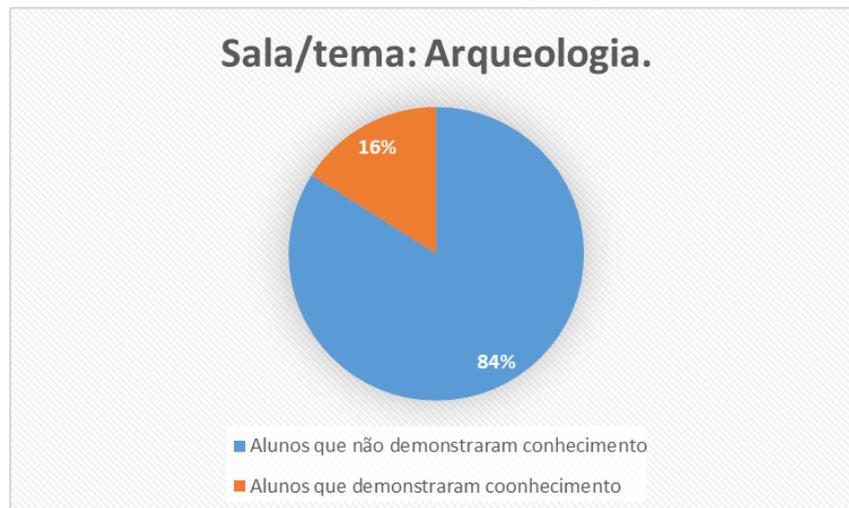
Nesse contexto, como o primeiro tema retratado pelo museu é o “Pantanal”, em uma das questões abertas, cada aluno deveria descrever o que sabia sobre o Pantanal. Por meio das respostas, foi possível notar que pouco mais que a metade (26 alunos) demonstrou ter algum tipo de conhecimento, embora se tratassem de frases curtas com respostas sucintas e superficiais, como por exemplo, ao comentar sobre o Porto de Corumbá, uma aluna respondeu: “É um dos pontos mais visitados de Corumbá” e sobre o Trem do Pantanal, a mesma aluna escreveu: “Sei que não é utilizado para viagens”.

Por outro lado, quase metade dos alunos (24 no total) demonstrou não ter conhecimento (GRÁFICO 2) sobre os temas retratados no Muphan, como o caso do aluno que ao comentar sobre o Trem do Pantanal, escreveu: “Não tenho ideia do trem” e sobre a Guerra do Paraguai, sintetizou: “Não sei”.

Gráfico 2: Conhecimento dos alunos sobre o Pantanal.

Fonte: Autora, 2018.

O segundo tema foi sobre a “Arqueologia Pantaneira” e, sobre esse assunto, 42 alunos (84%) demonstraram desconhecer a temática, enquanto que 8 alunos (16%) evidenciaram ter algum tipo de conhecimento, conforme Gráfico 3.

Gráfico 3: Conhecimento dos alunos sobre a Arqueologia do Pantanal

Fonte: Autora, 2018.

O próximo tema foi sobre “Os indígenas do Pantanal” e, nesse caso, 35 alunos (70%) demonstraram não conhecer o assunto, enquanto que 15 alunos (30%) evidenciaram ter algum tipo de conhecimento (GRÁFICO 4). Cabe salientar que, de acordo com Silva e Gonçalves (2017, p. 51), “Quando se analisa o circuito expositivo do Muhan, percebemos que não há a preocupação em expor especificamente sobre a história do indígena, do negro, da arqueologia

e do Pantanal, mas sim um contexto histórico mais amplo”. Diante desse pressuposto, foi possível notar que os alunos tiveram acesso a curiosidades sobre os indígenas, mas não conseguiram aprofundar os conhecimentos, visto que suas respostas foram superficiais.

Gráfico 4: Conhecimento dos alunos sobre os Indígenas do Pantanal



Fonte: Autora, 2018.

Ao refletir sobre as questões indígenas presentes no interior do Muhpan, Silva e Gonçalves (2017, p. 48) afirmam que:

O Museu de História do Pantanal deve ser visto como um portador de estratégias discursivas, que é transmissor de um conhecimento geral e não aprofundado da história indígena. Deve ficar claro que este espaço não possui um conteúdo completo sobre a questão indígena, mas o conhecimento transmitido no museu é capaz de ser base para a construção de outros. Ou seja, não significa que o professor não deva visitar o Museu, pelo contrário, o Muhpan transpira conhecimento e contribui na transmissão de valores. É preciso um professor orientador, que dirija a visita e não aquele que se deixa ser dirigido pelo discurso do narrador.

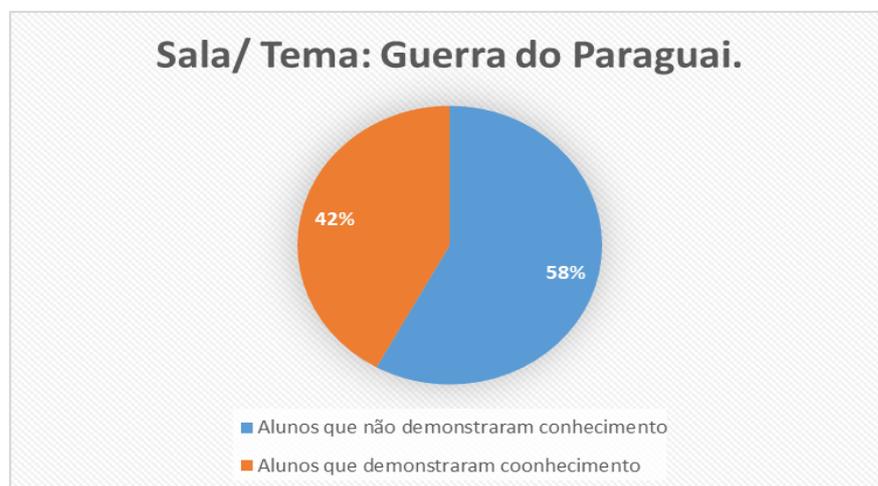
Embora o que encontra-se exposto no Muhpan sobre os indígenas possa ser considerado amplo, se o professor ou o mediador que atende aos visitantes no museu tiver conhecimentos relevantes sobre a temática, poderá contribuir para que os alunos aprendam por meio do que viram e perceberam durante o período de visita no espaço mesológico.

Voltando a analisar as outras temáticas expostas no Muhpan, em relação ao tema “Trem do Pantanal”, 31 alunos (62%) demonstraram não ter conhecimento sobre o assunto, enquanto 19 alunos (38%) sinalizaram que tinham alguma compreensão sobre a temática, de acordo com o Gráfico 5.

Gráfico 5: Conhecimento dos alunos sobre o Trem do Pantanal

Fonte: Autora, 2018.

Dando continuidade à sequência cronológica apresentada pelo Muphan, chegamos ao tema “Guerra do Paraguai” e, conforme demonstrado mediante os dados do Gráfico 6, entre o total de alunos, 29 (58%) demonstraram não ter conhecimento e 21 (42%) evidenciaram que conheciam a temática.

Gráfico 6: Conhecimento dos alunos sobre a Guerra do Paraguai.

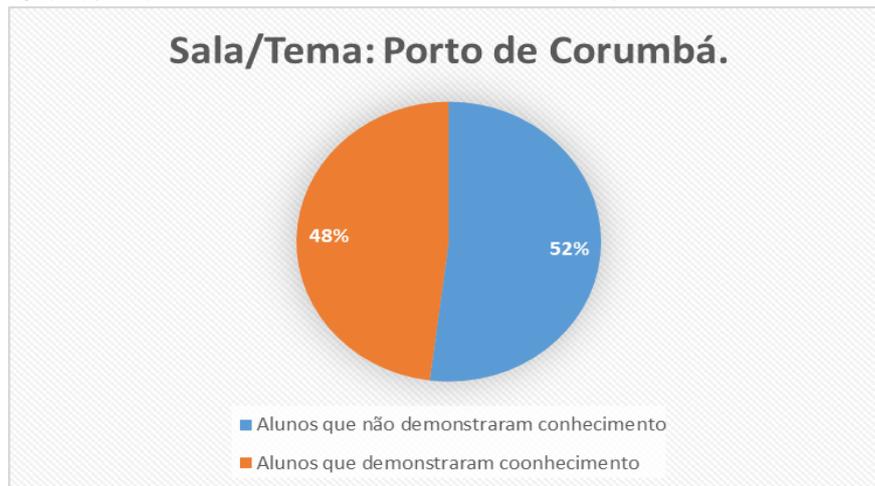
Fonte: Autora, 2018.

Ao abordar sobre a guerra do Paraguai, Souza (2004, p. 331) argumenta que “Corumbá constituiu-se num centro comercial para Mato Grosso logo após a Guerra do Paraguai (1865-1870)”. Tal condição esteve associada ao fato de ter-se tornado o ponto terminal da navegação internacional pelo rio Paraguai. A guerra também influenciou na formação de algumas áreas de Corumbá devido à chegada de tropas do Exército,

acompanhadas dos outros viandantes, que se estabeleceram próximos à barranca do rio. Ou seja, a guerra do Paraguai acabou influenciando o desenvolvimento do município de Corumbá.

O próximo tema abordado no questionário e respondido pelos alunos referia-se ao “Porto de Corumbá” e, ao explicar sobre esse assunto, 26 estudantes (52%) demonstraram não ter conhecimento, enquanto que 24 alunos (48%) apresentaram ideias importantes sobre a temática, conforme o Gráfico 7.

Gráfico 7: Conhecimento dos alunos sobre o Porto de Corumbá.



Fonte: Autora, 2018.

O último tema retratado pelo museu foi sobre as “Fazendas do Pantanal”. Entre o total de alunos, 43 alunos (86%) desconheciam o assunto e apenas 7 alunos (14%) apresentaram ter algum tipo de conhecimento prévio sobre o tema, conforme apresentado no Gráfico 8.

Gráfico 8: Conhecimentos dos alunos sobre as Fazendas do Pantanal.



Fonte: Autora, 2018.

Diante de todas as temáticas retratadas pelo Muhpan, foi possível notar que existem algumas que os alunos tiveram mais familiaridade e outras que desconheciam. O tema com maior nível de conhecimento demonstrado pelos alunos foi sobre o Pantanal, com 52%, quase empatando com aqueles que afirmaram não conhecer a mesma temática (48%). Já os temas mais desconhecidos foram: as Fazendas (86%); a Arqueologia (84%), os Indígenas (70%) e Trem do Pantanal (62%). Entre os temas com menor nível de conhecimento demonstrado pelos alunos, havia dois em que as porcentagens eram medianas, não havendo diferença significativa entre os que conheciam ou desconheciam a mesma temática, tais como: Guerra do Paraguai (58% desconheciam x 42 conheciam) e Porto de Corumbá (52% desconheciam x 48% conheciam). Importante ressaltar que muitos dos conhecimentos expressados pelos alunos, no preenchimento do questionário antes da visita ao museu, se apresentavam de forma superficial, mas ainda assim esses alunos foram considerados como se tivessem algum tipo de conhecimento.

Essa familiaridade ou desconhecimento sobre determinados assuntos podem estar relacionados com a falta de estudos anteriores, principalmente na escola, porque a história regional por muito tempo não fez parte dos currículos escolares. Na atualidade, percebemos uma sutil mudança, diante de sugestões de alguns temas regionais que devem ser trabalhados com os alunos. Então, tendo em vista que por anos os estudantes não tiveram o hábito de aprender dentro do espaço escolar, percebeu-se que estes alunos não tiveram a maturidade de conseguir adquirir alguns conhecimentos sozinhos, causando assim essa ausência de relatos sobre a história regional ao qual pertencem.

4.2 Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita livre

Após a realização do sorteio aleatório, entre os alunos que estavam no Muhpan no dia da coleta de dados, o grupo sorteado para fazer a visita livre contou com 12 (doze) alunos, cujo perfil pode ser observado por meio da Tabela 1. Para facilitar a identificação dos alunos, e ao mesmo tempo preservar suas identidades, foi utilizado o termo Vili (de Visita Livre), acrescida de uma letra do alfabeto.

Tabela 1: Perfil dos alunos que fizeram visita livre.

Identificação dos alunos	Sexo	Idade	Desempenho na escola, segundo a opinião dos alunos	Visitou o Muphan	Visita museus e centros culturais
Vili-A	Masculino	16	8	Não	Não
Vili-B	Masculino	17	6	Não	Não
Vili-C	Feminino	16	6	Sim, em 2015	Não
Vili-D	Masculino	17	6	Sim, 4ª série	Não
Vili-E	Feminino	16	8	Sim	Não
Vili-F	Masculino	16	6	Não	Não
Vili-G	Feminino	17	8	Sim, em 2015	Não
Vili-H	Feminino	18	8	Não	Sim
Vili-I	Masculino	19	6	Sim	Não
Vili-J	Feminino	16	6	Sim, em 2016	Sim
Vili-K	Feminino	16	10	Não	Não
Vili-L	Masculino	17	8	Sim, em 2015	Não

Fonte: Autora, 2018.

É possível notar que entre esse grupo de alunos, 6 eram do sexo feminino e 6 do sexo masculino, sendo que mais da metade dos alunos afirmaram ter visitado o Muphan, mesmo não demonstrando que detinham muitos conhecimentos sobre as temáticas existentes no museu. Tal fato pode ser percebido mediante as análises do primeiro questionário, em que os entrevistados, em sua grande maioria, não apresentaram conhecimentos aprofundados ou que prévios sobre o museu.

De acordo com os questionários preenchidos pelos participantes do Grupo A, que fizeram a visita livre, foi possível perceber que os alunos tiveram algumas dificuldades, pois a aquisição de conhecimento deveria partir deles, durante o processo de leitura das placas informativas ou textos, diferente da visita orientada, em que a mediadora estimulava os visitantes a determinados conteúdos e objetos.

Entre os 12 participantes que fizeram a visita livre, foi possível notar, a partir da comparação individualizada do questionário prévio com o que foi preenchido após a visita ao museu, que 6 participantes não demonstraram muitos avanços, foram muito sucintos em suas respostas, repetindo basicamente as informações do primeiro questionário. Entre esses alunos podemos destacar:

Vili-A: Inicialmente o aluno respondeu “Não” para praticamente a maioria das indagações, exceto para a questão que se tratava sobre o Porto de Corumbá, que no Q1 apareceu “Não sei” e no Q2 descreveu: “Era utilizado para o desembarque de barcos que vinham de outros lugares”; também para a questão sobre a história retratada pelo Muphan

primeiro escreve “Não”, ou seja, desconhece a história tratada, e depois argumenta: “A história do Pantanal, Corumbá e a Guerra do Paraguai”. Este aluno não apresentou muito avanço após a visita, não existe uma resposta que possa ser considerada satisfatória.

Vili-B: De forma semelhante ao anterior, também esse participante da pesquisa não apresentou muito avanço com a visita ao museu, no Q1 o aluno praticamente respondeu “Não sei” para a maioria das questões e já no segundo questionário podemos perceber alguns avanços superficiais, pois quando o aluno é interrogado ele já não respondeu “Não sei”, mas ainda assim apresentou respostas vagas para as perguntas, porém já apresentou algo novo adquirido dentro do Muphan. Ao responder sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 ele escreveu: “Não sei”; e no Q2: “Foram um dos primeiros habitantes do Pantanal, tentando passar seus conhecimentos”. Diferente do Vili-A, este estudante descreveu mais respostas para as perguntas do questionário 2, porém elas são sucintas, o que não nos permite afirmar que este adquiriu mais conhecimento que o outro.

Vili-C: Inicialmente no Q1, a aluna respondeu as questões de forma sucinta. Porém, no Q2, a aluna também não apresentou muitas diferenças em seus relatos. Assim como os dois entrevistados acima, as questões são respondidas de forma superficial. Quando interrogada sobre o Trem do Pantanal, no Q1 a aluna respondeu: “Não tenho conhecimento sobre o assunto” e no Q2 descreve: “Ele era muito utilizado pelo povo daquela época, para transportar embarcações e pessoas”. Podemos observar que, além de uma resposta vaga, a aluna explica que transportavam embarcações dentro dos trens, tratando-se de uma falha de entendimento por parte da aluna, que distorceu a informação fornecida pelo museu. De acordo com Correa e Correa (2015), o trem por mais de 80 anos serviu como transporte de pessoas e mercadorias, ligando Bauru até a Bolívia, passando por Corumbá. Os trens não tinham as funções de trazer embarcações, como foi dita pela entrevistada, mas está sim vinculado ao transporte de pessoas também dito por ela.

Vili-D, Vili-E e Vili-F: Os alunos responderam “Não”, “Nada” e “Não sei” para todas as questões. Com isso, percebe-se que, mesmo diante das placas e textos que foram observados por uns e descritos por outros participantes da pesquisa, não ficou marcado e expressado por esses três estudantes. Segundo a Vili-E, “As minhas respostas estão incompletas porque a minha visita foi livre e não tinha uma pessoa para me explicar. Tive muitas curiosidades, os textos eram muito grandes e não tivemos muito tempo para ler tudo. E tudo o que eu entendi, não sei explicar”. A forma pela qual a exposição é apresentada dentro do museu é considerada também uma forma de mediar o conhecimento até o visitante. Para Vieira (2009), há duas formas de comunicação dentro do museu: a comunicação interpessoal

que é a desenvolvida entre o profissional do museu e o visitante e a comunicação de massas, que estão relacionadas com as exposições e seus acervos. Assim, há uma necessidade de as exposições serem atrativas, o que não se fez presente, segundo a Vili-E, que criticou a extensão dos textos.

Ainda segundo a Vili-E, existem problemas pelos quais explicariam a sua falta de entendimento durante a visita ao museu, que seria a falta de um mediador que facilitaria o aprendizado. O papel do mediador é um fator relevante, pois conforme Nascimento (2008, p.12), “[...] consiste em auxiliar o indivíduo a perceber e interpretar seu ambiente. Uma pessoa, o mediador, auxilia o outro a reconhecer certas características importantes, físicas e sociais, de sua experiência presente ou passada”. Com isso, a falta do mediador, e essa dependência do outro para aprender, pode ter dificultado o aprendizado dos alunos que receberam a visita livre e em especial Vili-E. Além do mais, a entrevistada também aponta a dificuldade de expressar os seus entendimentos.

Por outro lado, 6 participantes da pesquisa demonstraram alguns avanços na comparação entre os dois questionários, como é o caso dos seguintes estudantes:

Vili-G: A aluna respondeu que não tinha o hábito de frequentar espaços museológicos ou centro culturais da cidade e no primeiro questionário apresentou dados superficiais sobre a temática investigada, enquanto que no segundo demonstrou ter ampliado a sua compreensão. Ao responder sobre as primeiras fazendas no Pantanal, a aluna inicialmente escreveu: “Não sei nada sobre as fazendas, as histórias, pois nunca ouvi” e depois da visita afirmou: “A fazenda Jacobina foi uma das mais antigas propriedades rurais de Mato Grosso. Foi fundada em 1772, em plena época colonial”. Também sobre o Trem do Pantanal, a Vili-G explicou primeiramente: “Não sei sobre o Trem do Pantanal”; e posteriormente: “Era usado como o único meio de transporte da população e de exportação no comércio pantaneiro”. Nas respostas da Vili-G, podemos perceber um pouco mais de domínio de conteúdo. Um exemplo refere-se à indagação sobre o Porto de Corumbá, que no Q1 descreveu: “É um ponto turístico de Corumbá, onde a população aproveita o seu tempo livre com a família e os amigos”. Já no Q2, após a visita e entender a importância histórica do Porto geral, esclareceu: “Antigamente o comércio internacional se intensificou e as matérias-primas originárias do Centro-oeste passou a exportar pelo porto de Corumbá. Hoje em dia é mais usado para turistas, pescadores e lazer”. Tais relatos sugerem que houve uma ampliação de ideias, que supõe construção de conhecimento.

Vili-H: A aluna apresentou evolução nas respostas do Q1 comparadas com o Q2. Primeiramente a participante da pesquisa utiliza demasiadamente a expressão “Não sei” e nas

questões que ela tenta responder escreve de forma mais sucinta. Enquanto no Q2 ela avançou em suas ideias, visto que Q1, ao comentar sobre o Trem do Pantanal, explicou que “Eu fui no trem do museu, parece que você está andando nele, pois antigamente era o meio mais rápido de transporte”. Já no Q2 esclareceu: “Era utilizado como meio de transporte para todos e comércio, muito utilizado tinham pontos tudo para ser utilizado, hoje já não utilizamos mais como transporte de pessoas, hoje é para minérios, ferrovias para trabalhos”.

Vili-I: No Q1, inicialmente o aluno escreveu em três questões “Não sei” e nas demais apresenta respostas superficiais. No Q2, quando indagado sobre os indígenas do Pantanal ele explicou: “Chegaram antes de Cristo, caçavam, comiam e conseqüentemente viveram nesse lugar cheio de animais”. Em contrapartida, no Q2, o aluno sintetizou: “Não sei nada sobre”. Percebemos que em algumas questões houve avanços superficiais e em outras situações não houve mudanças, como pode ser reparado nas questões 11 e 16, ao ser indagado sobre a arqueologia pantaneira e sobre as primeiras fazendas, respondeu tanto no Q1 quanto no Q2: “Não entendi”, “Não conheço”, “Não consegui compreender, tive dificuldades”.

Vili-J: A aluna já identifica que frequenta museus rotineiramente. No Q1 descreveu as respostas de forma sucinta e no Q2 ela apresenta informações com mais dados específicos. Quando questionada sobre o Trem do Pantanal, ela explicou: “A estação de Porto Esperança foi inaugurada em 1912. Era e foi por muitos anos o ponto final da linha tronco Noroeste do Brasil. Para chegar a Corumbá, o percurso era de barco em 12 horas”. Em continuidade, quando interrogada sobre a Guerra do Paraguai argumentou: “Durante a ocupação, a navegação no Rio Paraguai foi interrompida. A cidade de Corumbá foi destruída, saqueada, abandonada a miséria”. Como pode ser observado, há uma modificação nas respostas, já que no Q2 as suas respostas apontam dados de histórias ocorridas e relacionados ao assunto questionado.

Vili K: Ao realizar a comparação dos seus questionários, percebemos que no Q1, a aluna além de responder de forma superficial, também colocou muito a palavra “não sei”. E já no Q2, ela conseguiu aprofundar um pouco mais o conteúdo. Quando questionada sobre a arqueologia Pantaneira, no Q1 respondeu “não sei” e já no Q2 descreveu: “Fundamental para descobertas importantes e materiais históricos que revelam sobre a história de Corumbá e do Pantanal”. Em continuidade, quando indagada sobre o Porto de Corumbá, escreveu inicialmente “não sei” e após a visita argumenta: “Nele era realizado a exportação de mercadorias e tráfico de escravos. Também recebia imigrantes da Europa, Oriente Médio e América do Sul”. Como é possível notar, há um avanço importante, se for considerado o que escreveu nos dois questionários. Segundo a Vili-K, ela teve muita dificuldade de

aprendizado dentro do museu, devido a exposição das placas e acervos.

A minha visita foi livre. Tive um pouco de dificuldade para compreender o assunto em geral. As placas não estavam explicando direito, era necessário a ajuda de uma mediadora para explicar os fatos, pois as placas de explicações continham muito texto e na hora de ler acaba sendo exaustivo ler tanto texto para depois compreender (VILI-K).

Conforme mencionado anteriormente, a forma de exposição apresentada pelos museus é capaz de transmitir conhecimento ao visitante, porém, Vieira (2009, p. 9) salienta que essa forma de comunicação presente nas exposições e seus acervos, “[...] é mais passivo e feito de forma unidirecional. Existe um emissor que elabora uma mensagem e que a transmite, de forma indireta, ao receptor por meio de uma exposição, de uma publicação ou de algum meio interativo”. Dessa forma, a ausência da comunicação por meio da exposição indica a necessidade de um mediador, ou seja, se a comunicação da exposição fosse eficaz, o visitante não sentiria a ausência do mediador. Segundo a visitante, a falta de aprendizado está relacionada com a falta de um mediador ou a má exposição das placas explicativas, não permitiam que o espaço se tornasse atrativo e estimulasse os visitantes a ler e se aprofundar.

Em relação à importância do mediador nos espaços museológicos, Franz (2001, p. 53) compreende que “O papel do guia, seja ele um profissional do museu ou um professor de classe, é o de mediar a observação de forma que ela seja aproveitada ao máximo”, acrescenta que “[...] mais do que dar respostas, ele [mediador] deve ensinar a fazer boas perguntas, a problematizar, ele deve levar o aluno a mobilizar seu próprio potencial em torno da obra apresentada”.

A Vili-K também acrescentou: “[...] tive curiosidade em ler os livros que estavam dentro dos vidros [diários de bordo, tratados], mas por ser muito extensos desestimulava o aprendizado”. Além de se tratar de documentos de época com linguagem e escrita diferenciadas, talvez o tamanho por serem volumes grandes, a aluna percebe que não havia possibilidade de fazer a leitura naquele momento, mesmo que não tenha sido determinado um tempo máximo para a realização da visita livre. Para Marandino (2002, p. 199), o texto específico de um museu deve considerar, em sua estrutura, formato, edição e linguagem, as características do espaço e a maneira com que o público age no local. Na elaboração textual, deve-se atentar para “[...] o tamanho de letra, distância entre letras e palavras, entre linhas, com a qualidade visual, cor, iluminação, preservação, pensando assim naquele leitor que visita o espaço e que em geral realiza uma forma específica de interação”.

Por outro lado, o fato de a aluna ter demonstrado curiosidade de entender melhor o que

estava exposto é considerado interessante, visto que, conforme Figurelli (2013), a expografia dos museus deve despertar curiosidades e oferecer autonomia para que os visitantes possam ter suas próprias reflexões, afinal se trata de um processo educativo que contribui para a formação das pessoas.

Vili- L: No Q1 o aluno em todas as questões respondeu “Não tenho”, “Não sei”, “Não faço ideia, sinto muito”. Já no segundo questionário podemos perceber que ele apresentou algumas informações a mais sobre o que é indagado, o que não significa que as respostas foram aprofundadas, mas sim, superficiais. Quando questionado sobre a arqueologia pantaneira, ele escreveu “Os arqueólogos descobriram um esqueleto de um cavalo há 30 mil anos atrás”. Na comparação do Q1 com o Q2, podemos perceber um avanço singelo sobre as questões que foram realizadas.

Ao analisar a visita livre realizada pelos 12 alunos, devemos levar em consideração que o aprendizado depende muito da atitude e interesse dos alunos, que têm certa autonomia para querer aprender algo, ou para somente passar pelo circuito expositivo do museu. Tal fato ficou bem evidente, pois durante a visita, por estarem livres, alguns alunos não se preocuparam em ler ou olhar imagem alguma, queriam mais dialogar entre si ou fotografar-se. Por outro lado, havia alguns alunos que demonstraram maior interesse e esse grupo lia as informações das placas ou observava mais atentamente os detalhes.

Cabe salientar que os alunos na visita livre não terminaram todos ao mesmo tempo, um grupo de 8 alunos, por exemplo, foram os primeiros a chegar na “Sala Olhares” e aproximadamente 10 minutos depois é que chegaram o restante do grupo. Tal fato indica que o aprendizado está relacionado ao interesse do indivíduo, por isso alguns alunos aprenderam algo e outros não. Como também está relacionado a bagagem cultural que cada indivíduo traz consigo. Muitas vezes por já conhecer alguma história retratada pelo museu, tem mais facilidade de aprender do que outro que nada sabe sobre o tema. Nesse sentido Botelho (2001) destaca que o contexto social onde as pessoas vivem é muito importante, visto que os gostos, hábitos e a bagagem cultural, que é construída ao longo da vida e das relações de sociabilidade de cada ser humano, vão influenciar no processo de aproveitamento que cada pessoa terá no contato com as expressões artísticas e culturais.

Ao analisar o Q1, percebemos que a grande maioria dos entrevistados não detinha conhecimento, alguns avançam no segundo questionário, mas outros continuaram da mesma forma que antes da visita ao museu. E mesmo os que avançam, não significa que dominam o conteúdo sobre a história do Pantanal, somente apresentaram conteúdos superficiais e gerais sobre essa importante história.

4.3 Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita orientada

Após a realização do sorteio aleatório para a realização da coleta de dados no Muphan, o grupo que fez a visita orientada, foi composto por 13 (treze) alunos, conforme a Tabela 2, a identificação de cada participante se caracteriza pela abreviação Vior (de visita orientada) seguida por uma letra do alfabeto.

Tabela 2: Perfil dos alunos que fizeram a visita orientada.

Identificação do aluno	Sexo	Idade	Desempenho na escola, segundo a opinião dos alunos	Visitou o Muphan	Visita museus e centros culturais
Vior-A	Masculino	17	8	não	Não
Vior-B	Feminino	19	8	Sim, 2015	Não
Vior-C	Masculino	18	8	não	Não
Vior-D	Feminino	18	8	não	Não
Vior-E	Feminino	16	8	Sim, 7ºano	Não
Vior-F	Masculino	18	8	não	não
Vior-G	Feminino	16	6	Sim, 2014	não
Vior-H	Masculino	16	6	Sim, 2014	Não
Vior-I	Masculino	18	8	não	Não
Vior-J	Feminino	16	8	não	Não
Vior-K	Masculino	17	8	Sim,2015	Não
Vior-L	Masculino	17	8	Sim, 2015	Não
Vior-M	Feminino	17	8	sim	Não

Fonte: Autora, 2018.

É possível notar que entre esse grupo de alunos, 6 eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino e mais da metade já tinha visitado ao Muphan anteriormente, mas também não demonstraram que já tinham muitos conhecimentos sobre o museu. Fato que pode ser percebido durante as análises do primeiro questionário, em que os entrevistados em sua grande maioria não apresentou muitos conhecimentos relevantes. Um fato interessante é que todos responderam que não tinham o hábito de visitar museus e centros culturais, ou seja, se frequentaram o museu em outros anos, como foi relatado por eles, significa que esses espaços têm sido visitados quando as escolas têm essas iniciativas. Tal realidade sinaliza para o importante papel da escola na realização dessas atividades extraclasse, pois é nesses momentos que os alunos aos poucos vão criando o hábito de visitar os espaços culturais, como os museus e a valorizar o seu patrimônio.

Alguns alunos assim responderam se costumavam visitar museus ou centros culturais: “Não, não tenho muito interesse” (Vior-M), “Não muito, bem difícil na verdade” (Vior-H), ou

“Não, só quando são passeios programados pela escola” (Vior-E). De acordo com Grinspum (2001, p. 118), “[...] as escolas acabam assumindo esse dever isoladamente, o que as tornam uma das grandes responsáveis pela relação entre alguns grupos sociais no museu” sugerindo que a escola possui a função de aproximar os grupos sociais dos museus e contribui para diminuir as lacunas sociais, no que se refere ao acesso dos alunos nos espaços culturais.

A visita orientada é uma atividade bastante utilizada por ser atrativa e motivadora, ampliando o relacionamento visitante, mediador e objeto da exposição. Neste tipo de visita, o mediador conta toda a história exposta no circuito expositivo do museu e tem a oportunidade de conhecer os visitantes, seus interesses e curiosidades, a bagagem que ele traz consigo e assim poder adaptar a visita de acordo com a realidade de cada visitante. Nesse sentido, Requeijo, et al. (2009, p. 5) afirmam:

Na visita orientada [...], procura-se estabelecer discussões que valorizam o conhecimento prévio dos alunos, sendo ele científico, religioso, oriundo do saber popular, entre outros. Nesse momento, o mediador utiliza questões motivadoras para estabelecer um diálogo sobre os assuntos relacionados às exposições. As questões motivadoras procuram ir além da transmissão de conteúdos e buscam estabelecer relações entre a ciência e o dia a dia, a história, a cultura, e que frequentemente são deixados de lado. É por meio das respostas dos alunos que o próximo passo é construído, ou seja, as relações estabelecidas em um espaço são o “gancho” para a tomada de um novo assunto no mesmo ou em outro espaço.

Conforme a análise dos questionários, percebemos que todos os participantes apresentaram um possível avanço inicial e superficial diante do primeiro para o segundo questionário, contrapondo assim os alunos que realizaram a visita livre, visto que alguns tiveram avanços e outros não. Tais pressupostos podem ser evidenciados nas ideias transmitidas pelos participantes da pesquisa nos dois questionários: o que foi preenchido na escola (Q1) e o que foi preenchido logo após o término da visita orientada (Q2).

Vior-A: Inicialmente o aluno praticamente respondeu “Não” para a maioria das indagações, exceto para a questão que se tratava sobre a Guerra do Paraguai. Nesta questão ele escreveu: “Foi por causa de um acordo que não deu certo e o imperador paraguaio mandou atacar o Brasil”. Segundo Corrêa e Corrêa (2013), a Guerra do Paraguai ocorreu entre os anos de 1865 a 1870 entre quatro países da América do Sul: Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. As motivações para este conflito internacional estão pautadas em várias hipóteses, porém as duas mais aceitas são: o interesse paraguaio de conquistar terras na região da Bacia do Prata, a fim de ter uma saída para o mar. E a segunda seria o interesse Inglês no declínio Paraguai devido ao seu destaque na América no Sul, e com isso um investimento inglês ao Brasil.

Na análise do Q2 percebemos que o aluno respondeu todas as questões, o que não

havia realizado no Q1. No questionamento sobre os indígenas no Pantanal, ele descreveu: “Estavam aqui antes dos Portugueses e Espanhóis, eles não usavam caixões e sim urnas, sua vida era primitiva e eles acreditavam que a sucuri era um castigo da natureza”. Na questão sobre a Guerra do Paraguai, o aluno explicou: “Solano Lopes foi quem começou a guerra por um acordo que não o beneficiou ele atacou o Brasil e depois seu exército estava perdendo começou a colocar jovem na guerra e ele foi morto pelo exército brasileiro”. Diante das respostas do Vior-A, presente no Q2, percebemos um avanço se comparado com o Q1. Não significa, porém, que o aluno se tornou especialista na área, pois suas respostas, mesmo com maiores informações, ainda podem ser consideradas superficiais.

Vior-B: Após análise dos dois questionários, percebemos que a Vior-B teve um avanço, porém mais modesto se comparado com o Vior-A. No primeiro questionário a aluna apresentou as respostas “Não sei” para a maioria das questões, somente sobre o Porto de Corumbá escreve que “É um ponto turístico mais visitado”. O porto geral de Corumbá é muito mais que somente um ponto turístico. Para Corrêa e Corrêa (2013), após a Guerra do Paraguai, o Porto Geral de Corumbá voltou a crescer e se tornou um entreposto comercial do Mato Grosso. Estimulando a vinda de imigrantes de diferentes etnias e o crescimento econômico e populacional. E sobre os indígenas do Pantanal explicou que “Foram os primeiros povos a habitar-se ao Pantanal”. Já no Q2, todas as questões são respondidas, porém de forma simples e vaga, tais como: sobre a arqueologia pantaneira afirmou que “São os animais, as pessoas do ribeirão, vestimentas, a extensão do Pantanal”; sobre o trem do Pantanal argumenta que “Não sei. Não entendi a explicação porque fiquei entretida nas imagens, figuras, etc”; sobre a Guerra do Paraguai aponta que “Era um exército feito por militares, onde houve muitos conflitos”. As respostas dadas por Vior-B se assemelham muito aos questionários respondidos pelos alunos que receberam a visita livre, no sentido de as respostas serem diretas e não explicarem muitas das informações.

Vior-C: Na análise realizada nos questionários 1 e 2, percebemos um certo avanço. No Q1 a maioria das questões teve como resposta “Nunca nem vi”, “Não conheço”, “Nunca ouvi falar”. Já no Q2, ao responder sobre as mesmas questões que antes afirmou não conhecer e nem ter visto ou ouvido falar, posteriormente apresenta novas explicações: sobre a arqueologia pantaneira, por exemplo, o aluno escreveu que “Eles encontraram vários objetos e desenhos da arte rupestre, onde relataram mais ou menos como foi naquele tempo”; sobre o Trem do Pantanal, sintetiza: “Um dos principais meios de transporte para se locomover”.

Vior-D: No primeiro questionário a aluna respondeu “Não sei” para a maioria das questões, mas sobre o Pantanal, escreve primeiramente: “É um bioma que apresenta muitas

áreas inundadas” (Q1); posteriormente demonstra ter ampliado sua visão: “Tem 10 pantanais e cada um tem suas vegetações e fauna. É difícil aparecer alguns animais, muitas vezes, com a enchente, os animais saem de suas casas para procurar abrigo em lugar seco” (Q2). Ao final do segundo questionário, a participante da pesquisa deixou claro que não havia visitado o museu e que considera ter sido a visita importante para conhecer a história regional: “Amei o museu, nunca tinha visitado antes, gostei de muitas coisas, achei interessantes as coisas antigas, achei tudo encantador, não sabia muitas coisas sobre a nossa história, achei lindo que muitos casais passavam a lua de mel no trem”. A entrevistada Vior-D enfatizou sobre a importância da visita realizada, sendo capaz de aprender sobre o passado e, nesse sentido, Degelo (2009) considera que a relevância dos museus consiste na guarda de objetos de uma história comum, necessários à identificação de uma cultura, à promoção da relação entre o passado e o presente. Assim, os museus garantem ao indivíduo uma reflexão da história, da memória e da construção de sentido.

Vior-E: Conforme a comparação entre os dois questionários da entrevistada Vior-E, podemos perceber que no primeiro a aluna respondeu “Não sei” para todas as questões, já no segundo questionário todas as indagações foram respondidas. Sobre o Trem do Pantanal, por exemplo, explica que “Tinham vagões para pessoas pobres, que usavam sacos e trapos de roupas e vagões para pessoas com mais condições, com camas, usavam malas”. Importante ressaltar que a visitante percebe as diferenças de classes existentes dentre os passageiros do trem do Pantanal, fato esse que é descrito acima e exemplificado por Vior-E através da descrição dos acervos observados.

Vior-F: Após a análise e comparação dos dois questionários, podemos perceber que inicialmente, em determinadas perguntas, o aluno não detinha conhecimento, pois quando foi interrogado sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 escreveu “não conheço”, enquanto que no Q2 explica que “Eles eram muito cheios de rituais, faziam pinturas para poderem casar ou quando iam comemorar alguma festa”. A mesma situação ocorreu em relação à arqueologia pantaneira, visto que no Q1 escreve “não sei” e já no Q2 aponta que “É onde as escavações faziam marcações em épocas para achar vestígios e relíquias antigas”. Ao final do Q2, o aluno acrescenta que aprendeu muitas coisas que não sabia e que a visita ao Muphan foi muito interessante: “Bom uma das coisas que mais me interessou no museu foi um crânio de um cavalo muito antigo. Eu não sabia que o cavalo veio da Arábia, queria aprender e estudar mais sobre a vida deles. Foi uma visita muito interessante aprendi coisas que eu nem sabia que tinha em Corumbá”. Apesar de ter 18 anos, o Vior-F reconheceu que aprendeu muitas coisas diferentes sobre a região em que ele vive e tais ideias conformam os pressupostos de Figurelli

(2013) de que é necessário que os museus ofereçam subsídios para que as pessoas possam entender o contexto nas quais encontram-se inseridas.

Vior-G: No Q1 a aluna respondeu “Eu não entendi nada”, “Nunca nem vi”, “Tô lembrada não”, “Não sei”, “Não sei de nada” e “Não me recordo” para todas as indagações. Ao final do questionário, a aluna deixou claro que respondeu desta forma, pois nunca ouviu falar ou estudou sobre tais temas: “As perguntas acima eu nunca ouvi falar e também não estudei sobre isso”. Já no Q2 a entrevistada apresenta avanços em alguns temas, especialmente sobre o Pantanal, pois no Q1 ela afirmou “Eu não entendi nada” e no Q2 compreende “Que não é só onça, tuiuiu e essas coisas que viveram aqui. E que o rio Paraguai começa em Cáceres e acaba na Argentina”. Porém, em algumas questões não conseguiu avançar, como a Guerra do Paraguai que no Q1 ela escreveu “Não sei de nada” e no Q2 justificou que “Não me recordo”. Importante ressaltar que mesmo avançando em alguns temas, a aluna não demonstrou avanços em alguns outros.

Vior-H: No primeiro questionário o aluno respondeu as questões de forma vaga: “Sobre os indígenas, esse não sei muito até porque é difícil ouvir falar deles”; sobre as primeiras fazendas pondera que “Estão cada vez maiores”. Já no Q2, em relação às mesmas indagações anteriores, o aluno salientou:

A população indígena tinha em grande parte no rio Paraguai, mostrou as armas deles, quando eles morriam eram colocados em urnas. [...] As primeiras fazendas de Corumbá acho que foi criadas por missões jesuítas que ajudavam os índios, mas também os exploravam (VIOR-H).

Vior-I: Após análise e comparação entre os dois questionários respondidos pelo aluno, podemos perceber que houve um avanço importante, tendo em vista que, sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 respondeu “Não sei” e já no Q2 argumentou “Contam a história de como que eram eles, ou seja, como sobreviviam e quais instrumentos utilizavam”. Sobre o Trem do Pantanal, no Q1 entendeu que “Era o principal meio de transporte dos corumbaenses” e já no Q2 enfatizou que “Esse meio de transporte tinha efeito de ligar o porto de Santos e passou por várias cidades, uma delas Corumbá, até chegar ao Peru. Só que isso não deu certo e chegou ao Porto Esperança”.

Vior-J: Ao estabelecer comparações entre o Q1 e Q2, podemos perceber que houve avanço, pois ao responder sobre a arqueologia pantaneira, no Q1 a aluna responde “Não sei” e já no Q2 considera que “São as representações simbólicas, mapas míticos e são os sinais de onde viviam, de rios e lagoas, com forte sentido para a pessoas da época”. Sobre o Porto de Corumbá, no Q1 a aluna disse “Não sei”, enquanto que no Q2 respondeu: “O porto de

Corumbá ela era muito utilizado para os transportes de barcos e com a chegada dos portugueses, muita gente ficava aqui”. Na comparação entre os dois questionários, torna-se evidente que no Q1 a aluna não conseguiu responder as questões solicitadas e no Q2 ela respondeu todas as questões. Se for comparada com os demais questionários preenchidos pelos outros alunos, o questionário Q2 da Vior-J se apresenta com informações consideradas muito relevantes.

Vior-K: Após análise dos questionários, podemos perceber que Vior-K em seu primeiro questionário ele respondeu todas as questões, porém as suas respostas foram superficiais como pode ser observado na seguinte questão, quando interrogado sobre o Pantanal ele salientou: “As várias culturas do Pantanal, comidas e as paisagens”. Diferente dos demais, por mais que tenha respondido de forma superficial, desde seu primeiro questionário ele já apresenta ter uma ideia sobre o assunto tratado sobre o Muphan. Quando interrogado sobre o Porto de Corumbá, no Q1 explicou: “As cidades antigas, as construções que são desde os antigos moradores” e no Q2 argumentou: “Os antigos prédios que existem até agora, as embarcações que levavam coisas muito importantes”. Quando interrogado sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 escreveu: “As culturas dos povos indígenas, as típicas comidas deles, as frutas que eles usavam para pintar seus corpos”. No Q2 analisou: “As culturas, os modos deles vestir, o jeito que ficava o corpo deles cheios de pinturas”.

Vior-L: Mediante a análise dos dois questionários, percebemos que a Vior-L teve um avanço, porém modesto sobre o Q1 e Q2. No primeiro questionário o aluno apresenta muitas respostas simples, como também nos diz: “Não sei, porque não lembro”. Já no Q2 o aluno respondeu a todas as questões, não significa que seu conhecimento aprofundou. Quando interrogado sobre o Trem do Pantanal no Q1 reconheceu: “Não sei, porque eu não lembro”. Já no Q2 o aluno escreveu: “A estrada de ferro foi uma das mais importantes do Centro-Oeste brasileiro do século XX”. E quando interrogado sobre a Arqueologia Pantaneira, no Q1 explicou: “É descobrir as coisas antigas, tanto objetos, gravuras, cidades perdidas, pinturas, esculturas”. E no Q2 respondeu: “A arqueologia estuda objetos antigos, gravuras, pinturas, cidades perdidas, múmias etc.”

Vior-M: Na análise realizada nos questionários 1 e 2, percebemos um certo avanço. No Q1 a maioria das questões teve como resposta “Não sei” ou respostas muito vagas. Já no Q2, ao responder sobre as mesmas questões que antes afirmou não conhecer e nem ter visto ou ouvido falar, posteriormente apresentou novas explicações. Quando interrogada sobre a Arqueologia Pantaneira, no Q1 respondeu: “Não sei” e já no Q2 argumentou: “Desenterravam vários fósseis raros dos índios que viveram aqui, potes, panelas de barros”. Quando

interrogado sobre a Guerra do Paraguai, no Q1 escreveu: “Não sei” e no Q2 reconheceu: “Não sei, só um pouco, pois eles queriam o território de Mato Grosso do Sul”. E quando interrogado sobre o Porto de Corumbá, por exemplo, o aluno escreveu que “Eles encontraram vários objetos e desenhos da arte rupestre, onde relataram mais ou menos como foi naquele tempo”; sobre o Trem do Pantanal, sintetizou: “Um dos principais meios de transporte para se locomover”.

4.4 Visita Livre X Visita Orientada: possíveis comparações entre os grupos de alunos

Após fazer a análise geral dos dados relativos ao primeiro questionário, preenchido na escola pelos 50 participantes da pesquisa, em seguida analisar separadamente somente os questionários do Grupo A, que fez visita livre, e do Grupo B que fez visita orientada, nesse momento entendemos que é importante fazer uma análise comparativa entre ambos os grupos, com base nas respostas dos questionários, na observação e filmagem ocorrida durante a realização da visita ao circuito expositivo do Muphan.

Logo após o sorteio e divisão dos dois grupos e decidido que o Grupo A faria primeiramente a visita livre, foi possível notar que logo no início os alunos foram se subdividindo e, conseqüentemente, não realizaram a visita ao mesmo tempo. Enquanto alguns terminaram a visita em 26 minutos, outros demoraram 40 minutos para livremente ver tudo o que tinham interesse ou curiosidade.

Durante o percurso realizado pelos alunos da visita livre, dentro do museu, foi possível notar que os temas ou salas que demonstraram maior interesse, ou que ficaram mais tempo observando, foram os do primeiro pavimento, caracterizado arqueologia, urna funerária, missão jesuíta, forte Coimbra, pintura corporal Bororo, Trem do Pantanal. No segundo pavimento houve maior interesse pela Guerra do Paraguai e Porto de Corumbá. Importante ressaltar que os alunos não realizaram leituras das placas nestas salas, alguns até iniciaram a leitura, mas não as completavam. Eles observavam mais os objetos que estavam expostos no circuito expositivo do museu. Conforme Julião (2006), os acervos dos museus são entendidos como importantes referências para se entender as histórias contadas nesses espaços educativos, visto que, por si só, já carregam consigo muitos significados e histórias. A partir dos acervos, é possível compreender as necessidades humanas, nos mais diversos períodos, conhecendo suas estratégias de sobrevivências, resultando em importantes meios de aprendizagem.

O grupo B fez a visita orientada com a presença de uma pessoa que por dois anos desempenhou a função de mediadora no Muphan e, portanto, ela já tinha prática de

desenvolver essa atividade. A mediadora iniciou a visita na sala Dez Pantanaís e foi percorrendo o circuito expositivo do museu. Quando chegou à sala da urna funerária, um aluno perguntou sobre como era feito o ritual de funerário. A visita continuou e foi possível notar, mediante análise das filmagens, que alguns alunos ficaram em grupo ouvindo a mediadora, mas outros permaneceram distantes e só preocupados em tirar fotografias.

Esta visita orientada teve a duração de 1 hora e 15 minutos e os alunos seguiram as iniciativas da mediadora e assim não tiveram a autonomia de escolher as salas que mais gostaram e sim as salas que a mediadora parava para realizar a explicação. Por meio da análise das imagens obtidas com a filmagem, foi possível notar que as salas em que os alunos pararam e receberam explicações da mediadora foram as seguintes: Dez Pantanaís, Arqueologia, Etnologia, Missão Jesuíta, Forte Coimbra, Pintura Corporal Bororo, Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai, Telégrafo, Comissão Rondon, Porto de Corumbá e Sala Olhares. Importante ressaltar que a mediadora não explicou todos os temas contados pelo Museu, mas fez uma seleção dos temas ao qual transmitiu a esse grupo, talvez porque já não estava atuando mais na função de mediadora no Muhpan e destacou o que para ela era considerado mais relevante. De forma semelhante, um estudo realizado por Pereira e Valle (2017) mostrou que os discursos dos mediadores variam conforme o público visitante.

De acordo com os funcionários entrevistados, as visitas não seguem um padrão e variam de acordo com os visitantes. Para eles, o público principal é composto pelas escolas de Educação Básica, que agendam as visitas monitoradas, cuja a duração é de cerca de trinta minutos. Nesses casos, de acordo com M1, os monitores consultam os professores para saber qual o objetivo da visita, sendo que, segundo ele, a maioria visa a contribuição dos conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula. Tanto M1 quanto M2 relatam que o público em geral fica mais livre durante a visita, realizando visitas rápidas, com registros fotográficos. Nesses casos, os monitores sempre ficam à disposição para sanar dúvidas ou mesmo fazer todo o percurso, desde que solicitado pelo visitante (PEREIRA ; VALLE, 2017, p. 839) .

Por outro lado, é possível afirmar que os alunos que fizeram a visita orientada, tiveram contato com dois tipos de linguagem dentro do Muphan: a verbal utilizada pela mediadora e a linguagem de imagens, símbolos e escrita existente no museu. Ao comentar sobre a linguagem interpessoal, representada pelo mediador, Vieira (2009, p. 9) destaca que “Este tipo de comunicação é facilmente observável nas visitas guiadas, em oficinas pedagógicas ou em outras atividades desenvolvidas pelos museus em que existe um contato direto entre um pequeno grupo de visitantes e os funcionários do museu”. Já em relação a comunicação de massas, caracterizada pelos acervos e textos expositivos, representados por objetos que trazem consigo a história do período ao qual fizeram parte, o referido autor considera que “[...] este tipo de comunicação é mais passivo e feito de forma unidirecional. Existe um emissor que

elabora uma mensagem e que a transmite, de forma indireta, ao receptor por meio de uma exposição, de uma publicação ou de algum meio interativo”. Importante ressaltar que durante a pesquisa foram realizadas a visita livre e a visita orientada, nas quais estavam presentes a comunicação interpessoal e a comunicação em massas.

Diante dos questionários preenchidos pelos alunos, tanto da visita livre como da orientada, percebemos que houve um avanço superficial, mais na visita orientada do que na visita livre, pois na análise dos questionários da visita orientada todos tiveram um avanço, mesmo que seja modesto. Diferente da visita livre, em que teve casos de alunos que não avançaram, como se nunca tivessem visitado o museu. Porém, de forma geral, os alunos apresentaram muitas informações superficiais tanto no grupo A como no B e, ao compararmos os questionários com mais informações do grupo A (visita livre) e B (visita orientada), notamos que houve pouca diferença de conhecimento sobre a visita ao museu. Ou seja, quem fez a visita orientada não simboliza ter um avanço superior se comparado com quem fez a uma visita livre. Tal pressuposto é relativo e depende muito do interesse do visitante dentro do museu, como destaca Costa e Brigola (2014, p. 128), que é necessário compreender “[...] o quanto os diferentes segmentos de visitantes percebem as mensagens museológicas emitidas por meio dos objetos e espécie de coleções, além do grau de interesse que estes espaços despertam”.

Dessa forma, percebemos que cada visitante possui motivações diferentes, como diversão, passeio, cultura, adquirir conhecimento entre outros. Então, se o visitante não está com pré-disposição em aprender, a linguagem do mediador ou do acervo, mesmo sendo atrativa, não vai conseguir fazer com que o visitante adquira conhecimentos.

4.5 Análise sobre as entrevistas realizadas seis meses após a visita ao Muphan

Após aproximadamente seis meses após visita que os alunos realizaram em 2017, quando ainda eram 2º ano, foram realizadas entrevistas individuais com apenas 4 alunos, dois que fizeram a visita livre e dois que fizeram a visita orientada, sendo um que mais demonstrou adquirir conhecimento mediante ao preenchimento dos questionários e outro que não conseguiu demonstrar tanta aquisição de conhecimento. No mês de junho de 2018, quando as entrevistas foram realizadas, os quatro estudantes estavam cursando o 3º ano do ensino médio, na mesma escola pública de Corumbá MS.

Na visita livre foram escolhidos: o aluno Vili-E, como aquele que não conseguiu adquirir tanto conhecimento, e a aluna Vili-G, como aquela que demonstrou ter adquirido mais

conhecimentos. Em relação à visita orientada, foram escolhidos: o aluno Vior-C como aquele que conseguiu expressar no questionário os seus entendimentos, e a aluna Vior-G, como aquela que não conseguiu adquirir tanto conhecimento.

Durante a entrevista, os alunos individualmente foram interrogados sobre a História que é retratada pelo Museu de História do Pantanal e o Vili-E respondeu: “Acho que é a história de Corumbá”. Entretanto, o Vili-G explicou: “A história do Pantanal, dos índios, do trem, da guerra e mais”. Já os dois alunos que realizaram a visita orientada reconheceram: “Ala! Não lembro. Lembro de ver animais” (VIOR-C) ou então: “Faz muito tempo, só me lembro da guerra do Paraguai, aquela espada, tinha as bombas de canhão...” (VIOR-G).

Ao serem interrogados sobre qual tema mais se identificaram, o Vili-G respondeu: “Gostei mais dos desenhos nas rochas, que o povo antigo fazia”. Enquanto que o Vili-E relatou: “Gostei da primeira sala dos animais do Pantanal”. Os alunos da visita orientada assim afirmam: “Me interessei mais foi pelo trem do pantanal, lá podia sentar e ver imagens da viagem” (VIOR-C), ou “Eu vi muita coisa, mas já tem um tempo, acho que pode ser daqueles índios, eu lembro que tenho foto no *facebook* com eles” (VIOR-G).

Diante dos relatos dos quatro alunos entrevistados, é possível perceber que a imagem do local ficou gravada em suas memórias, eles não lembravam muito bem de conteúdos adquiridos, de locais ou histórias, mas tinham muitas lembranças, principalmente das imagens que viram no museu. Para Pereira e Valle (2017), a forma e o conteúdo dos textos, bem como das imagens expostas nos museus, interferem na interação do visitante com a exposição e, devido à heterogeneidade do público, é interessante que haja diferentes tipos de textos, objetos e imagens para que sejam garantidos espaços para a construção de múltiplos significados por parte do visitante. De fato, os alunos continuavam com algumas lembranças sobre a visita ao Muphan, evidenciando que se trata de uma experiência que deixou algum tipo de conhecimento, muito embora tenham demonstrado dificuldades em externalizar o pensamento.

Baseando-se nos dados obtidos, seis meses após a realização da visita ao Muphan, é possível estabelecer relações com a teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, no que se refere à questão da internalização, entendida como reconstrução interna de uma operação externa, ou seja, as referências externas são internalizadas, como representações mentais da realidade sociocultural (VYGOTSKY, 1998). É importante ressaltar que o processo de internalização se dá de forma diferenciada em cada indivíduo, pois se trata de um processo que é impulsionado por fatores externos, mas só internaliza quando “[...] modifica sua percepção das coisas, sua capacidade de solucionar problemas, ou seja, suas Funções Psicológicas Superiores”

(FITTIPALDI, 2006, p. 52). O que se pode inferir sobre os relatos dos alunos, é que houve alguma forma de internalização, que eles apresentaram representações mentais referentes ao que presenciaram no museu, porém, talvez fosse necessário fazer novas visitas, tanto para ampliar os conhecimentos obtidos anteriormente, bem como para não esquecer o que foi assimilado e, conseqüentemente, ampliar o processo de internalização.

Para Coll e Colomina (1996, p. 313), o processo de intenalização pode ser entendido como “[...] o trânsito desde uma regulação externa, social, interpsicológica dos processos cognitivos, mediante a linguagem dos demais, até uma regulação interiorizada, individual, intrapsicológica dos processos cognitivos, mediante a linguagem interna”. Nesse processo, a linguagem desenvolve um papel fundamental, pois é através dela que o indivíduo interage com o outro e com isso internaliza o seu conhecimento.

Quanto à formação do pensamento, Vygotsky (1989) considera que é despertado e acentuado pela vida social e pela constante comunicação ou diversas formas de linguagem existentes em determinado contexto cultural, as quais contribuem para que o sujeito assimile conhecimentos que foram acumulados por diversas gerações.

A visita ao Muphan possibilita que os alunos construam o pensamento e se apropriem de conhecimentos elaborados pelas gerações de diferentes épocas históricas, porém, para que tais conhecimentos sejam assimilados com maior propriedade, precisaria haver um contato mais frequente com esse espaço cultural, devido à complexidade e amplitude dos temas expostos no Museu de História do Pantanal.

No que se refere à comparação entre os alunos que fizeram a visita livre e visita orientada, seis meses após eles terem realizado a visita, foi possível notar que não houve diferença significativa ou muito superior entre ambos os grupos, já que eles apresentavam ideias gerais e semelhantes. Tal fato sugere que o processo de apropriação do conhecimento ou de internalização do que foi aprendido, depende de vários fatores, como: tempo, qualidade de estímulos do contexto social e atuação ativa por parte do sujeito que aprende.

Nesse sentido, Davis e Oliveira (1994, p. 50), ao analisar a teoria de Vygotsky, enfatizam que: “Esta interiorização progressiva das orientações advindas do meio social, não se faz, entretanto, de forma linear. Caso isso acontecesse, não poderia pressupor como Vygostki de fato o faz que a criança seja um ser ativo”. O processo de internalização é considerado como ativo porque o sujeito que aprende se apropria do social de uma forma particular. Embora Vygotsky considere importante o papel do mediador e das interações sociais, a aprendizagem depende também da intencionalidade dos sujeitos em querer adquirir algum tipo de conhecimento.

No caso dos alunos que visitaram o Muphan para a realização da pesquisa, pode ter acontecido de alguns que fizeram a visita livre terem priorizado os assuntos que mais lhe interessaram e com isso adquiriram maiores noções, enquanto que alguns dos que fizeram a visita orientada, apesar de contar com a ajuda do mediador, não terem prestado atenção por terem se dispersado durante as explicações ou ainda por não terem se interessado pelas temáticas abordadas pelo mediador.

De acordo com a teoria de Vygotsky (1998), o desenvolvimento se dá do meio social para o individual e, ao elaborar os seus conceitos, preocupou-se em conhecer como o ser humano constrói a sua cultura, reconhecendo que a linguagem tem um fator preponderante. Para o autor, a linguagem de uma sociedade é o que será internalizada pelo indivíduo e, por esse motivo, existem povos com culturas diferentes. No caso da visita ao museu, é possível afirmar que é a partir da linguagem dos alunos/visitantes que o mediador pode identificar o nível de conhecimento ou a ZDP do grupo e assim transmitir um discurso apropriado. Mesmo diante da visita livre, o museu dialoga com seus visitantes, por meio das placas explicativas ou de seus acervos. Essa linguagem assim, como a verbal, são fundamentais para a aprendizagem e internalização do conhecimento pelos alunos.

Além do mais, a linguagem está diretamente relacionada com o pensamento e não podem ser separados. Para Vygotsky (1989), antes de existir a linguagem falada, ocorre uma fase pré-verbal, em que a criança no caso utiliza-se de instrumentos para poder se comunicar. Corroborando com tais ideias, Fittipaldi (2006, p. 52) afirma que “O pensamento torna-se verbal (mediado por signos) e a fala intelectual, unindo as duas trajetórias, possibilitando a comunicação, organizada agora via sistema de signos”.

Dessa forma, ao estabelecer relações entre pensamento e linguagem, Vygotsky (1998) compreende que o primeiro é entendido como um fator interno, que é construído paulatinamente em um ambiente que é histórico e cultural, enquanto que enquanto que o segundo, que também é construída historicamente, é utilizado, entre outras coisas, para externalizar o pensamento. Para Vergnaud (1993), a linguagem é a representação do que o indivíduo pensa e a partir do momento em que ele consegue expressar o que pensa, significa que está assimilando novas informações.

Ao relacionar tais proposições com o relato dos alunos que participaram da pesquisa, pode ter acontecido de os alunos terem se apropriado de conhecimentos, mas terem tido dificuldades para externalizar o que aprenderam, principalmente porque o questionário preenchido, logo após o término da visita ao circuito expositivo do Muphan, era escrito e exigia a sistematização interna do pensamento, para então externalizar em forma da

linguagem escrita. Também pode ter ocorrido de os alunos escreverem de forma sintetizada para terminar rapidamente aquela atividade, porque para eles não se tratava de uma avaliação, que valia nota, ou seja, os estudantes não tinham nenhum compromisso ou responsabilidade, eles apenas sabiam que estavam participando de uma pesquisa de mestrado.

No caso das entrevistas realizadas seis meses após a visita, não houve a necessidade de escrita, mas como já havia se passado um tempo considerável, sem haver uma “recapitulação” sobre o que foi visto durante a visita ao Muphan, os alunos disseram o que lembravam com maior clareza. Embora demonstrando dúvidas e dificuldades para externalizar o pensamento, foi possível notar que houve aproveitamento e que vale a pena incentivar os estudantes a visitar o museu, tanto em forma de visita livre, quanto em forma de visita orientada.

Para finalizar a análise dos resultados da pesquisa, cabe ressaltar que torna-se evidente que a teoria Socio-Histórica de Vygotsky pode ser aplicada em um contexto de educação formal, como nas escolas, e não não-formal, como a que ocorre nos museus. Porém, dentro de um espaço formal, a educação é contínua e, em um espaço não-formal a educação é pontual, pois enquanto em uma escola o aluno frequenta diariamente, no caso do museu o estudante se fará presente uma ou poucas vezes durante a vida, com visitas de uma ou duas horas. No entanto, com base nos dados da pesquisa realizada, entendemos que, embora se tratando de educação não-formal, seria interessante que os estudantes e população de Corumbá e região pudessem ter contatos mais frequentes com o Museu de História do Pantanal, a fim de ampliar os conhecimentos e assim se sentir parte da história do homem do Pantanal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do propósito da pesquisa, que consistiu em investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitantes e objetos da exposição no museu, comparando quais os conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada, para a realização da pesquisa, inicialmente foram feitos estudos bibliográficos, para melhor entender sobre a origem dos museus, bem como a história da construção do Museu de História do Pantanal na cidade de Corumbá em 2008. Em continuidade, apresentou-se a função social dos Museus e o importante papel que desenvolve dentro da educação. Para finalizar a parte teórica foram apresentadas análises sobre a educação não formal e a Teoria Histórico-cultural de Vygotsky, com ênfase para os processos de mediação.

Dessa forma, por meio do referencial teórico, foi possível perceber que com o decorrer dos anos os museus foram diversificando a sua definição e sistematizando a sua organização enquanto instituição de atendimento ao público. No primeiro momento da história, os museus se apresentavam como locais reservados a estudos e restritos a determinadas camadas sociais. Na idade Média surge o ato de colecionismo e a ideia de museu como um espaço reservado a uma exposição. Neste período, ainda havia a preocupação de atender a todo o público ou de organização dos acervos.

Após a Revolução Francesa, dá-se início a institucionalização dos museus e o Estado assume o papel de organização desta instituição. Nessa época, os museus se consolidam com a função de propagar o civismo e o nacionalismo para o Estado recém-criado. E a partir deste período, foram se ampliando os olhares voltados para o museu. Tanto que na realidade brasileira, foi elaborada em 2009 uma legislação específica voltada à orientação de como devem ser organizados e mantidos os espaços museológicos.

O Museu de História do Pantanal foi criado em um contexto atualizado de museu e, desde sua inauguração, em 2008, até o ano de 2015 a ação educativa esteve voltada à formação da comunidade para a história regional. O Muhpan está localizado na cidade de Corumbá MS, capital do Pantanal, sendo a segunda cidade mais antiga do Estado, fundada em 21 de setembro de 1778 a qual foi palco de diversos acontecimentos históricos brasileiros.

A iniciativa da criação deste Museu, na cidade de Corumbá, foi um interesse conjunto entre o Ministério da Cultura e autoridades locais. Com a utilização de equipamentos tecnológicos modernos, o Muhpan tenta contar a História da ocupação Humana na Região do Pantanal, seu enfoque está restrito a contar a história no território pantaneiro. A ação educativa que existia no circuito expositivo do Muhpan até 2015, se concretizava

especialmente por meio das seguintes atividades: visitas animadas, museaulas, Sessão Corumbella, oficinas lúdicas e jogos educativos.

Os museus não se restringe somente a função educativa com a finalidade de aquisição de conhecimento, mas também como uma construção identitária, uma percepção crítica da realidade cultural, além de oportunidade de lazer. Trata-se de uma das formas de educação não formal, por contribuir com o processo de formação dos sujeitos, num contexto espacial e temporal diferente do que ocorre em instituições educativas sistematizadas.

No que se refere à teoria Histórico-cultural de Vygotsky, foi possível notar que alguns conceitos, como interação, mediação, internalização e zona desenvolvimento proximal, estão relacionados com a função educativa presentes nos museus. De acordo com o autor, para melhorar o nível de aprendizagem, mais do que o indivíduo agir sobre o meio, ele precisa interagir, visto que todo sujeito adquire conhecimento a partir de relações interpessoais estabelecidas, bem como pela troca com o meio.

É ciente que esta teoria foi voltada para a educação formal, porém está intimamente relacionada com a realidade do conhecimento existente nos museus, pois a partir da interação, o visitante adquire ou amplia os conhecimentos sobre a história regional. No caso de quem desempenha a função de mediador em museus, percebe-se que tem o papel de possibilitar condições para que os objetos de exposição sejam mais facilmente compreendidos pelo visitante. Para que isso aconteça, o mediador deve ser conhecedor da ZDP do visitante, para então contribuir com a construção de novos conhecimentos sobre a história regional do Pantanal.

Quanto aos dados obtidos por meio da pesquisa de campo, por meio da análise geral dos questionários preenchidos pelos 50 alunos do segundo ano do ensino médio, antes da visita ao Muhan, foi possível notar que existem alguns temas que os alunos tiveram mais familiaridade e outros que desconheciam. O tema com maior nível de conhecimento demonstrado pelos alunos foi sobre o Pantanal, enquanto que os temas mais desconhecidos foram as Fazendas, a Arqueologia, os Indígenas e Trem do Pantanal.

Em relação aos questionários preenchidos pelos 12 alunos que fizeram a visita livre, bem como pelos 13 estudantes que fizeram a visita orientada, foi possível perceber que houve um avanço, porém superficial, em ambos os grupos. A diferença entre eles é que, na visita orientada, todos os alunos tiveram algum tipo de avanço, mesmo de forma modesta, enquanto que, na visita livre, ocorreram casos de alunos que não demonstraram avanços, era como se eles nunca tivessem visitado o Muhan.

Contudo, de forma geral, os alunos apresentaram informações superficiais tanto no

grupo A quanto no B e, ao compararmos os questionários com mais informações do grupo A (visita livre) e B (visita orientada), identificamos poucas diferenças sobre os conhecimentos descritos sobre a visita ao Muphan. Tal fato sugere que quem fez a visita orientada não teve um avanço significativo ou muito superior se comparado com quem fez a visita livre, porque o processo de aprendizagem depende muito do interesse e pré-disposição do visitante, que é sujeito de todo o processo de apropriação de novos conhecimentos.

No que se refere às entrevistas realizadas seis meses após a visita ao Muphan, foi possível notar que houve alguma forma de internalização, conforme propõe a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, porque os alunos apresentaram representações mentais referentes ao que presenciaram no Muphan. No entanto, por se tratar de um processo complexo, o processo de internalização, compreendido com algo externo que é apropriado pela pessoa a ponto de se tornar interno, poderia ocorrer de forma mais significativa se houvessem mais visitas, se esses mesmos alunos tivessem mais contatos com o Museu de História do Pantanal. Assim, entendemos que talvez seja necessário incentivar aos alunos a possibilidade de fazer novas visitas ao museu, tanto para ampliar os conhecimentos obtidos, quanto para não esquecer o que foi assimilado anteriormente.

Diante do estudo realizado, bem como do propósito do Museu de História do Pantanal em contribuir com a formação da população local, percebe-se que não basta realizar uma única visita e nunca mais voltar, é necessário que o contato dos alunos, bem como de toda a população da região seja frequente. Parece que, ao longo do tempo, o que foi assimilado em uma única visita, fica no plano das ideias, das imagens, tratando-se do início do processo de formação do sujeito. Mas para que de fato a formação seja mais efetiva, ou para que o Muphan contribua com o processo formativo da população de Corumbá e região, é preciso haver contatos frequentes, tanto por meio de visita livre, quanto de visita orientada.

Poderíamos então afirmar que, se o Muphan tivesse como principal propósito atender aos turistas de outros municípios, estados e países, ou ainda se priorizasse o lazer, uma única visita seria suficiente. Todavia, como desde a origem da implantação do referido museu a intenção foi de contar a história do homem do Pantanal, para que a comunidade local se sentisse pertencente e agente de transformação histórica ocorrida na região, poderíamos dizer que, para que o processo formativo ocorra, é necessário haver visitas periódicas e ao longo da vida.

Para finalizar, sugerimos que as visitas ao Muphan, além de ser livre e orientada como a realizada nesta pesquisa, poderia ocorrer também de acordo com os conteúdos que os alunos estudam nas escolas. Assim, em cada visita, poderia ser priorizado um dos temas expostos no

museu, para então aprofundá-lo, desenvolver atividades, sanar dúvidas, etc., para em outra ocasião estudar outros assuntos. Outra possibilidade é que o Muphan se torne um conteúdo importante no processo de formação inicial e continuada dos professores de Corumbá e região, para que eles possam incentivar aos alunos a fazerem pesquisas e outras atividades educativas, a fim de que possam, com o tempo, adquirir o hábito de visitar o Museu de História do Pantanal.

REFERÊNCIAS

- ALABARSE, P. P. **Visita ao museu de ciências: uma análise das relações que se estabelecem entre o visitante, o monitor e o objeto da exposição.** 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ANDERSON, D.; KISIEL, J.; STORKSDIECK, M. Understanding Teachers' **Perspectives on Field Trips: Discovering Common Ground in Three Countries** Curator: The Museum Journal, v.49, n.3, p.365, 2006.
- AYALA, C.; SIMON, F. **Álbum Graphico de Matto-Grosso (EEUU do Brasil).** Corumbá; Hamburgo: Ayalas & Simon Editores, 1914.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARBOSA, A. C. M. M. **MASP: um museu e seu público.** Rio de Janeiro, 1994. 122 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa: Edições 70., 2004.
- BESPALEZ, E. **Levantamento Arqueológico e Etnoarqueologia na Aldeia Lalima, Miranda/MS: um estudo sobre a trajetória histórica da ocupação indígena regional.** 2009, 253 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.
- BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. São Paulo: **Perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 73-83, abr./jun., 2001.
- BRASIL, Casa Civil. Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Brasília DF: Planalto, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm>. Acesso em 10 out. 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei Nº 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996. Presidência da República, Casa Civil- Subchefia para Assuntos Jurídicos Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 18 set. 2017.
- CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. **In: Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência.** Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 83-106.
- COLL, C; COLOMINA, R. Interação entre alunos e aprendizagem escolar. In: COLL, C; PALÁCIOS, J; MARCHESI, Á. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação.** Tradução Angélica Mello Alves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. v.2. p. 298-314.
- CORRÊA, L. S.; CORRÊA, V. B. **A história do Pantanal contada pelo Muhpan.** São Paulo:

Edição de Artes, 2013.

CORRÊA, L. S. (Org.) **Um portal de educação patrimonial**. Material de apoio ao professor visitante. Mato Grosso do Sul, 2013, p. 73 [Material de apoio ao professor do Museu de História do Pantanal].

COSTA, L. F.; BRIGOLA, J. C. P. Hábito cultural de visitar museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 4, Número Especial, p. 124-141, 2014.

COSTA, M. F. **A História de um país inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Estação Liberdade Kosmos, 1999.

DAVIS, C.; OLIVEIRA Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

DEGELO, M. I. O público de museu: pequeno diagnóstico. **Estética**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-8, jun. 2009.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Da pré-história à história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v.16, p.71-86, 2003.

EREMITES DE OLIVEIRA, J.; VIANA, S. A. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 142-89, 1999-2000.

ETCHEVARNE, C. **Projeto expográfico do Museu de História do Pantanal**. Corumbá: Muhpan, 2004.

FIGURELLI, G. **Desenvolvimento do público interno: uma proposta de metodologia para um programa educativo direcionado aos funcionários de museu**. 2013, 217 f. Tese (Doutorado), Departamento de Museologia, Losófona, Lisboa, 2013.

FINO, C. N. Vygotsky e a zona de desenvolvimento próxima (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 2, p. 273-271, 2001. Disponível em: <<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/799/1/Fino%207.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2017.

FITTIPALDI, C. B. Conceitos centrais de Vygostky: implicações pedagógicas. **Revista Educação**. Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 50-54, 2006.

FRANZ, T. S. **Educação para a compreensão da arte** – Museu Victor Meirelles. Florianópolis: Insular, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. In: Institut International des Droits de L'enfant (IDE). **Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** [conference]. Sion: Switzerland, 2005. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em 10 out. 2017.

GOHN, M. G. Educação não-formal e o educador social. **Revista de Ciências da Educação-Unisal**, Americana/SP, Ano X, n.19, jul/dez., 2008.

GONÇALVES, J. P.; FERREIRA, J. A. B. Linguagem escrita na educação infantil: quando se deve iniciar esse processo? **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 23, p.120-136 set./dez. 2014.

ICOM. Mesa-Redonda de Santiago do Chile - 1972. In: **A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo** - Documentos e Depoimentos. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM. São Paulo: 1995.

JULIÃO, L. **Apontamentos sobre a história do Museu**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus. Caderno de Diretrizes Museológicas, 2006.

LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. **O planejamento da pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. Porto Alegre: Artmed, p. 17-20, 2006.

LUDWING, A. C. W. **Métodos de Pesquisa em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 204-233, jul./dez. 2014.

MARANDINO, M. A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 187-202, 2002.

MARANDINO, M. Museus de Ciências como Espaços de Educação In: MARANDINO, M.(Org.) **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo gasoduto Bolívia- Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 10, p. 121-143, 2000.

MARTINS, M. H. P. Ecomuseu. In: TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1999.

MASSARANI, L. (org). **Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2007.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul Ensino Médio. Campo Grande: SED, 2006.

MILDER, S. E. S. Histórica na Fronteira Oeste do Sul do Brasil. In: Diele Ilha Thomasi; Clarisse Koop; Alisson Antonio Severo de Moura. (Org.). **Ano 40**. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 69-84.

MORAES, R.; BERTOLETTI, J. J.; BERTOLETTI, A. C.; ALMEIDA, L. S. **Mediação em museus e centros de ciências: O caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS**, 2007. In: MASSARANI, Luisa; RODARI, Paola; MERZAGORA, Matteo. **Diálogos e Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. p. 55-66.

NOGUEIRA, M. V. S.. **Relatório Museu de História do Pantanal**. Corumbá: Muhan, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Resolução ONU Nº 217/48 de 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm> . Acesso em: 26 set. 2017.

PASSERINO, L. M.; SANTAROSA, L. M. C. **Uma visão sócio-histórica da interação dentro de ambientes computacionais**. V Congresso Ibero-americano de Informática Educativa. **Anais...**, Universidade do Chile, 2000. Disponível em: <<http://www.niee.ufgrs.br/eventos/RIBIE/2000/papers/026.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

PEIXOTO, J. L. S. **A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense**. 2003. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

PEREIRA, B. O.; VALLE, M. G. O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 835-849, 2017.

PEREIRA, G.; CHÁVEZ, E. S.; SILVA, M. E. S. **O estudo das unidades de paisagem do bioma Pantanal**. *AmbiÁgua*, Taubaté, v. 7, n. 1, p. 89-103, 2012.

PINTO, J. R. **Processos educativos em espaços expositivos: a mediação como forma de arte-educação**. V Colóquio sobre o Ensino da Arte e I Encontro Regional da FAEB Regional Sul. **Anais...**, Florianópolis, 2009, p. 176-186. Disponível em: <https://sistemas.virtual.udesc.br/encontro_anais/artigo18.pdf>. Acesso em: 24 set. 2017.

PINTO, J. R. O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 81-108, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3341/2404>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

PIOVESAN, F. Ações Afirmativas na Perspectiva dos direitos humanos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, p. 43-55, jan./abr. 2005.

POMIAN, K. **Memória**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v. 42, p. 507-516, 2000.

RAMOS, F. R. L. **A Doação do objeto**. Argos. Chapecó: 2004.

RATNER, C. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky – Aplicações contemporâneas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REQUEIJO, F.; NASCIMENTO, C. M. P.; COSTA, A. F.; AMORIM, A. G.; VASCONCELLOS, M. M. N. Professores, visitas orientadas e museu de ciência: uma proposta de estudo da colaboração entre museu e escola. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. **Anais...**, Florianópolis, UFSC, 2009.

- SANTOS, V. S. **Educação escolar e não escolar: duas faces da educação integral?** 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus do Pantanal, UFMS, Corumbá, 2016.
- SCHMITZ, P. I. et al. Aterros indígenas no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Pesquisas**, São Leopoldo, v. 54, 1998.
- SILVA, A. T. **Ação educativa: uma análise das práticas do museu oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios e Centros Associados**, Rio Grande-RS. Monografia. Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas. Pelotas: Ufpel, 2011.
- SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M. 1998. **Delimitação do Pantanal Brasileiro e Suas Sub-Regiões**. **Pesq. Agropec. Bras**, v. 33, p. 1703-1711, 1998.
- SILVA, M. B. P. **Museu e ação pedagógica: uma parceria de sucesso**. 2006. Disponível em: <http://revistamuseu.com/artigos/art_.asp?id=8948>_Acesso em: 05 jun. 2017.
- SILVA, K. K. S.; GONÇALVES, J. P. Atividades de ensino realizadas no Museu de História do Pantanal/MUHPAN e questões indígenas. **Revista Dynamis**. FURB, Blumenau, v. 23, n. 2, p. 39-53, 2017.
- SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 331-351, 2004.
- STUDART, D. C. **Reflexões sobre o papel educativo e comunicativo dos museus e sobre o trabalho do CECA- Brasil**. In: A comunicação em questão: exposição e educação, propostas e compromissos. São Paulo: MAE/USP, p. 137-150, 2003.
- TARGAS, Z. I. M. S. **As casas comerciais importadoras/expotadoras de Corumbá (1904-1915)**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados. 2012.
- UNESP. D-04 - Lev Vigotski - Desenvolvimento da linguagem. Playlist do Curso de Pedagogia Univesp. **Youtube**, 19 jul. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_BZtQf5NcvE>. Acesso em: 24 set. 2017.
- VAN-PRAET, M. e POU CET, B. **Les Musées, Lieux de Contre-Éducation et de Partenariat Avec L'École**, In: **Education & Pédagogies – dés élèves au musée**, No. 16, Centre International D'Études Pédagogiques, 1992.
- VERGNAUD, G. Piaget e Vygotsky: Convergências e controvérsias. **Revista Geempa**, Porto Alegre, n. 2, p. 76-83, nov. 1993.
- VIEIRA, H. I. A. **Exposições Formas de comunicar e educar em museus**. 2009. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICE I – Questionário Sobre Conhecimentos Prévios, Antes da Visita ao Museu

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL – CORUMBÁ - MS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PESQUISA: Museu de História do Pantanal (Muhpan) e Análise da Interação Entre o Visitante, Mediador e Objeto da Exposição: Quais Conhecimentos são Obtidos Durante as Visitas Livres e Orientadas?

AUTORA: Ketylen Karyne Santos da Silva

**Questionário Para Identificar a Bagagem Cultural dos Alunos Sobre a História
Retratada Pelo Museu de História do Pantanal**

1. Você tem o hábito de visitar museus e centro culturais da cidade de Corumbá? Justifique.

2. Você já visitou o Museu de História do Pantanal? Em caso afirmativo, quantas vezes?

3. Já ouviu falar do Muhpan? Qual a história retratada pelo Museu de História do Pantanal?

4. Qual a profissão dos seus avós?

5. Qual a profissão dos seus pais?

6. O que você já ouviu falar sobre a história de Corumbá?

7. Descreva o seu conhecimento sobre o Pantanal.

8. Descreva o seu conhecimento sobre a arqueologia pantaneira.

9. Descreva o seu conhecimento sobre os indígenas do Pantanal.

10. Descreva o seu entendimento sobre o Trem do Pantanal.

11. Descreva o seu entendimento sobre a Guerra do Paraguai.

12. Descreva o seu entendimento sobre o Porto de Corumbá.

13. Descreva o seu entendimento sobre as primeiras fazendas no Pantanal.

APÊNDICE II – Solicitação Para Realização da Pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL – CORUMBÁ - MS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PESQUISA: Museu de História do Pantanal (Muhpan) e Análise da Interação Entre o Visitante, Mediador e Objeto da Exposição: Quais Conhecimentos são Obtidos Durante as Visitas Livres e Orientadas?

AUTORA: Ketylen Karyne Santos da Silva

SOLICITAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Prezado Sr.
Diretor da Escola Estadual

Venho por meio desta, informar que eu, Ketylen Karyne dos Santos da Silva, portadora do RGA 2015.0754, sou aluna regular do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal, e estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “Museu de História do Pantanal (Muhpan) e Análise da Interação Entre o Visitante, Mediador e Objeto da Exposição: Quais Conhecimentos são Obtidos Durante as Visitas Livres e Orientadas?”, sob a orientação da Prof. Dr^a. Josiane Peres Gonçalves.

O objetivo da pesquisa consiste em investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição durante a visita de alunos do 2º ano do ensino médio no Museu de História do Pantanal, comparando quais conhecimentos são assimilados pelos alunos durante a visita livre e visita orientada, evidenciando se as visitas livres e orientadas têm contribuído para a construção do conhecimento sobre a História Regional Pantaneira, via educação em espaços não escolares como o museu.

Assim, solicito vossa autorização para realizar a pesquisa de campo com os alunos do 2º ano do ensino médio do período matutino, a qual acontecerá em três momentos: 1) preenchimento de um questionário individual na própria escola; 2) visita ao Muhpan e preenchimento de um segundo questionário; c) realização de entrevistas com alguns alunos meses após a visita museu.

Coloco-me a disposição para adequar-me ao calendário escolar, para assim não interferir bruscamente na rotina das aulas dos alunos. Comprometo-me a encaminhar uma cópia da pesquisa encadernada a fim de compor o acervo da biblioteca desta unidade escolar.

No aguardo do consentimento, agradecemos de pronto a atenção dispensada.

Estamos à disposição para quaisquer informações adicionais que se fizerem necessárias pelo fone (67) 9 9920-8865.

Desde já agradecemos pela atenção.

Corumbá, ____ / ____ / _____

Ketylen Karyne Santos da Silva
RGA: 2015.0754

Prof^a Dra. Josiane Peres Gonçalves
Orientadora

Nome
Diretor da Escola Estadual
(carimbo da escola)

APÊNDICE III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL – CORUMBÁ - MS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PESQUISA: Museu de História do Pantanal (Muhpan) e Análise da Interação Entre o Visitante, Mediador e Objeto da Exposição: Quais Conhecimentos são Obtidos Durante as Visitas Livres e Orientadas?

AUTORA: Ketylen Karyne Santos da Silva

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a), a participar voluntariamente de uma pesquisa em desenvolvida por Ketylen Karyne Santos da Silva, aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal, intitulada “Museu de História do Pantanal (Muhpan) e Análise da Interação Entre o Visitante, Mediador e Objeto da Exposição: Quais Conhecimentos são Obtidos Durante as Visitas Livres e Orientadas?” Sua participação não é obrigatória e mesmo que você venha a aceitar participar, a qualquer momento poderá desistir e retirar seu consentimento. O (A) Sr. (a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para si ou sua família, tampouco em sua relação com a pesquisadora.

Para abordar tal temática, estabeleceu-se como objetivo geral deste estudo investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada. Sua contribuição nesta pesquisa consiste em participar como respondente de dois questionários impressos. As informações obtidas serão confidenciais, sendo assegurado total sigilo quanto a sua participação e não sendo assim os dados divulgados de maneira individual ou de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo de consentimento, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão

arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

O desenvolvimento da pesquisa não envolve riscos e/ou desconfortos previsíveis à sua saúde. Não será garantido qualquer tipo de tratamento gratuito, cuidado médico ou de saúde em geral aos participantes da pesquisa, bem como você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento algum pelo mesmo.

Em caso de denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, localizado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPP, Cidade Universitária, Campo Grande – MS, telefone (67) 3345-7186 e (67) 33457187, ou via e-mail: bioetica@propp.ufms.br.

Nome da pesquisadora: Ketylen Karyne Santos da Silva.

Endereço:, Corumbá/MS - CEP:79321-856.

Telefone:, **E-mail:** ketylenk@hotmail.com

Declaração de Consentimento: Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa, tendo assim concordado em participar de livre e espontânea vontade. Confirmando também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome do Responsável (em letra de forma):

Nome do menor (em letra de forma):

Assinatura do Responsável: _____ Data: __/__/____

Nome da Pesquisadora: Ketylen Karyne Santos da Silva.

Assinatura da Pesquisadora: _____ Data: __/__/____